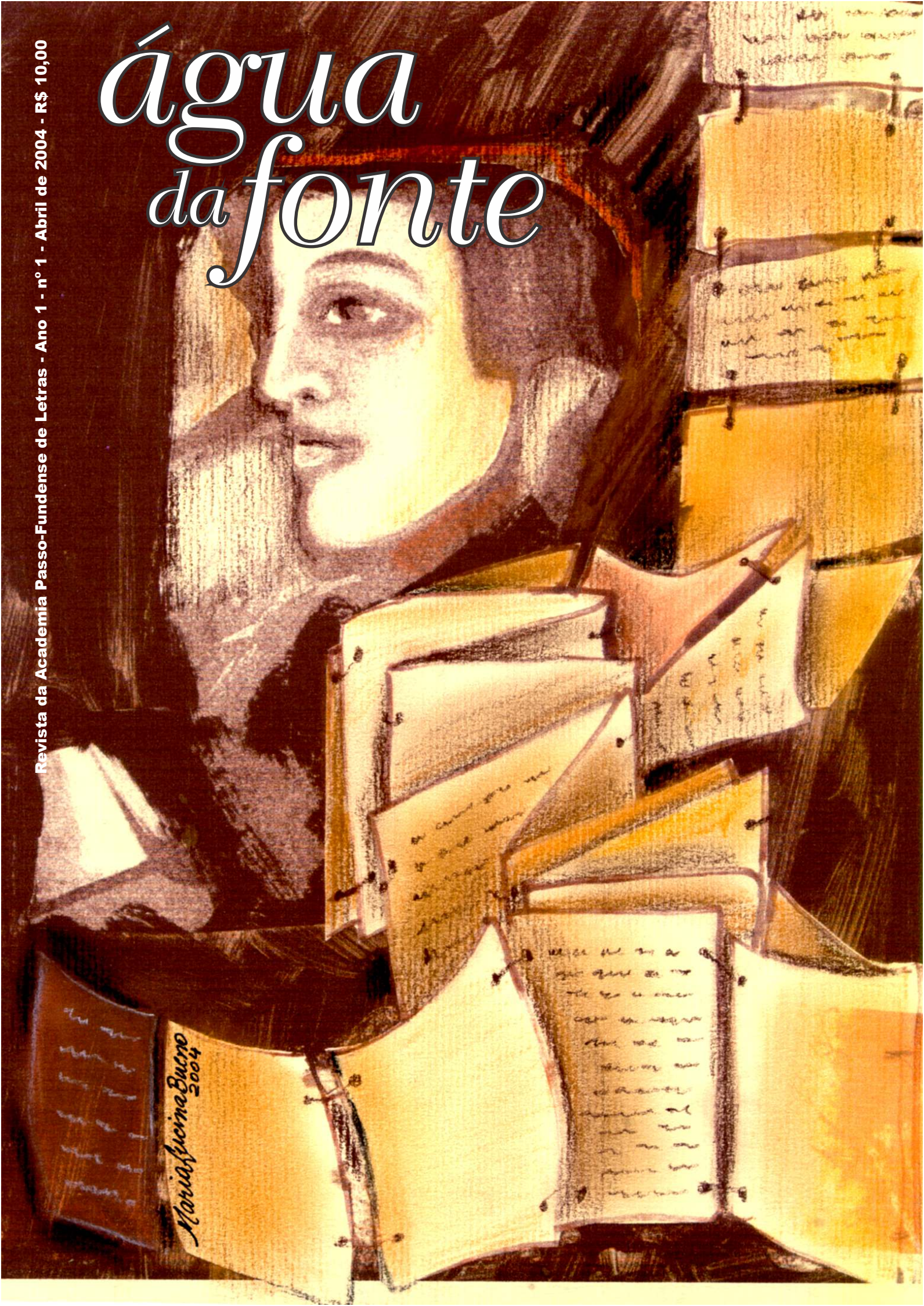


Revista da Academia Passo-Fundense de Letras - Ano 1 - n° 1 - Abril de 2004 - R\$ 10,00

água da fonte



Maria Lucina Bueno
2004



Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

Presidente:

Antonio Augusto Meirelles Duarte

Vice-presidente:

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo

Secretária geral:

Santina Rodrigues Dal Paz

Tesoureiro:

Welci Nascimento

Membros:

Ana Carolina Martins da Silva
Antonio Augusto Meirelles Duarte
Carlos Alceu Machado
Carlos Roberto da S. Hecktheuer
Craci Teresinha O. Dinarte
Daniel Viuniski
Edgar Oliveira Garcia
Elizabeth Souza Ferreira
Eurípedes Facchini
Getúlio Vargas Zauza
Gilberto R. Cunha
Helena Rotta de Camargo
Hugo Roberto Kurtz Lisbôa
Irineu Gehlen
Jabs Paim Bandeira
Jorge Alberto Salton
Jurema Carpes do Valle
Lindolfo Kurtz
Luiz Marcelo Algarve
Luiz Juarez Nogueira de Azevedo
Milton Guimarães da Silva
Ney Eduardo Possapp d'Avila
Orfelina Vieira Melo
Osvandré Lech
Paulo Monteiro
Pedro Ari Verissimo da Fonseca
Ricardo José Stolfo
Rogério Sikora
Romeu Carlos Alziro Gehlen
Santina Rodrigues Dal Paz
Santo Claudino Verzeleti
Welci Nascimento

Editorial

Escritores passo-fundenses

Quem escreve, em Passo Fundo, vive às voltas com uma triste constatação: a maioria dos escritores locais não existe para o mercado. E mesmo que isso não surpreenda ninguém, há que se lamentar, pois, em outras palavras, significa dizer que o trabalho dos nossos autores não interessa nem mesmo aos passo-fundenses. Ou, na hipótese mais otimista, desperta pouco interesse. Pergunte aos escritores locais como têm sido as suas experiências editoriais. Ou melhor: repare nos espaços que nossas livrarias dedicam a essas publicações. E mais: converse com os donos de livrarias sobre a venda dessas obras. Mesmo que existam exceções, essas continuam sendo nada mais que honrosas exceções.

De fato, literatura e livros, diferentemente de outros bens de consumo, quer sejam de primeira necessidade ou de lazer, não são produtos que despertem interesse em muita gente. Talvez até muitos gostem de escrever, mas, pelo que parece, nem todos têm o hábito da leitura. E, ainda menos, o costume de ler autores locais. E os poucos que lêem, quando o fazem, por razões que aqui não vêm ao caso, preferem escritores de fora. Assim procedem, quer pela indiscutível superioridade literária de autores consagrados como sucesso de vendas, quer estimulados pelos apelos publicitários das grandes editoras.

A indiferença do público relega os escritores passo-fundenses a um

certo destino trágico. Gente que começa entusiasmada e se decepciona, caindo na amargura de escrever para si mesma ou para poucos pares. Não obstante a decepção que o distanciamento dos leitores possa causar num autor, se sobrepõe essa importante questão: uma coisa é o seu futuro como escritor e outra é o destino da sua obra. A maioria dos escritores passo-fundenses sabe de antemão que nenhum livro seu será um êxito de vendas. Se isso acontecer, será uma exceção e não a regra. Mesmo assim, muitos continuarão escrevendo, apesar da melancolia dessa quase certeza. E continuarão escrevendo, porque não o fazem simplesmente para agradar opiniões de terceiros, e sim, porque acreditam naquilo que fazem. São conscientes do conteúdo das suas obras. Se o reconhecimento de valor não for imediato, não interessa. Um dia, quem sabe, seus livros serão importantes para alguém.

Mais um 7 de abril que chega. A data marca o 66º aniversário da Academia Passo-Fundense de Letras (APL) e o Dia do Escritor Passo-Fundense. A revista **Água da Fonte**, com uma mostra diversificada de autores locais, outra vez, cumpre a função de aproximar do público os nossos escritores. Na qualidade de veículo oficial de divulgação da APL, está empenhada no grande projeto de formação de leitores. E, queira Deus, consiga êxito, estimulando a leitura a partir dos escritores que convivem em nosso meio.

Água da Fonte

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Ano 1 - nº 1 - Abril de 2004

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro

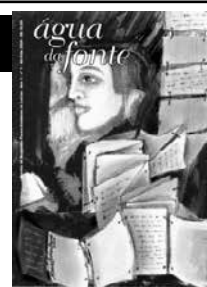
Conselho editorial: Santina R. Dal Paz, Helena Rotta de Camargo, Pedro Ari Verissimo da Fonseca, Jurema Carpes do Valle, Santo Claudino Verzeleti, Welci Nascimento e Getúlio Vargas Zauza.

Revisão: Helena Rotta de Camargo

Arte-final e diagramação: Everaldo Siqueira

Capa: Maria Lucina Busato Bueno

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



Nelson Hoffmann

Nelson Hoffmann, ao lado de João Weber Griebeler, e a equipe da Casa de Cultura Roque Gonzáles, é um dos responsáveis pela inclusão daquela cidade missioneira na literatura internacional. Escritores roque-gonzalenses são divulgados internacionalmente, como é o caso do próprio Nelson, com livro traduzido para o italiano. Recebeu a Revista da Academia Passo-Fundense de Letras e felicitou o sodalício pela qualidade gráfica e literária do periódico.

Romeu Pitthan

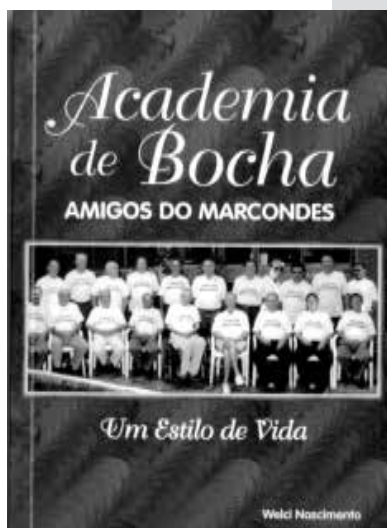
Poeta, orador, político, ex-presidente da Academia, Romeu Pitthan esteve em Passo Fundo, onde gravou alguns dos seus poemas e outros de seu pai, André Pitthan, para a TV Câmara. Prontificou-se a ser o embaixador da APL em Porto Alegre. Romeu é um dos muitos acadêmicos vivendo fora de Passo Fundo que podem contribuir para o fortalecimento de nossa literatura. Ofertou à biblioteca acadêmica o livro Poetas do Ministério Público, onde comparece junto com os confrades Benedito Hespanha, Edgar de Oliveira Garcia e Itálico Marcon.

Paulo Prado Machado

Paulo Prado Machado está de volta a Santo Ângelo, mas não perdeu o contato com a Academia. De lá, envia seus trabalhos e notícias de suas atividades. Está sendo nosso embaixador nas Missões. Apaixonado pelo Cinema, promoveu em Santo Ângelo a Exposição dos 86 Anos da História do Cinema Missioneiro. E já se prontificou a trazê-la a Passo Fundo. Só falta o apoio cultural.

Tomates Acadêmicos

Durante o período em que o prédio-sede da Academia esteve para desabar, cresceu (guaxo) um tomateiro, cuidadosamente protegido pelo confrade Santo Verzeleti. O tomateiro rendeu vários quilogramas de seus frutos suculentos e muita inspiração para o Santo. Era a prova de que a cultura consegue sobreviver à incúria, graças ao amor de uma única pessoa.

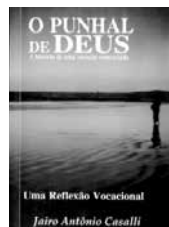


Academia de Bocha

É. Existe mesmo uma Academia de Bocha. E aqui, em Passo Fundo. Tem até sede. Fica na localidade de Capão Bonito, proximidades da Cidade. A história está no livro Academia de Bocha – Amigos do Marcondes – Um Estilo de Vida, escrito por Welci Nascimento. Após narrar as origens do jogo, Welci entra na história propriamente dita da Academia: “É simples: manda quem pode (Marcondes) e obedece quem precisa (nós). É um sistema híbrido: democrático-anarquista”. Uma bela leitura...

O Punhal de Deus

Jairo Antônio Casalli, que há muitos anos reside em Passo Fundo, acaba de publicar o livro O Punhal de Deus, reunindo suas experiências nos movimentos de católicos leigos. O livro está alcançando repercussão, especialmente junto aos movimentos vocacionais da Igreja Católica.



Contista

Dentro do Projecto Cultural Sur-Brasil nossa confreira Ana Carolina Martins da Silva se lançou como contista, participando do volume cooperativo Antologia em Prosa. O conto intitula-se Rumo a Bagdá, uma boa mistura de regionalismo e realismo fantástico.

Jorge Baleeiro de Lacerda

O escritor e pesquisador Jorge Baleeiro de Lacerda, que reside em Francisco Beltrão, Paraná, recebeu a Revista da Academia Passo-Fundense de Letras. Gostou. Deverá retornar a Passo Fundo para pesquisar sobre Getúlio Vargas. Aliás, dizem alguns, que o “Pai dos Pobres” teria nascido aqui, embora registrado em São Borja. Talvez Baleeiro esteja em busca do esclarecimento desse mistério biográfico...

Escritores na TV

A Câmara de Vereadores fez sua parte no cumprimento da lei que criou o Dia Municipal do Escritor, na data de 7 de abril, que marca a fundação da Academia Passo-Fundense de Letras. Abriu os estúdios da TV Câmara para debates, declamações e leituras de textos produzidos por escritores locais. Os jornalistas da Câmara de Vereadores, assessorados pelos acadêmicos Paulo Monteiro e Gilberto Cunha, editores de **Água da Fonte**, ouviram escritores da Academia, do Creati e outros não filiados a entidades culturais, além de professores da Universidade de Passo Fundo. Foram gravados diversos programas que já estão sendo levados ao ar.

Encruzilhada: Esperança

Dagmar Camargo, membro de uma família de artistas passo-fundenses, publicou Encruzilhada: Esperança, narrando o surgimento do MST, entre Passo Fundo e Ronda Alta. Fartamente ilustrado, o livro de Dagmar é fundamental para o entendimento do maior movimento social brasileiro das últimas décadas.

Lançamento da Revista

O lançamento da Revista **Água da Fonte** da Academia Passo-Fundense de Letras, na noite de 11 de dezembro de 2003, revestiu-se de pleno êxito. Apesar da chuva torrencial, mais de cem pessoas se fizeram presentes. O jornalista Antonio Augusto Meirelles Duarte, presidente do sodalício, salientou a importância do evento, e o jornalista Paulo Monteiro, falando em nome da Comissão Editorial, destacou o esforço coletivo dos acadêmicos, tanto do ponto de vista material quanto intelectual para que a revista fosse lançada.



Vemos parte dos acadêmicos presentes ao lançamento da revista, juntamente com a professora Tania Rösing, coordenadora da Jornada Nacional de Literatura. Da esquerda para a direita: Santina Rodrigues Dal Paz, Jurema Carpes do Valle, Antonio Augusto Meirelles Duarte, Tania Rösing, Luis Marcelo Algarve, Jabs Paim Bandeira, Paulo Monteiro, Welci Nascimento, Ricardo Stolfo, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Helena Rotta de Camargo, Carlos Alceu Machado e Osvandré Lech.

Opiniões

Dom Ercílio



“Desejo cumprimentar a Academia Passo-Fundense de Letras e seus ilustres membros pelo surgimento da revista **Água da Fonte**. Considero de vital importância este esforço de deixar registradas numa revista as atividades acadêmicas e a produção literária dos acadêmicos, bem como tudo o que se refere aos valores culturais preconizados pela Academia.

Que esta iniciativa encontre o apoio da sociedade Passo-fundense e possa contribuir para elevar ainda mais a cultura de nossa cidade.”

Dom Pedro Ercílio Simon,
bispo de Passo Fundo



Tania Rösing

“Tornar pública a identidade cultural de uma determinada comunidade por intermédio da publicação de uma revista é uma forma digna de compartilhar pensamentos, emoções. **Água da Fonte** resgata a história cultural de Passo Fundo colocando em destaque escritores e produtores culturais passo-fundenses demonstrando um compromisso em divulgar o que pensam os acadêmicos atuantes da Academia Passo-Fundense de Letras, o que pretendem continuar fazendo pela literatura produzida em nossa terra, constituindo-se em estímulo ao surgimento de novos escritores e agentes culturais.

Recebam os organizadores do primeiro número o nosso reconhecimento e o nosso desejo de ler, em breve, o segundo.”

Tania Rösing, professora de Literatura da UPF e Coordenadora das Jornadas Nacionais de Literatura

Sumário

Editorial	1
Informe acadêmico	2
A Fonte das Águas	5
Alguns poetas passo-fundenses	7
A poesia e os poetas passo-fundenses	11
História brasileira, romance estrangeiro	14
Usuários de coletivos urbanos são recebidos com poemas	16
E o psicopata?	18
Mortes em Viena	19
O gaúcho	20
Um romance passo-fundense	22
Júlia Lopes de Almeida	23
Todos os Direitos Humanos são Iguais	24
Equitação: o cavalo, nosso companheiro	25
A Torre de Babel e seu simbolismo	26
O passo-fundense que revolucionou o Brasil	28
Qualquer um, menos Bush	31
A hereditariedade do gênio	32
Os Bernoullis	33
A busca da perfeição na criatividade	34
Sociedade São Vicente de Paulo 88 anos em Passo Fundo	36
Onde estão os artistas excluídos da grande mídia?	37
Quando a arte é um ato vital	40
O último sorriso de Beatriz	42
Batalha do Pulador	43
Editora de Província	44
Entrevista: Murilo Annes	45
À Margem das "Memórias" de José Garibaldi	49
O tradicionalismo gaúcho	51
Tipos populares de Passo Fundo	52
O sorriso de Mona Lisa	53
A boa-fé no novo código civil brasileiro	54
Reserva Especial de Vinhos	55
Quando morre um Papa	56
Comportamento	57
O homem e sua Própria Luz	58
Carlos Gomes e "IL GUARANI"	59
Correrias missioneiras	62
Prosas poéticas	63
Entre Deus e o Macaco	64
Metodologia aplicada	65
Os Sertões: o centenário de um clássico	66
O presente	70
O nome dela	71
O grande Túlio Fontoura	72
Meu nome é Gisele	76
Os imigrantes de Sarandi	78
O Vinho	79
É tempo da terceira idade	80
Denominava-se "Passo Fundo" o primeiro clube de futebol fundado na cidade	83
Simões Lopes Neto: o regionalista maior	84
Traços Biográficos de Clóvis Beviláqua	88
Leandro Dóro	92



A Fonte das Águas

VERÍSSIMO DA FONSECA

magia da palavra está na visão que temos quando a ouvimos.

A palavra tem sons, tem visão, tem música, tem sentimento.

Concretiza-se em ações ou se abstrai em sentimentos indefiníveis: amor, amizade, religião; em sensação de felicidade. A palavra levanta um corrupio de tudo isso, rodopiando, rodopiando dentro de nós, até que se dissipe e/ou se materialize.

Quando a comissão organizadora da revista da APL apresentou o nome Água da Fonte, fui varrido por um corrupio de visões, sentimentos, abstrações metafóricas. Em segundos, vi e senti Passo Fundo, desde o tempo em que era terras de Espanha, até os nossos dias. Sem águas de fontes tudo é deserto. A água das fontes é a fonte da vida.

A importância geopolítica e estratégica das fontes de água de Passo Fundo, desde a pré-história, aflorou no momento em que a geopolítica da Espanha, carente de gente para garantir a posse das terras descobertas, mandou que aqui fundassem uma redução jesuítica, com o objetivo militar de impedir a geopolítica de D. João III, rei de Portugal, e de impor seus domínios desde o rio Marañón (Amazonas) até o rio de Solis (Estuário do Prata), e subindo pelo Solis até a foz do Paranã (Paraná), onde chantou a quina portuguesa demarcadora de limites.

Por mar, o ponto estratégico da conquista do sul foi o Puerto de los Patos, batizada por Solis, de Isla de Santa Catalina (Ilha de Santa Catarina), onde

se abasteciam as frotas espanholas que demandavam à exploração do rio de Solis; e de onde partiam as expedições para as entranhas do continente, em busca da prata dos Andes, e das litorrâneas, à procura de pontos de apoio para o domínio da bacia do rio Solis, estuário da prata. Nas primeiras cartas de navegação, do Puerto de los Patos até o rio de Solis, apenas dois acidentes marcam a imensa costa: La Langone de Biassape (Lagoa de Viaçá, Laguna) e o Rio Grande, formado por duas vertentes inominadas (Lagoa dos Patos e Mirim). O interior do Rio Grande, o do sul (o do sul, acrescentado pelos burocratas portugueses para distinguir do Rio Grande do Registro), estava protegido das penetrações exploradoras, pelos Aparados da Serra e pela floresta da bacia dos rios Pelotas/Uruguai.

Para tomar posse das terras da banda oriental do rio Uruguai, necessário se fazia cruzar o rio Pelotas/Uruguai,

atravessar a floresta montuosa (Picada de Santa Victória) da Coxilha de Santana, o Mato Português, o Campo do Meio (um campestre da floresta), o Mato Castelhana, e dominar o passo do Goyo En (passo do rio Passo Fundo, distrito do Butiá). Este era o ponto de convergência dos caminhos índios, que vinham do passo de Santa Vitória/Pontão e do Goyo En, e de onde se ia, pelo caapi, caminhando contra o sol poente (caminho do mato dos índios que se inicia em Santo Cristo e vem para o Goio En) até a atual República Oriental do Uruguai, sem molhar as botas dos intrépidos conquistadores portugueses. Era também ponto de abastecimento e partida das últimas bandeiras que por aqui passaram, rumo à conquista das missões da bacia do Ijuí, fechando a pinça das bandeiras anteriores que subiram pelo Jacuí, e expulsando os espanhóis da banda oriental do rio Uruguai, até o MONTE VI D E O (Monte VI de Este



para Oeste = MONTEVIDEO), ponto estratégico assinalado pelos primeiros cartógrafos a serviço da Espanha, entre 1502 e 1530.

Após o período jesuítico (1628-1637), até a volta da expedição demarcadora do tratado de Santo Ildefonso, que retornou em 1787, somente os contrabandistas por aqui passaram, com tropas de mula. O engenheiro José Saldanha, chefe da expedição demarcadora, assinalou no mapa o local do Passo Fundo, e anotou no seu diário o início de uma picada, partindo do Campo do Meio, por onde os contrabandistas seguiam, para desviar as tropas do fisco, no passo de Santa Victória.

Da cidade de Passo Fundo, situada no dorso da Coxilha Grande, emergem as fontes de água que partem e buscam seus destinos através dos estuários do rio da Prata e do Rio Grande, e saciam a sede das diversas culturas ao longo do seu trajeto, e unindo as três pátrias onde floresceu a nação gaúcha.

Se as fontes de água irrigam e dão vida à terra, as fontes da cultura irradiam e dão vida ao ser humano. Beber água da fonte é sinônimo de pureza de saber, solidez de conhecimentos, sentimento de amor pela verdade, busca do belo. Água da Fonte, fonte de cultura no conceito de Suzanne Langer, “a expressão simbólica de modos de sentir habituais, desenvolvidos”.

E aqui nesta coxilha, as culturas habituais, desenvolvidas, foram emergindo como a água das fontes em tempo de chuvarada. O primeiro morador ergueu o rancho no alto da coxilha e próximo à fonte de água pura. E a fonte foi fonte de prazer no encontro entre os moradores, e de idéias que se concretizaram em ações, ações que deram início a esta maravilhosa cidade.

Mais tarde, fonte de trabalho das lavadeiras, que deu origem à primeira lenda, a da Mãe-Preta, ainda hoje assinalada pelo chafariz existente no local, saciando o imaginário mítico do povo.

Mais uma caminhada adiante, chega-se à outra fonte de água, onde ocorreu o milagre de São Miguel, até hoje anualmente cultuado, com procissão e festa. É a fonte nutrindo a sede da crença e a sede da fé, alimentos da alma, desde o princípio da humanidade.

Viajante que vem pelo caapi, das bandas onde o sol se põe, primeiro bebe a água da Fé, a seguir, a da Crença. Chega à cidade e sorve um chimarrão, revigorando o corpo cansado com a seiva da terra. E saciado de corpo e alma, nunca mais esquece Passo Fundo.

E dos modos de sentir habituais, desenvolvidos, transformados em ação, temos registro histórico da exportação para a fronteira, de erva-mate em 1835, atestando a pujança e o desenvolvimento da primeira indústria dirigida à exportação. Seguiram-se as tropas de mula aqui a estanciar e se abastecer, antes de empreender a longa caminhada através do sertão de Santa Catarina. E, por meio, das indústrias primitivas e extrativistas representantes de uma época, os moradores que “beberam a água da fonte” acompanharam o progresso material e a evolução intelectual.

Ainda reside aqui uma das fontes do tradicionalismo idealizado por Luiz Carlos Barbosa Lessa, que se materializa nos galpões crioulos, no rodeio da Roselândia, nos desfiles do 20 de Setembro, na sede brasileira do Folclore Internacional, fechando o ciclo da cultura popular. A par dessas, vemos brotarem com pujança as fontes do conhecimento, que emanam da Universidade, da erudição cultural dos países de língua portuguesa, das Jornadas de Literatura e, em fase de concretização, do Portal das Linguagens.

Por fim, coroando a cultura acadêmica, representada pela Academia Passo-Fundense de Letras, a revista literária Água da Fonte veio crescer seu pequeno veio ao caudaloso manancial de arte e cultura que percorre, com exuberância, emoção e ímpeto, a

Poesia

MÍLTON SILVA

Negro Sentimento

Estacionado o carro no acostamento
da estrada vazia de carros,
senti um profundo dolorido,
eis vi uma resignada pobreza resignada
pois vendia só frutas poucas
na beira da estrada.
A banca era tristonha.
A casa perto, tristonha.
Eram seis horas, tudo parado ali.
O sol estava amarelo-desolado.
O rio ao fundo, para que lado ia?
Senti um profundo dolorido.
Entrei no carro, vim.
Cheguei, mas o triste lá
me veio agora,
como um escuro empanamento da alma.

Agora Eu Sei Um Pouco

Agora eu sei um pouco.
Enquanto esperava a poesia,
em estado de prazer intelectual,
escrivantina posta,
milhares esperavam comida
em estado de fome
em mesa (?) não posta.
A poesia? Vinha ou não vinha,
enquanto que a comida
(de muito mais interrogação)
vinha ou não vinha.

Minha Admiração

Minha maior admiração reservo
para as mulheres que são belas
meus óculos ponho para Carlos Drummond
e um chapéu dado por Deus
tiro para o meu pai, Chico.

Pensamento I

Os sonhos são incorpóreos
e no entanto servem de base
para as concretizações mais difíceis.

Pensamento II

Missa é o encontro de pessoas
para cultivar um Deus Mantenedor inexistente.

Alguns poetas passo-fundenses

PAULO MONTEIRO

urante a Semana das Letras Passo-Fundenses, promovida pela Academia Passo-Fundense de Letras, 7ª Coordenadoria Regional de Educação e Secretaria Municipal de Educação, realizada entre os dias 1º e 7 de abril de 2002, realizei uma palestra, em parte publicada no nº 0 de Água da Fonte, sob o título Dois romancistas passo-fundenses, analisando os romances de Jurandyr Algarve e Jorge Edeth Cafruni. Com o presente estudo, concluo a publicação do núcleo central daquela dissertação.

Creio que, ao analisar, ainda que rapidamente, alguns dos poetas e romancistas mais conhecidos de Passo Fundo, contribuo para um melhor conhecimento de nossa literatura local. Seguindo uma tradição da historiografia literária iniciada há quase um século por José Veríssimo, e que se mostrou positiva, acredito que o estudo de escritores representativos e aceitos como canônicos, de uma determinada literatura, é suficiente para o entendimento dessa mesma literatura.

Optei por romancistas e poetas já falecidos, pois suas produções literárias estão concluídas, são imexíveis. Todos eles são reconhecidos como integrando o grupo mais representativo dos escritores passo-fundenses, o nosso cânone literário.

A literatura passo-fundense começa com um poeta: Bento Porto da Fontoura, nascido aqui, possivelmente no dia 12 de janeiro de 1840, e falecido no Rio de Janeiro, em 25 de março de 1913. Seu livro de poemas, Flores Incultas, foi publicado em 1875, pela Tipografia Jornal do Comércio, de Porto Alegre. Procurei essa obra entre bibliófilos e bibliotecas, sem êxito. O exemplar existente, que pertenceu a Guilhermino César, desapareceu antes de chegar à Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre.

Antonino Xavier

A poesia passo-fundense continuará

com Francisco Antonino Xavier e Oliveira, que também nasceu aqui, no dia 5 de setembro de 1876, vivendo até 9 de julho de 1959. Foi um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras e é conhecido como nosso primeiro historiador local. Cognominado “o pai da história de Passo Fundo”, deixou vários livros sobre a formação histórica do antigo município e de sua área urbana.

Antonino inicia seu livro *Pelo Passado* (Oficinas da Livraria ABC, Passo Fundo, 1922), com uma série de seis quadras:

Lá de traz daquele serro
se levanta uma fumaça,
contando que João d’Outroira
já vem perto desta praça.

Traz ele bem afinada
a viola do tempo antigo,
com a qual, quando era moço,
não temeu nenhum perigo.

Abra cancha, minha gente;
que não haja tropelia.
João d’Outroira só pretende
liquidar um’ arrelia.

Foi pealado de surpresa
quando passava na estrada,
agora vem ver se é certo
que acabou-se a gauchada.

O guiso de cascavel
já treme dentro do pinho,
ansiando pela porfia
de daqui a bocadinho.

Abra cancha, minha gente,
que é de paz o João d’Outroira,
corra o mate-chimarrão
que a pega começa agora.

São quadras calcadas sobre versos folclóricos, como a série de trovas que começa com o conhecidíssimo: “Lá atrás daquele serro...” E assim vai João d’Outroira (pseudônimo usado por Antonino), imitando, parodiando nossa poesia popular anônima.

Livro inteiramente em versos é Car-



tas Gaúchas (Tipografia A Nacional, Passo Fundo, 1929), “Homenagem à Aliança Liberal e seus denodados batalhadores, que, hoje, formam a guarda avançada das instituições republicanas da Pátria, na mais necessária de todas as reivindicações”.

Antonino foi um típico poeta de circunstância, embora soubesse ver-sejar, o que fica demonstrado por estrofes como esta:

Minha consciência me disse
que aos liberais eu pedisse,
nestes versos de campeiro,
consciência mais elevada
nesta causa tão sagrada
para o povo brasileiro.

Precursor da nossa poesia gauchesca, ao final de seu livro reúne uma série de “palavras e frases populares”, que comprovam sua filiação ao regionalismo poético.

Gabriel Bastos

Nascido em Santa Maria (RS), no dia 9 de janeiro de 1858, e falecido em Passo Fundo, no dia 25 de julho de 1950, Gabriel Bastos, também fundador do Grêmio Passo-Fundense de Letras, **AGUA DA FONTE** Abril de 2004 **7**

foi um poeta bissexto. Seu livro *Da mocidade à velhice* (Tipografia Independência, Passo Fundo, 1944), reúne quase três dezenas de poemas de sua lavra e alguns de seu pai. Muitos foram escritos circunstancialmente, ao longo de 40 anos. Publicou, ainda, *A Atlântida*, sobre o “continente desaparecido” (Of. Gráfica da CITA Editora Ltda, Porto Alegre, s/d- 1948?-).

Seu soneto, *A VIDA*, de 1936, tem algo da lírica bocageana:

Mar encapelado de agonias,
Oceano de lutas e amargores,
A vida é estendal de dissabores,
Onde duram bem pouco as alegrias.

Se aos lábios nos aflora riso leve,
Logo vem a dor cortar-lhe o surto,
Não deixando, sequer, um só minuto
Passar inteiro, esse momento breve.

Nessa estância de luta, anos e anos,
Nesse viver de amargos desenganos,
Vai o tempo levando a creatura.

Jamais, jamais prazer inteiro existe,
Pois que, a desilusão a tudo assiste,
Até nos encerrar na sepultura.

Antonio Donin

Antonio Donin é outro passo-fundense por adoção. Nasceu em Vila Maria, área do antigo município de Passo Fundo, no dia 15 de fevereiro de 1911. Formado em Filosofia, Teologia e Direito. Veio para cá em 1941. Daqui saiu em 1946, retornando definitivamente em 1952. Educador e advogado. Foi um dos idealizadores da Universidade e do Movimento Tradicionalista Gaúcho, em



Passo Fundo. Foi secretário municipal da educação.

Sua contribuição para o tradicionalismo e a educação passo-fundenses não foi ainda devidamente reconhecida. Publicou *O Brasil em marcha* (Tip. Modelo, Erechim, 1941), *Alma de poeta* (versos, Tip. A.B.C., Erechim, 1946) e *Heroínas* (Tip. Liceu Salesiano de Artes e Ofícios Leão XIII, Rio Grande, 1950).

Antonio Donin nunca aceitou o verso livre. Sempre praticou uma poesia grave. Nos últimos anos de vida dedicou-se intensamente à trova.

Veja-se o poema *As Mestras*:

Pulindo cérebros, moldando as almas,
Numa tarefa quase descomunal,
Mas sempre altivas, álcres e calmas,
As mestras vão cumprindo seu ideal.

As efêmeras glórias e os salões,
Em que palpita a alma juvenil,
Não têm encanto para os corações
Destas heróicas filhas do Brasil.

Elas fazem dos bancos escolares
Fontes de vida e forças imortais,
Porque ali formam nossos ricos lares,
Pela virtude e pelos ideais.

Difundindo o saber, na mocidade,
Dão a seiva do amor da Pátria amada;
Com a fé, o labor e a liberdade,
Dignificam a raça imortalizada.

As mestras são as lídimas obreiras
Da grandeza do povo varonil;
São sempre intrépidas e prazenteiras,
Na defesa da glória do Brasil.

Falecido no dia 8 de agosto de 1987, Antonio Donin foi um poeta conservador. Seus poemas possuem um tom oratório, típico dos neoparnasianos.

Gomercindo dos Reis

Outro poeta conservador, na forma e na temática, foi Gomercindo dos Reis, nascido em Pinheiro Mercado, então interior de Passo Fundo, no dia 4 de fevereiro de 1898. Veio para Passo Fundo em 1920, fixando-se como corretor de imóveis. Libertador, participou da Revolução de 23. Homem de grande coragem cívica, chegou a ser preso ao comandar um movimento social, evitando que a praça da Vila Rodrigues fosse vendida. Combateu o Estado Novo, escrevendo um libelo intitulado *Defendendo a Verdade*, crítica administrativa na vigência do Estado Novo (Empresa



Gráfica Editora, Passo Fundo, 1947) e os livros de poemas *Jardim de urtigas*, versos satíricos e humorísticos (Imprensa Oficial, Porto Alegre, 1957) e *Nuvens e rosas*, versos líricos (Imprensa Oficial, Porto Alegre, 1957). Faleceu no dia 11 de outubro de 1965.

Formal e tematicamente conservador, Gomercindo dos Reis poderia ser colocado entre os poetas da chamada “Belle Époque”, do início do século XX. Sirva de exemplo, esta sátira a seus adversários políticos estado-novistas, escrita em 1940:

Trevas na prefeitura

Na Comuna há mandachuva,
Mas outros mandam também,
Como em tareco de viúva,
Como em casa de ninguém.

Qual cego que vai palpando
Numa eterna noite escura,
Vê-se um prefeito tateando
Nas trevas da Prefeitura.

Se a “turma” pedir que fique
E o povo disser que saia,
Hão de ver que esse cacique
Não há de sair sem vaia.

Se por fora há lama e poeira
Que nos magoa e tortura,
Também, há grande sujeira
Por dentro da Prefeitura...

Seus dois livros de poemas foram publicados em 1957, quando o Modernismo já estava consolidado, os poetas da chamada Geração de 45 produziam

obras significativas, e o Concretismo, com sua poesia visual, avançava pelo país.

Nessa época, escrevia acrósticos em versos decassílabo ao bairro de sua predileção:

Velho Boqueirão

Vendo que a minh'alma se afervora
Eu brado ao Senhor lá do infinito:
Luz e vida que nos deste outrora,
Hoje é glória ao Boqueirão bendito!

O povoado que surgiu na história,
Berço que nasceu da luz da aurora;
O povo já o grava na memória,
Quer amá-lo na existência afora.

Um século de progresso e de glória,
E ainda vê-se aquele povo, agora,
Irmanado e sempre extraordinário!

Relembro os heróis dessa vitória,
A gente, enfim, que ainda revigora
O meu velho Boqueirão lendário.

André Pithan

Outro poeta, libertador também, veterano da Revolução de 23, literariamente conservador, é André Pithan, nascido na Fazenda Capão Grande, à margem da estrada que liga Santa Bárbara a Palmeira das Missões, no dia 9 de julho de 1894, e falecido em Passo Fundo, no dia 21 de dezembro de 1958.

Satírico terrível, talvez por isso não tenha sido aceito para integrar os quadros da Academia Passo-Fundense de Letras, que mais tarde viria a ser presidida por seu filho Romeu Pithan, também poeta. Seu filho, Ruy, que ainda reside em Passo Fundo, é autor de diversos poemas,



inéditos.

Os poemas de André Pithan foram publicados postumamente, no livro Landas (Gráfica Papelaria Andradas, Porto Alegre, s/d-1963?-). Verdadeiro “Bocage de bombachas”, alguns poemas seus continuam inéditos, pois seus herdeiros não quiseram publicá-los, tal a virulência empregada, especialmente contra os adversários políticos do Partido Libertador.

Veja-se este soneto intitulado *Carta de alforria*, a um desafeto que aniversariava no dia 10 de abril:

Hoje tu completas mais um ano,
Meu pobre burro, estúpido animal,
Como não gastas ouro nem estragas
[pano,
Te presenteio uma ração de sal.

Se fosses, como eu, um ser humano,
Em vez de seres burro, ó imoral,
Um relógio, um livro de Herculano,
Escolheria para o teu natal.

Mas nada disso se te não prescreve,
São uns trastes inúteis, sem valia;
Burro não lê, não veste, não escreve,

Nem sabe quantas horas tem o dia,
- Não mais terás meu freio de
[almoceve,
Pois dou-te a vida inteira de alforria.

Severino Ronchi

Severino Ronchi, médico nascido em Itajaí, Santa Catarina, a 4 de dezembro de 1907, casado com Lucila Schleder Ronchi, fundadora do Grêmio Passo-Fundense de Letras, legou-nos um livro de poemas intitulado *Pelos caminhos do horizonte* (Editora Pe. Berthier, 1976, Passo Fundo). Os poemas foram compilados e acompanhados de alguns comentários da própria Lucila.

Severino faleceu no dia 2 de setembro de 1977, e deixou publicado, ainda, o volume *Temas de introdução à Psicologia*, calcado sobre idéias marxista-leninistas.

É outro poeta tradicional, comprovando a tese de que um intelectual com idéias revolucionárias pode ser, esteticamente falando, conservador e até reacionário. Sirva de exemplo o soneto *Origem*, escrito em Santo Cristo, no dia 20 de setembro de 1942:

Surgimos do infinito interminável
Dos mundos siderais em formação;
Dos átomos de força incontável



Que se agitam por própria vibração.

Por séculos de tempo inexorável,
A matéria em tenaz transformação,
Se organiza e d'um ciclo inevitável,
Emerge a vida em grande floração.

Da vida animal, mas pelo trabalho,
Remontamos até A NOSSA
[ESSÊNCIA,
Causando às feras um grande
[espantinho...

Das RELAÇÕES SOCIAIS, em
[convivência,
- Pois este pensar nunca será falho –
É que brota, afinal, NOSSA
[CONSCIÊNCIA.

Lucila, em nota, afirma: “Original do soneto *Origem*, escrito na sobrecapa do Livro de F. Engels: *Feurbach e o fim da filosofia clássica alemã*, ao terminar a leitura, quando lhe chamou a atenção o conteúdo da VI Tese de Marx sobre Feurbach.”

Ele mesmo se definiu em versos que acabaram por servir-lhe de epitáfio:

Por aqui dorme o Ronchi Severino
Que, embora tendo vida muito
[inquieta,
Sempre soube de amor tecer um hino:
- Era doutor, amou e foi poeta!

Tenebro dos Santos Moura

Tenebro dos Santos Moura nasceu em Palmeira das Missões, no dia 21 de março de 1906. Participou das forças que ocuparam a cidade de São Paulo, em 1924; foi um dos fundadores do Partido Libertador, em 1928, e participou de

nova ocupação da Paulicéia, durante a Revolução de 30. Ali escreveu seu primeiro poema, intitulado Saudade. Foi um dos pioneiros do Movimento Tradicionalista Gaúcho na região.

Seus poemas foram reunidos no livro *Querência*, que teve duas edições (1ª: Editora Berthier, 1985, Passo Fundo; 2ª: idem, 1987, Passo Fundo). Tenebro dos Santos Moura continua sendo o mais representativo poeta gauchesco passo-fundense. Até mesmo por ter vivido no meio rural, antes que o processo de mecanização dos nossos campos substituísse a criação extensiva (base para a existência do gaúcho serrano) pela granja, empresa agrícola para a produção de grãos destinados à exportação.

Homem de poucas letras e múltiplas leituras, conhecia os clássicos do regionalismo gaúcho, mas sua maior admiração era Guerra Junqueiro (1850-1923), poeta português. Aposentou-se como funcionário Municipal e faleceu no dia 29 de agosto de 1994.

O conhecimento da vida real do chamado gaúcho serrano, e a convivência com os clássicos da língua marcaram profundamente seu regionalismo poético, e contribuíram para que não praticasse a mesmice e o artificialismo

da poesia gauchesca mais recente, o que pode ser visto em poemas como este:

O cusco

Para Nicolau Araújo Freitas

Apareceu um dia no meu rancho
um cusco teatino, magro e feio.
Eu pensei: este cusco que veio,
com jeito humilde de quem pede
[abrigo,
irá compartilhar das minhas penas,
será meu companheiro, meu amigo...
O cusco ficou e é cheio de latidos
o sítio todo que era muito quieto.
Eu acho até que o cusco, solidário
[comigo,
quer enxotar pra longe o meu pesar
[secreto.
Às vezes mais atento aos seus
[latidos,
não espero, mas gosto de pensar
que alguém que vive no meu
[pensamento
também sente saudade e vai chegar.
Mas, se à noite, fugindo do relento,
no borralho se aquieta, o cusco
[dorme,
meu coração se agita no silêncio,
e invade o rancho uma tristeza
[enorme.

Conclusão

Nossos poetas e nossos prosadores do passado merecem ser lidos, para que possamos entender a literatura passo-fundense. Em entendendo essa literatura, estaremos contribuindo para que tenhamos escritores que inscrevam o nome de nossa cidade na história das letras pátrias.

Ouso dizer que, os estudo dos nossos escritores mais antigos, levou-nos à constatação de que até agora não tivemos um Simões Lopes Neto, um Erico Veríssimo, um Mário Quintana, um Moacyr Scliar ou qualquer outro escritor da projeção daqueles que saíram de outras cidades gaúchas, porque o peso do conservadorismo estético é muito grande entre nossos ficcionistas e poetas. E esse tradicionalismo literário acaba exercendo uma força frenadora sobre nossos criadores literários, fazendo com que eles sejam historicamente ultrapassados.

Não faltam valores, não falecem méritos aos nossos romancistas e poetas, mas eles não pertencem ao seu tempo, e sim a tempos anteriores. Por isso não encontram reconhecimento histórico.

O que nos cabe é conservar a sua memória; é editar as obras inéditas; é reeditar os editos; é estudar suas obras como jamais estudamos, para que possamos viver para a história do nosso tempo, para as letras de nossa época e, assim, transcendermos tempo e época.

Nossos romancistas e nossos poetas já falecidos merecem nosso respeito e nossa consideração, mas merecem, acima de tudo, que façamos muito mais do que eles puderam fazer. Para isso, precisamos praticar uma literatura atual e atualizada, que seja referencial para a época em que vivemos.

(Paulo Monteiro é titular da cadeira 32, da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono o poeta

QUERÊNCIA

TENEPRO DOS SANTOS MOURA





A poesia e os poetas passo-funden-

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Longe do amplexo deletério do sol, e perto, muito perto, do aliciente cafuné da lua, ele se debruça sobre uma folha em branco, onde desembrulha sua inspiração, pondo à mostra a fragrância e o mistério das madrugadas, na profusão da alma tangida pelo silêncio. Esse é o poeta, o solitário, o noctívago, a caldeira ardendo de paixões.

Avesso às equações matemáticas, à tabela periódica dos elementos, às cartografias geográficas, e até mesmo ao ardiloso entrevero da sintaxe, ele só quer, na verdade, mergulhar no vácuo da insônia e deflorar a calmaria, para dela extrair a emoção, o sentimento, a harmonia, o ritmo, e por esse meio decifrar o enigma do poema.

É literatura o que ele faz? Têm algum proveito as suas metáforas? Os seus trocadilhos? As rimas, pobres ou ricas? Os versos, monossilábicos ou decassílabos?

O leitor que o diga, refém do enlevo

que o invade e da comoção que se dilui entre os cascalhos, quando do seu caminhar sobre o imaginário das estrofes.

Pouco importa ao poeta se nem todos apreciam a nostalgia das suas divagações, o plangente fluxo das suas mágoas ou a imprecação fragorosa do seu protesto.

Ele sabe e, mais que isso, sente, que o homem, por mais racional que se mostre, derreia seus conceitos e suas armaduras diante da esfinge do amor.

E a poesia é amor, é beleza, é encantamento. Talvez um dos mais gratificantes remansos para o cansaço do espírito e do corpo. Como elo de identificação, ela aproxima os seres humanos, desvanecendo suas diferenças.

Resistir ao seu elã é como fechar-se em copas para as emanações da vida e esconder-se da própria imagem refletida no espelho.

A poesia não está nas páginas dos livros e revistas especializadas, nem reside nos versos escritos em murais ou em janelas de ônibus. Ela está entranhada no mundo, subjacente aos objetos, cenas e fatos do cotidiano, bem como

nos cacoetes do coração. E se corporifica através dos entes, vivos e inanimados – os homens, os bichos, as plantas, o cosmo, as montanhas, os rios. Grávidas de significados, as palavras poéticas projetam inúmeras leituras e possibilidades, e esticam seu condão mágico para além das fronteiras do espaço e do tempo.

Quando Drummond escreveu, em *A Rosa do Povo*, “*Chega mais perto e contempla as palavras./ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra*”, conceituou, com precisão, a natureza do poema.

Por sua vez, Rainer Maria Rilke, em *Cartas de um Jovem Poeta*, revela sua compreensão do fazer poético, dizendo: “*Para escrever um simples verso, é preciso ter a alma aberta para o vôo dos pássaros, e ser capaz de perceber o gesto das flores que se abrem ao amanhecer. É preciso passar muitas manhãs diante do mar, muitas tardes diante do pôr-do-sol, muitas noites diante de quem amamos*”.

E Byron referiu-se à poesia com uma comparação fantástica: “*O verso é como o bote de uma fera*”.

Obviamente, a primeira condição para que essa magia do poema aconteça é uma apurada sensibilidade e reciprocidade de sentimentos. Diria mesmo que é necessária uma cumplicidade amorosa entre autor e leitor. Interação essa que é também favorecida pela capacidade de síntese de quem escreve e pela boa qualidade do texto. A utilização de imagens e figuras semânticas, pela exploração dos múltiplos significados que se escondem no escaninho das palavras, pode ser considerado o bê-á-bá da arte de compor versos.

Em suma, o verdadeiro poeta é um artífice das emoções, um olheiro perspicaz, um inventor de símbolos, um interlocutor do silêncio que, ao criar um vínculo afetivo com o seu leitor, o faz partícipe de sua obra.

E, por ser o poema uma manifestação literária condensada, impulsiva e dinâmica, cadenciada e sonora; e por abusar de linguagens e formas não convencionais, o gênero poético pode ser considerado um dos mais difíceis de ser exercido.

Ouso afirmar, finalmente, que o poder de sublimação e catarse que tem a poesia, bem como seu trânsito entre os cantos da emoção e dos afetos, conferem a ela um papel relevante na humanização da vida. No mundo de incertezas, medos e contradições em que vivemos, ela pode contribuir, sem dúvida, para o aperfeiçoamento das relações, afrouxando os nós da intolerância e borrifando cordialidade e paz entre os homens.

Eis, em síntese, a essência da poesia e do poeta.

Uma vez decantada nossa musa, que serve de tema para este trabalho, passemos a um breve comentário sobre alguns poetas passo-fundenses (assim considerados os que aqui residem), os mais conhecidos no momento. Trata-se, evidentemente, de homens e mulheres, alguns vinculados à nossa agremiação literária, outros não, cuja sensibilidade e talento superam minha capacidade de interpretá-los.

Mais que um privilégio, é um desafio apresentar nossos poetas e sua produção literária, tendo em vista o ecletismo de seus temas e a diversidade de tendências.

Começo a apresentação pela obreira de lides literárias, Craci Teresinha Ortiz Dinarte, mãe, mestra e poeta de maiúsculos predicados. É membro da Academia Passo-Fundense de Letras, e editou dois livros de poemas, que se intitulam:

Permitam-me Sonhar e Um Passe de Mágica. Despojados e profundos, com a exclusiva preocupação de expandir sua alma, os poemas de Craci revelam toda a sua beleza interior, sua trajetória de vida exemplar e sua visão do mundo, como num acalanto das sensações, em preciosos momentos de sublimação.

Outro poeta da Academia Passo-Fundense de Letras, advogado atuante nos meios jurídicos, dotado de uma sensibilidade invulgar, é Ricardo José Stolfo. Seu livro, Ciranda da Pandorga, cativa pela leveza e encantamento, ao tratar da existência humana, sofrida e bela ao mesmo tempo. Em seus poemas, devaneios melancólicos alternam-se com a vibração do sonho, do amor, da observação das coisas

triviais, enquanto a palavra jorra com fecunda vibração.

Milton Guimarães da Silva, um jovem introvertido e dócil, é autor de Poesia de 1987, Pouca Poesia Pouca, e Poesia Seguinte. Seus expressivos versos, algumas vezes suaves e cristalinos, outras, obscuros e audaciosos, remetem ao pós-modernismo poético.

Outra destacada acadêmica da agremiação literária de Passo Fundo é Jurema Carpes do Valle, professora, diplomada também em Ciências Jurídicas e Sociais. Canção da Liberdade é um livro de sua juventude, onde sua alma alça vôo para, entre as nuvens e as estrelas, brincar com os vocábulos e criar belas imagens. Com seu estilo próprio, ora lírico e singelo, ora enigmático



e até abstracionista, Jurema consagrou seus versos como vencedora de vários concursos do gênero.

O doutor em Literatura e professor dessa disciplina na Universidade de Passo Fundo, Paulo Becker, é um passo-fundense por adoção e um poeta por vocação. Seus três livros, *Alta Tensão*, *Meus Demônios Cantam* e *Luas de Néon*, vêm recheados de poemas maduros como pêssegos na hora da colheita. Temas por vezes banais, mas densos de significado. Ao saboreá-los, tem-se a sensação da boca adocicada pelo sumo que destilam.

Lírico é também um livro de versos, onde o autor, o promotor de justiça Edgar de Oliveira Garcia, ocupante também de uma cadeira na já citada Academia, alterna suas vivências líricas com cenas do cotidiano universal e com algumas pinceladas da genuína temática gaúcha.

Alma cheia de sensibilidade, que verte pelos poros e se derrama abundante no papel, é a poeta e professora, também acadêmica, Ana Carolina Martins da Silva, uma amante das artes, profissionalíssima teatreira de bonecos e poeta transbordando de idéias e convicções. Além de obras de cunho acadêmico, escreveu dois livros de poemas: *Um Ipê no Coração* e *Piedade: Ponte ou Muralha?*

Poeta de dois idiomas, a professora aposentada Luíza de Paiva Schmitz brinda seus leitores com delicados poemas em português e espanhol. Sua primeira obra, publicada em 2003, revela simplicidade e vigor nos temas e rimas reunidos sob o título: *Sin Pretensión*. Suas composições denotam a nostalgia com que Luíza interpreta as alegrias e frustrações do cotidiano.

Dando prosseguimento a este comentário, cito Luís Marcelo Algarve, um jovem advogado e o escritor mais moço da Academia de Letras, na qual ingressou em 2001. Escreve em prosa e em verso. Seus trabalhos falam das mazelas do nosso tempo e da força da juventude. Participou de duas antologias literárias, *Ordem da Confraria dos Poetas* e *Painel Brasileiro de Novos Talentos*, onde foram publicados alguns de seus poemas.

Refiro agora o trabalho poético de mais um jovem autor passo-fundense. Trata-se de Pablo Morenno, que optou por esse pseudônimo, desde as suas primeiras publicações em revistas e jornais. É, além de poeta, músico e compositor, tendo gravado, em 1996, um CD com

canções de sua autoria. Mas destaca-se sobretudo como cronista, consagrado por seu livro de estréia de edição recente, intitulado *Por que os homens não voam?*. Tanto em prosa como em verso, Morenno dá vazão a sua autenticidade e perspicácia, como profundo observador que é do mundo ao seu redor.

Cânticos de amor à vida é o livro de versos de outro acadêmico, o psicólogo, também diplomado em História Natural, Getúlio Vargas Zauza. Como ele próprio define, o tema predominante em seus poemas é o valor da vida, em todas as suas formas. E acrescenta que optou por manifestá-lo em verso, por permitir a poesia maior liberdade de expressão, ao mesmo tempo em que conserva a amplitude da mensagem e permite a individualização.

Por fim, na companhia de tão diversificados currículos e de tantas manifestações poéticas produzidas aqui em nossa terra, postam-se também os livros de minha autoria. De versos: *Sol Encoberto*; *Paredes Nuas*; *Cântaros de Junco*; *Violetas da Paixão*; *Sonho, Seiva, Semente*; *Lua Cheia e Flores Brancas*. De pensamentos: *Essência de Mulher – reflexões poéticas*. (Os dois últimos ainda no prelo.)

É difícil falar do próprio trabalho. Mas posso garantir que toda a minha obra, embora caracterizada por uma poesia até certo ponto erudita, recende forte apelo sentimental e uma ardente paixão pela vida, com que certamente meus leitores de identificam. Meu patrono, na Academia Passo-Fundense de Letras, é o imortal poeta Mário Quintana.

Para encerrar este ensaio sobre a poesia, e a referência aos poetas de Passo Fundo e seus trabalhos, transcrevo uma composição de minha lavra, originalmente publicada em *Sonho, Seiva, Semente*. Berthier, Passo Fundo, 2002, que se propõe a descrever, especificamente, o momento criador do poema. Tem como título: *Mensagem Liquefeita*.

Jogo as palavras
no caldeirão da imagem.

Ao calor da emoção
liquefaz-se a mensagem.

E ao cabo da fervura,
produto da alquimia:
um creme apetitoso.

Rapidinhas

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Sofre de enxaqueca minha lua e de insônia o meu lençol.

Virou um estigma indelével aquela
desilusão que a pôs de cócoras, diante
de uma prometida ventura que se
recusou a dar-lhe de beber.

A primavera constrói sua tenda entre
guirlandas de sol.

Bistecas e farofas tão deliciosas como
o amor de mãe...

Virei pelo avesso meus conceitos e
o equilíbrio brotou entre as certezas.

Quero andorinhas amarrando os fios
dos meus cabelos.

A vida fútil das dondocas aumenta a
cotação das laboriosas.

As doenças entram no corpo através
da alma. É ela que chama, insiste,
abre a porta e ordena que se instalem.

A escola espalha as sementes. A safra
é de homens conscientes.

Não será o volume dos seios
inversamente proporcional ao do
cérebro?

Com certeza haveremos de encontrar-
nos, coloridos e saudosos, na curva
do arco-íris.

Será o céu um celeiro de santos ou
uma tulha de almas cansadas?

A conquista do sucesso tem o poder
broxante de arriar o sonho.

Anoiteço um cacto e amanheço uma
bromélia.

A felicidade é um estado de alma
compartilhado, nunca solitário.

(Extraídas do livro *Essência de
Mulher – Reflexões Poéticas*, no
prelo.)

História brasileira,

romance estrangeiro

IVÂNIA CAMPIGOTTO AQUINO

história da literatura tem mostrado que várias imagens do passado brasileiro sustentam importantes narrativas literárias, tanto de autores nacionais quanto internacionais. Formalizamos, neste texto, algumas questões relativas a um romance que se baseia em um episódio cruel ocorrido em nosso país. Trata-se de *La guerra del fin del mundo*, do peruano Mario Vargas Llosa.

Publicado em 1981, este romance aborda, esteticamente, a Guerra de Canudos realizada no sertão baiano no final do século XIX, a qual envolveu os seguidores do beato Antônio Conselheiro e o exército nacional. O governo estava à frente de uma sociedade desarticulada, sobre a qual lhe era impossível fazer valer os ditames do novo regime. Lançou mão do que estava à disposição desde o Império: a violência aparelhada. Ela vinha sendo a forma eficaz de sufocar insurreições e garantir a unidade política, administrativa e territorial de que a República necessitava para se legitimar, mesmo que esta unidade fosse uma entidade ilusória. Com esse espírito, eliminou, num ato criminoso exemplar, uma comunidade constituída política, cultural e economicamente, que muito resistiu às investidas das quatro expedições montadas pela política e pelo exército, no período de novembro de 1896 a outubro de 1897.

Com essa imagem do passado histórico brasileiro, surge a obra *La guerra del fin del mundo*, fruto de um processo metódico implementado pelo autor (exaustiva pesquisa em livros e documentos, disponíveis tanto no Brasil como no exterior; entrevistas com familiares dos conselheiristas ainda existentes; conversas com estudiosos do assunto; viagens de reconhecimento dos caminhos que levam ao sertão; visitas ao local da Guerra) e de sua perspicácia narrativa e visão do mundo. Vem a se constituir uma grande obra literária, talvez a mais expressiva sobre o tema, dentre as escritas depois de *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

É um romance histórico na acepção de Seymour Menton, crítico estadunidense que teoriza sobre essa forma literária em *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. Baseado na definição de Anderson Imbert, Menton reserva a categoria “novela histórica para aquellas novelas cuya acción se ubica total o por lo menos predominantemente em el pasado, es decir, un pasado no experimentado directamente por el autor” (Menton, 1993, p. 32). Em conjugação com esse conceito, Vargas Llosa, distanciado cronologicamente do evento abordado, retorna a ele por meio da narração, reinterpretando os acontecimentos e renovando as imagens de seus atores, além de construir uma leitura dos problemas sócio-históricos do Brasil que marcaram o final do século

XIX e contextualizar os movimentos de certos comportamentos dos homens e suas implicações, atribuindo, assim, a devida universalidade ao romance. Enfim, (re)descobre uma imagem do passado brasileiro impregnada de atitudes humanas que servem ao infortúnio das pessoas, como o fanatismo.

Observamos que os romances históricos, nos estudos sobre os gêneros e subgêneros literários em evidência nas últimas décadas, ganham destaque e são apontados como verdadeiras peças historiográficas, devido ao fato de se valerem de acontecimentos e sujeitos reais e promoverem a reflexão acerca do assunto referenciado. No jogo que estabelecem entre razão e imaginação, criam condições de o leitor pensar historicamente, “e hoje pensar historicamente: é pensar crítica e contextualmente” (Hutcheon, 1991, p. 121). Nesse sentido, consideramos que *La Guerra del fin del mundo* é uma obra que realiza essa contribuição ao pensamento social, uma vez que, dada a liberdade com que o autor lida com os dados históricos e a criação de personagens imaginários para representar consciências sociais e culturais (personagens fictícios, como o revolucionário Galileu Gall, o jornalista míope, o Leão de Natuba e a “santa” Maria Quadrado, convivem com os sujeitos históricos da narrativa, como Antônio Conselheiro e Moreira César), torna-se um veículo de questionamento à oficialidade da história.

Sabemos que a oficialidade de um passado se efetiva pelos sinais (documentos) que o acontecimento deixa, do que resulta uma narrativa avalizada. Tal narrativa detém “o que aconteceu”, mas esse acontecimento narrado é lacunar e, como tal, passível de acréscimos ou revisões. Ora, pelo ato da narração, um episódio histórico é submetido a um sistema de experiência que o desprende da realidade. Sendo assim, uma história contada, ainda quando dita verdadeira, porque documentada, não apresenta a totalidade dos fatos e, portanto, não pode ser tomada como detentora da verdade absoluta. Entendemos, então, que há diversas interpretações da história e da realidade, todas com dimensões da verdade, e que a realidade total é um ser desconhecido. Pelo fato de este romance de Vargas Llosa possibilitar esses entendimentos, acreditamos que ele está em sintonia com a idéia em voga hoje sobre a função do romance histórico moderno, que é integrar o histórico e o científico, para que a narrativa venha a ser uma possibilidade de o leitor se conscientizar a respeito da natureza do referente histórico e do material literário.

Além disso, é notável, nesta narrativa literária, a forma de representação do real, a qual ganha novos contornos devido às dimensões discursivas em convivência no seu enredo: a histórica e a ficcional. Ao nos determos na produção em prosa do século XX, percebemos que, dos anos 1980 para cá, as narrativas são mais calmas, de cunho realista. No entanto, renovou-se a tendência realista, pois o tempo histórico é diverso daquele

em que o realismo se estabeleceu, como também são diversas as teorias que explicam a sociedade. Por conta disso, é preciso rever o conceito do realismo na obra literária e compreender como ele se manifesta, hoje, nas narrativas, especialmente nos chamados romances históricos.

Por hora, destacamos que *La guerra del fin del mundo*, ao configurar um olhar sobre a história, constrói uma leitura das reações dos homens frente à força de uma coletividade e projeta o leitor para além dos fatos reconstituídos, permitindo-lhe refletir não apenas sobre o passado e as formas de registrá-los, mas, principalmente, sobre os meandros da condição humana.

Referências

- CUNHA, Euclides da. **Os sertões (1902): Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- VARGAS LLOSA, Mario. **La guerra del fin del mundo**. Barcelona: Seix Barral, 1981.

(Ivânia Campigoto Aquino é professora de Literatura no Curso de Letras da UPF e professora da Rede Municipal de Ensino de Passo Fundo.)



Poesia

ROMEU PITTHAN

Consolo

Eu sei bem tudo que quero,
Não quero tudo que sei.
Porque assim não desespere
Por tudo que não terei...

Algemas

Quando comigo tu danças
Tenho a nítida impressão
Que as pontas das tuas tranças
Algemam meu coração!

Nossa dança

Desnecessários compassos
Mos ditam esta canção,
Pois eu conduzo teus passos
Ao som do meu coração.

Somos um

A matemática é errada
Na soma de um mais um.
- Se eu sem você não sou nada,
Não somos dois, somos um...

Previsão

Vi a beleza da menina,
Mas vi da mãe a feiúra.
- Te juro que não me anima
Ter amanhã a criatura!

Nome feio

Eu não repito o teu nome
Nem que me matem à míngua.
- Prefiro morrer de fome
A ter pimenta na língua...

Poesia

Pedes-me, ao pé da lareira,
Que eu leia a minha poesia.
- Só pode ser brincadeira,
Pois como ler-te eu podia?...

Saudade da saudade

Buscando a felicidade
Quanta saudade eu curti.
E hoje eu sinto saudade,
Da saudade que eu perdi...

(Romeu Pitthan, Promotor de Justiça, ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, é autor dos livros *Sóis e Luas* e

Usuários de coletivos urbanos são recebidos com poemas



(FOTOS: ARQUIVO COLEURB)

Eloísa e Marineuza Machado, diretoras da Coleurb, entregando o prêmio à poetisa Liciane Bonatto acompanhada de sua filha Fernanda (C)

Em Passo Fundo, os usuários dos coletivos da Coleurb já se acostumaram com os poemas que são expostos nos ônibus daquela empresa.

Inicialmente, os poemas eram escritos por um grupo de jovens poetas passo-fundenses. Com o tempo, a origem dos trabalhos foi sendo ampliada. Até que foi posto em prática o projeto Poemas nos Ônibus, que culminou, no final do ano passado, com o lançamento de livro, reunindo poemas selecionados nos últimos dois anos.

O vereador Juliano Roso tentou, através de projeto de lei, que os poemas fossem expostos em todos os ônibus urbanos da cidade. O projeto não foi aceito. Apenas uma empresa, por iniciativa própria, expõe poemas. Melhor para os seus usuários.

A Coleurb está satisfeita. Recebe muitos elogios dos passageiros, que vão continuar lendo bons versos escritos por poetas de Passo Fundo e de toda a região. É o que disseram Cristiane Maria di Primio Gonçalves, psicóloga, e Verônica Arregui, relações-públicas da empresa, em entrevista aos acadêmicos Paulo Monteiro, Jurema Carpes do Valle e Santana Rodrigues Dal Paz.

APL – Como começou o projeto Poemas nos Ônibus?

Cristiane – Começou em 1999, com a divulgação de poemas produzidos por um grupo muito bom de jovens poetas. Eles nos procuraram e, como tínhamos esta idéia, foi tudo mais fácil. Depois de alguns meses, o grupo se dissolveu e continuamos divulgando outros autores, inclusive retirados da internet. Para um melhor controle de qualidade, surgiu a idéia do concurso, contribuindo para o surgimento de novos talentos, além de fixar critérios para a divulgação.

APL – Como tem sido a participação?

Verônica – Muito boa. Da primeira edição, em 2002, participaram 172 poetas, com 320 poemas; e da segunda, em 2003, 140 poetas, com 172 poemas. A procura e a qualidade nos surpreenderam.

APL – Qual a idade dos participantes?

Cristiane – A faixa etária predominante é dos 20 aos 35 anos, mas encontramos poetas dos 12 aos 82 anos. Muita gente que participa das oficinas do CREATI tem concorrido, com isso encontramos vários autores com mais

de 60 anos. Os conteúdos são os mais diversos possíveis.

APL – Então a empresa está satisfeita?

Verônica – A intenção era modesta (mesmo tendo partido de uma direção que entende que a cultura é importante), mas a coisa cresceu, com os autores se sentindo prestigiados. Muita gente também ligou, sugerindo que o concurso fosse aberto para a região. Outros ligaram, solicitando telefones dos autores, pedindo cópias dos poemas e exemplares dos livros. Pessoas chegam aos fiscais da empresa, para elogiar a iniciativa.

APL – Em Porto Alegre, há bastante tempo, há uma iniciativa parecida?

Cristiane – Sim. Mas é diferente. Lá é um projeto oficial, do município. O nosso é pioneiro como iniciativa de empresa, inclusive patrocinando a publicação em livro. Nossa grande festa do ano passado, maior do que a apresentação de ônibus novos, foi o lançamento do livro.

APL – A Coleurb pretende dar continuidade ao projeto?

Verônica – A empresa vai continuar com o projeto. Em maio próximo, divulgaremos o regimento do próximo concurso. Vamos selecionar mais 15 poemas; e, em 2005, será lançado outro livro.

APL – Qual a importância de uma comissão julgadora?

Cristiane – A preocupação da empresa é que a escolha dos poemas tenha credibilidade. Por isso, convidamos uma comissão isenta, com representantes da Academia Passo-Fundense de Letras (que tem dois representantes), Secretaria Municipal de Educação, Sétima Coordenadoria Regional de Educação e Universidade de Passo Fundo. Quando se verifica que, inclusive autores com livros publicados participam do concurso, isso vem comprovar sua respeitabilidade. O anonimato, através do uso de pseudônimo, é importante. E estamos



Alguns dos poetas premiados

vendo autores sendo incentivados a publicar livros, a partir do concurso.

APL – Também é uma forma de valorização dos poetas?

Verônica – Os poetas se sentem valorizados ao terem seus nomes reconhecidos. É a transformação da lagarta em borboleta. Como não há prêmio em dinheiro, as pessoas se inscrevem, unicamente, buscando o reconhecimento de seus trabalhos.

APL – O livro também é importante...

Verônica – Quem lê o livro sente a diversidade de sentimentos e inspirações.

APL – Poemas nos Ônibus é um projeto isolado?

Cristiane – Não é um projeto isolado na Coleurb. Ele não surgiu do nada. Foi antecedido pela pintura dos muros da empresa, com murais de artistas locais. Estamos pensando em um concurso de desenhos e pinturas, entre as crianças de Passo Fundo. A empresa mantém biblioteca, inclusive com bibliotecária. Temos dado apoio ao Festival Internacional de Folclore e ao jornal interno. Mantemos o Projeto “Diploma na Mão”, com cursos profissionalizantes, e o “Pescar”, reunindo pessoas sob vulnerabilidade social.



Depoimentos de alguns poetas

Eloy Fiebig, 56 anos, professora de Língua Portuguesa, poema selecionado “Vida”:

“Foi a primeira vez que participei do concurso e foi minha primeira poesia. Minha inspiração partiu de um momento, quando minha neta olhou a lua cheia e se entusiasmou. A partir daquela cena percebi que a vida era aquilo ali, que a vida é feita desses momentos. E então escrevi sobre a vida”.

Liciane Duda Bonatto, 48 anos, programadora visual, poema selecionado “Canto”:

“Para mim foi um desafio! Escrevi minha poesia a partir de uma inspiração, de um momento de encantamento, quando nosso coral saiu cantando pelos corredores da empresa, após o ensaio, e nosso canto ecoou, chamando a atenção e contagiando a todos”.

Keli Mara dos Santos, 16 anos, estudante, poema selecionado “Você”:

“Eu já tinha um poema pronto, mas não sabia como participar do concurso. Então, minha professora levou a ficha de inscrição para eu preencher e participar. Dei um grito tão grande no telefone, quando me ligaram avisando que eu tinha sido selecionada! Fiquei super-contente”.

Maria Ione Harres, 59 anos, vendedora autônoma, poema selecionado “Reencontro”:

“Eu ando muito de ônibus e sempre escrevo as poesias do ônibus. Este ano, ouvi no rádio e me perguntei ‘por que não participar?’. E comecei a me inspirar, pois sou muito romântica, leio muito...E fiz oito poesias! Mas pude inscrever apenas duas. Quando soube que tinha sido uma das selecionadas, foi uma alegria tão grande, tão grande, que até hoje aquela emoção não passou ainda. Custou acreditar que fui selecionada em meio a tantas pessoas talentosas, 48 anos após ter deixado de estudar. Quando nascemos com um dom assim, ele flui dentro de nós. Eu pretendo estudar um pouco mais de literatura e ainda quero escrever um livro de poesias”.

Aide Teresinha Treméa, 29 anos, funcionária pública, poema selecionado “O Ônibus”:

“Eu escrevo poesias desde os 11 anos de idade, incentivada pela minha professora de Língua Portuguesa. Em uma oportunidade, ela solicitou que escrevêssemos um poema. E o fato de ter escrito um recado: “continue escrevendo!”, me estimulou ainda

E o psicopata?

CARLOS R. S. HECKTHEUER

om calma! É doente mental, é louco? Não, é anti-sociedade, anti-outros, contra a raça humana. Então, revolucionário anarquista? Não, mesquinho, insensível ao sofrimento alheio, que geralmente lhe produz intenso prazer. Só pensa em si e em seu gozo permanente. Cascatas de orgasmos e torrentes de êxtases.

Mas como deu nisso? As pesquisas clínicas, obviamente, falam do patrimônio genético (facilitador) e dos tais fatores psicossociais. Daí crianças (bebês) sem os contatos humanos (interações) suficientes e necessários (entenda-se para elas), sós e isoladas, “sonhando”, erguendo um mundo imaginário (fantástico), onde elas próprias acabam “construindo” as suas satisfações, independentes, bizarras e extremamente originais, sem as regras da conduta e do ordenamento humanos.

Montam suas estruturas afetivas inconscientes, em que o predomínio do gozo é exclusivo, tudo com a única finalidade de satisfação íntima e prazer.

Algumas características desses meninos (geralmente): “índole má”: malvados, severos com animaizinhos domésticos; acentuada e costumeira agressividade com os amiguinhos; e, pasmem, sempre que tiverem oportunidade, “tocam fogo” em objetos próximos: cortinas, estofados, roupas, móveis e, cuidado, gente!

E sobre os pais? Já sabemos: casais mal-estruturados pelas precárias condições de afetividade (também inclui saúde, escolaridade, rudes sentimentos de inserção no mundo do “poder fazer alguma coisa que possa me orgulhar”...).

E lá está o nosso bebê humano: mãe “fora”, pai “se mandou”. O animalzinho gente não nasceu mau, estragado (não é assim).

Prevaleceu o predador voraz, sedento de prazer, solitário e perverso.

Cito um exemplo de minha vivência profissional de 40 anos, menos 1 (tempo gente), que muito me tocou. Um menino (talvez 8 anos), de família classe média, pais com formação superior, me foi apresentado, para que os ajudasse a “entendê-lo”: queimava cortinas por



onde passasse. Até aí é pouco: adorava comprar pintinhos nas casas especializadas (juntava lá seus troquinhos) para, em casa, em seu quarto, arrancar-lhes as patinhas, lentamente, uma de cada vez, aguardando um espaço de tempo, compulsoriamente, “lindo de ver”... Por que o fazia? Um olhar de “que saco” era a resposta...

De médico. E o médico inglês? O doutor da Inglaterra que assassinou idosos e nem tanto, com doenças “terminais” ou não?...

E o paulistano “maníaco do parque”? Humilde boy, sedutor (eles o são, muito matreiros, hábeis em alcançar sua “caça e o prazer”), que matou 7 ou 8 incautas jovens em busca de efêmero sucesso?...

E nosso filme máximo do gênero: “O silêncio dos inocentes”, onde o médico psiquiatra Aníbal, o Canibal (é traço muito comum nos psicopatas canibalizarem suas vítimas), junto com outros da “sua turma” está “contido”, “enterrado vivo”, para toda a vida?... E assim para todo o sempre.

Ademais, quero citar um extraordinário brasileiro, secretário geral da ONU junto à UNCTAC (Organização das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), na Folha de São Paulo, domingo, dia 18 de janeiro p.p. (literal):

“...basta folhear o balanço das economias da América Latina e do Caribe 2003, publicado na véspera do Natal pela CEPAL (Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina)... em outras palavras: caminhamos para trás... não houve (melhoria) suficiente para evitar que a região continuasse a transferir para o exterior mais dinheiro do que recebe”.

O contra-senso continua: um continente anêmico doa sangue para que os abastados se refocilem nos déficits; gente que não tem onde cair morta financia a obesidade dos que podem se dar ao luxo de invadir países ou planejar custosas “explorações de planetas”...

É, de uma maneira singela, bem nossa: os “capitães do mato”, proprietários de milhares de hectares, esbulhando numa verdadeira “farrá do boi”, entidades e cooperativas de simples e humildes, pela única e exclusiva “necessidade do gozo predatório”. (Há outra?).

E o psicopata?

Está por aí, do andarilho de Passo Fundo a presidentes-imperiais de Roma revisitada.

(Carlos R. S. Hecktheuer, 63 anos, da Academia Passo-Fundense de Letras. Médico, ex-professor titular de psiquiatria da Faculdade de

Mortes em Viena

GILBERTO R. CUNHA

quele velho casarão, no centro de Viena, serviu de palco para duas mortes que entraram para a história. A primeira foi a de Ludwig van Beethoven. E a segunda a do jovem médico Otto Weininger. Beethoven, “a criatura completamente indomável”, no dizer de Goethe, debilitado por várias enfermidades, morreu, naturalmente, em 26 de março de 1827. Passados 76 anos, na casa em que Beethoven morrera, foi a vez de Otto Weininger, com pouco mais de 23 anos, no outono de 1903, atentar contra a própria vida.

Um tiro e um bilhete deixado sobre a mesa (“Tudo o que escrevi foi escrito com má intenção. Mato-me para não matar um outro. Só um criminoso comum espera seu carrasco. Um criminoso de ordem moral executa a si mesmo”) selariam o destino de Weininger. Por trás de tudo, uma das maiores batalhas da psicanálise sobre a paternidade de idéias, que, segundo os envolvidos, iriam revolucionar o conhecimento vigente. Não era para tanto (o tempo mostrou isso), mas a disputa pública marcou, de forma indelével, a vida dos protagonistas desse conflito sobre roubo de idéias: os médicos Wilhelm Fliess, Sigmund Freud, Otto Weininger e Hermann Swoboda, e o bibliotecário da Real Biblioteca de Berlim, Richard Pfenning.

Sigmund Freud e Wilhelm Fliess eram amigos e colaboradores, trocavam hipóteses teóricas e pontos-de-vistas clínicos. Tinham especial interesse pela questão da sexualidade. E, mesmo depois do rompimento, que culminou no escândalo do duplo plágio, Freud não deixou de reconhecer a originalidade das idéias de Fliess. Foi esse rompimento que, segundo alguns, provavelmente precipitou a criação das “noites de quarta-feira”, em Viena, em 1902, na casa de Freud. O dr. Freud precisava substituir ao público único que Fliess

encarnara até então.

Tudo teria começado quando, em outubro de 1900, Hermann Swoboda, em análise com Freud, ouve este último fazer uma interpretação de suas fantasias, que se refere à “disposição bissexual de cada ser humano”. Ele fala disso ao seu amigo Otto Weininger. Então, no outono de 1901, Weininger procura Freud, pedindo para ele ler o manuscrito de “Sexo e Caráter” (que se intitulava então “Eros e Psique”), esperando a recomendação do livro para um editor. Sigmund Freud emite um julgamento desfavorável. Mesmo assim, Weininger consegue publicar o seu livro em maio de 1903, e se suicida a 4 de outubro do mesmo ano. O livro de Weininger faz sucesso e Fliess irá lê-lo na primavera de 1904, depois de ter recebido a obra de Swoboda, “Os Períodos do Organismo”, publicada no início de 1904. Muita gente andou acusando Weininger de plagiário: começando com o próprio Hermann Swoboda. Também P.J. Moebiu o acusava de ter roubado a idéia e o título da obra. Foi no meio dessa fumaceira toda que Otto Weininger se suicidou.

Lendo o livro de Weininger, na primavera de 1904, Fliess fica surpreso em encontrar ali as suas idéias, particularmente no que se refere à dupla sexuação permanente e à dedução da atração sexual. A idéia de plágio começa a tomar corpo em Fliess, que estabelece a ligação entre os nomes de Weininger e Swoboda, e, a partir deste último, chega até Freud. Estava se fechando o triângulo Freud-Swoboda-Weininger, pelo menos na mente de Wilhem Fliess. Começaram a estremecer as relações



entre os nomes de Fliess, Weininger, Swoboda e Freud. Estimulado por Richard Pfenning, um especialista em plágio científico, o caso do duplo plágio tornou-se público em janeiro de 1906, quando da publicação quase simultânea de um acréscimo no final do “Curso da vida”, de Wilhelm Fliess, intitulado “Em minha própria causa”; e de um panfleto de Richard Pfenning, “Wilhelm Fliess e seus descobridores imitadores, Otto Weininger e Hermann Swoboda”. No “Em minha própria causa”, Fliess acusa Freud de, por pura inveja, preferir dar a outro a idéia da descoberta da dupla sexuação, passando-a discretamente para Swoboda que transferiu parte dela para Weininger e se apoderou de outra. Wilhelm Fliess nunca perdoaria Freud, tendo, durante o resto de sua vida, recorrido ao “Em minha própria causa”, para acusá-lo de desonestidade intelectual.

Conheci, nos tempos de estudante, um sujeito meio bagual que, quando soube dessa história, não deixou de exclamar: “Mas ba, tché! Tanta encrenca só para



O gaú-

JABS PAIM BANDEIRA

O homem é um ser que floresce quando imerso em sua própria história.

Nada é mais universal do que o regional. Cecília Meirelles

Iguém já afirmou que ser gaúcho é um estado de espírito. Pode vir a ser qualquer indivíduo do universo; basta cultivar nossos usos e costumes, seja nobre e de espírito honrado, que se comprometa com a palavra empenhada e, sobretudo, respeite a tradição, reverencie suas origens e ame este chão, berço de nossos heróis, pátria de nossas conquistas, relicário inesgotável de exemplo de coragem e civismo.

O homem pampeano é uma cruz entre o índio, o negro e o europeu, mas só se tornou gaúcho quando se fundiu

com o cavalo.

Vamos iniciar nossa abordagem sobre o gaúcho examinando primeiramente a origem da expressão.

A origem da palavra GAÚCHO é muito discutida e tem sido causa de verdadeiras confusões. Os estudiosos e historiadores ainda não pacificaram o vocábulo.

Não é possível afirmar com segurança essa origem, apesar dos estudos já realizados por Buenaventura Caviglia Hijo, erudito escritor uruguaio e pelos nossos conterrâneos, em especial Nelson de Senna e Augusto Meyer.

Vejamos algumas hipóteses etimológicas.

GAÚCHO deriva de *gauches*, palavra usada na Espanha para expressar sobre vagabundos ou ladrões do campo acostumados a matar touros chimarrões (gado alçado), tirar-lhe o couro e levá-los ocultos para a venda ou troca de outros gêneros nos povoados (Augusto Meyer). Ou, então, O GAÚCHO deri-

va do árabe *chaucho* segundo Emilio Daireaux.

Já o professor Dudolfo Lens, estudioso da língua araucana, diz que é possível que a palavra venha do araucano *cachu* ou *cathu* ou talvez *cauchu*, pois assim chamavam os índios da região o GAÚCHO. *Cauchu* é sinônimo de esperto, fino, artemão e astuto; tem muito a ver com o nosso campeiro, mas deixa a desejar por falta de testemunho histórico.

Já o historiador Paulo Groussac, diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires, apresenta a tese de que o GAÚCHO venha de *guacho*, como chamamos os animais desamparados, criados longe das mães. Crousac admite a transposição por semelhança de *guacho* com GAÚCHO.

Mas deixando as hipóteses passando a história, a primeira palavra que aparece em forma literária é *gaudério* designando um novo personagem do Pampa. Homem sem lei, não sabe sua origem

nem o porque de *gaudério*. O que se sabe é que precedeu o GAÚCHO.

Segundo os estudiosos, *gaudério* é aquele que não tem ocupação, que vive à custa de outros; aqui e ali, errante, sem destino certo, cachorro *gaudério*, sem dono, parasita, vagabundo; conhecido, também, por *teatino*.

GAÚCHO, em forma literária, há pelo menos dois registros.

O primeiro é de que palavra GAÚCHO parece escrita em castelhano (*gahuchos*) numa carta que um comandante da fronteira, no Uruguai, Dom Pablo Carbone, escreveu à Espanha, em 1771.

O segundo aparece em documentos uruguaios no Século XVIII. Manuel Cipriano de Melo, segundo comandante da aduana de Montevidéu, após expedição às fronteiras do Uruguai, descreveu em breve informe: “Os dezoito presos que compreendem esta relação são Gaúchos vagos que foram presos por vadiagem. Parada de Sam Nicolas de Cerro Largo, 24 de março de 1791”.

A formação do gaúcho

Após a destruição das reduções jesuíticas, os rebanhos chimarrões (gado doméstico que se tornou selvagem), se espalharam pelo território, tornando-se atrações para índios, assim como para aventureiros paulistas e europeus.

Como já afirmamos anteriormente o homem pampeano é uma cruz do negro, do índio e do europeu, que ao se fundir com o cavalo, deu origem ao GAÚCHO.

Assim sendo, nesta época, o que se procurava em terras americanas eram minerais muito escassos no Pampa, mas o gado veio alimentar as esperanças perdidas dos aventureiros, que encontraram uma nova riqueza, o couro e o sebo.

Esses aventureiros compostos de marinheiros, soldados, que vieram na busca de novos horizontes e fortuna fácil, eram alemães, ingleses, franceses, holandeses, italianos, com predomínio dos povos ibéricos (Espanha e Portugal) e do negro, emigrante forçado, escravo; esses aventureiros faziam parte de uma população predominante masculina. O Pampa era percorrido no começo da época colonial por homens isolados, sem lei e sem Deus, dedicados à caça dos rebanhos vacuns, cavalares e muares.

O homem era tudo; a mulher ocupava um lugar secundário.

Por ser a mulher branca muito escassa no Pampa foi uma das razões da existência da miscigenação, geralmente entre

homens brancos e mulheres índias. Gerando com isso, o mestiço. Já do abuso de amos brancos para com suas escravas negras nasceu o mulato. Enquanto o cruzamento entre a mulher índia, com o negro, fez nascer o mameluco.

Assim o mundo começou a ver nascer um tipo essencialmente americano, nem índio, nem português, nem espanhol, mas na verdade, o GAÚCHO.

Já pelos idos de 1750, essa nova raça comandada por homens de posse, os rebeldes (deserdados da sorte, ladrões, assassinos, desertores, índios, aventureiros e mestiços), começou a desenvolver as seguintes habilidades: resistência física, habilidade com armas, equitação própria, uso de recursos naturais do campo, uso de instrumentos com laço, boleadeira, garrucha e encilha adequada, indumentária adaptada (do branco e do índio) e, sobretudo, uma coragem seca e áspera, de acordo com a vida que levavam.

Assim foi o estágio:

- Os Quatreiros (ladrões do campo);
- O Changuador (fazia pequenos serviços no campo);
- O Gaudério (sem paradeiro fixo) e, finalmente,
- O GAÚCHO.

O gaúcho na atualidade

É um novo homem, esmerilhado como pedra bruta, lapidado pelo tempo e sofrimento, originando uma raça forjada no Pampa, que se confunde com a natureza, pela beleza da alma, a firmeza de caráter e a bondade de sentimento, onde se destaca a sua perfeita sintonia com o cavalo (entendendo o animal e se

fazendo entender)

Vejamos a descrição do GAÚCHO, na expressão de Gaspar Silveira Martins: “Recebeu a luz da vida ... Foi marcado no berço pelo esplendor das alturas. Sua existência haveria de guardar o nível das montanhas”.

Em relação aos cavalos

Os primeiros exemplares chegaram em 1516 já o gado chegou no ano de 1617.

Eis o GAÚCHO, cuja lenda é retratada na maior obra literária sobre ele que é o clássico MARTIN FIERRO, do argentino Jose Hernandez:

“Y atiendam la reacción
que hace un gaucho perseguido,
que padre y mando ha sido
empeñoso y diligente,
y sin embargo la gente
lo tiene por um bandido.”

Ou ainda na obra ANTONIO CHIMANGO, do gaúcho Amaro Juvenal, conselhos a Borges de Medeiros, cuja obra inicia assim:

“Ao Rio Grande:

Velho gaúcho - insaciável
De fazer aos mandões guerra,
Nestas páginas encerra
Por um pendor invencível-
Seu amor – incorrigível
Às tradições desta terra.”

(Palestra realizada no dia 05/03/2004 para os formandos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo.)



Um romance passo-fundense

PAULO MONTEIRO

ão é todo dia que um romance é publicado em Passo Fundo. E não é todo dia que um escritor estréia aos 77 anos.

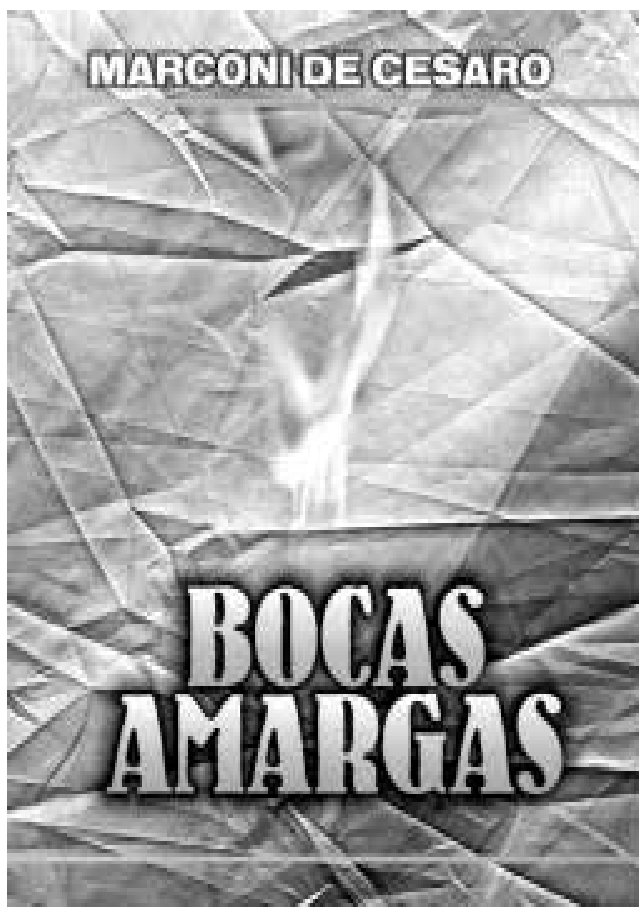
Marconi De César não é nenhum Graciliano Ramos ou um Mário Palmério, que já nasceram para a vida literária, direto para a imortalidade, crescidos em anos. Nenhum deles tinha a idade do nosso novo escritor.

Bocas Amargas (Edição do Autor, Passo Fundo, 2003) é a história de um grupo de metalúrgicos que trabalham em Vila Cruz, cidade do interior gaúcho. Ali, vão levando suas vidinhas, ora entocados na indústria, já decadente, ora em sua vila, numa cidade que é Vila. Veja-se a semelhança entre estas quatro palavras: Vila, vida, vilinha, vidinha. É exatamente isso que acontece com Laércio, Hans, Veiga, João Manoel, Farias, Amaro e todos os trabalhadores da vila, com os comerciantes Del Rovere e Beppe, e com as mulheres, da cafetina Berta à Teresa das Graças. Em toda parte há decadência. Vilinha. Vidinha.

De repente, Vila Cruz (cruz de martírio, sacrifício, mas também de ressurreição) recebe um morador estranho. Todos parecem conhecê-lo, porque sua fisionomia é parecida com a de um velho empresário, cuja fotografia está exposta nas paredes da fábrica. Seu nome é Irânio. Ira/urânio. Raiva, planeta distante, energia atômica, bomba, destruição. Apocalipse, fim de mundo.

E é exatamente isso que ele provoca ao se fixar em Vila Cruz, passando a trabalhar na fábrica. Esta é administrada por burocratas medíocres, verdadeiros dinossauros.

O que distingue esse filho de “uma grande prostituta”, como ele mesmo se confessa ao final do livro, daqueles homens que levam uma vida filha da



quela da qual ninguém quer ser parente é que ele usa uma arma chamada livro. Lê, estuda, procura e acaba sabendo as respostas. Quem lê, vê o invisível aos olhos dos homens e mulheres medíocres. Irânio, porém, não encerra um conhecimento puramente livresco. “O velho”, como acaba sendo chamado carinhosamente por seus companheiros, tem a experiência da vida. Por isso acaba se destacando no meio em que passa a viver. O seu andar é firme; ele sabe aonde vai porque tem duas pernas musculosas: cultura e experiência.

E é exatamente por aí que começa a revolucionar a vila e os vileiros de Vila Cruz. O sentir a decadência da fábrica vai ensinando-lhe novos métodos, inclusive de ganhar a vida. É assim que começa a fabricar imagens de Jesus crucificado (a Cruz, de novo), juntamente com Veiga.

Volto 15 ou 20 anos no tempo. Vejo o “seu” Marconi e os filhos Luis Carlos, Everton e Fernando, fundindo aquele mesmo tipo de imagem. Nossas discussões sobre política e filosofia. Marconi, naqueles dias, não fundia

apenas imagens de bronze, modelava as personagens de seu livro.

Voltando ao livro, valho-me da lingüística textual. E sem ela é impossível entender Bocas Amargas. A boca do homem se distingue das outras bocas porque emite palavras que, no mundo civilizado, assumem uma coesão lexical. Os escritores tecem o seu texto articulando as palavras como se fossem minúsculos fios de lã. A visibilidade do tecido ou o produto acabado, se manifesta pela reiteração e a colocação. Do ponto de vista reiterativo, a repetição do mesmo item lexical, da mesma palavra, para fugirmos ao jargão dos gramáticos, tem peso maior no livro de Marconi De César. Com isso, obtém uma linguagem mais espontânea, menos rebuscada, menos afetada até, como se vê em autores que abusam dos sinônimos, hiperrônimos e nomes genéricos.

A colocação ou contigüidade ainda é mais rara em Bocas Amargas.

O uso contínuo do mesmo item lexical, no romance de Marconi De César, me fez lembrar Paulo Setúbal, um escritor que foi muito lido na juventude do escritor passo-fundense. A propósito, fui reler algumas passagens da autobiografia do poeta paulista, escrita logo após sua reconversão ao catolicismo e pouco tempo antes de sua morte prematura. E é visível uma proximidade estilística do romance gaúcho com a autobiografia paulista.

Não sei se Marconi De César leu Confiteor, mas ambas pertencem à mesma família de obras literárias: aquelas que foram escritas pelos que querem dizer alguma coisa e não por quem quer escrever algo. Os primeiros são criadores; os segundos, estilistas. Ambos merecem ser lidos, porque sem eles não há literatura.

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.)

Júlia Lopes de Almeida

JUREMA CARPES DO VALLE

o século XIX, época em que a mulher brasileira pouco ou quase nada participava da literatura, projeta-se, com sua valiosa contribuição, a figura de uma grande romancista: Júlia Lopes de Almeida.

Nasceu no Rio de Janeiro, na primavera de 1862. Desde menina, demonstrou grande inclinação pelas letras, “embora no seu tempo não fosse de bom tom e do agrado dos pais, uma mulher dedicar-se à literatura”. Em entrevista, concedia a João do Rio, anos mais tarde, revelou que desde criança adorava fazer versos, mas que os fazia às escondidas. Certo dia, conta a escritora, sua irmã a descobriu em seu esconderijo e arrebatou-lhe das mãos o papel em que escrevera seus versos. De nada adiantaram suas súplicas para que não os mostrasse ao pai. Seu genitor que, além de médico, era professor, leu e releu os versos, e nada disse. No dia seguinte toda a família foi a um espetáculo teatral. O dr. Valentim José pediu à filha que lhe fizesse um artigo sobre a atriz da peça, pois o diretor da “Gazeta de Campinas” lhe encomendara, e ele estava impossibilitado de fazê-lo. Júlia ficou contente e maior foi a sua alegria quando descobriu que o diretor do jornal nada havia solicitado a seu pai. Tudo não passara de um simples ardid dele. Assim, iniciou sua carreira literária, através da imprensa, tendo consagrado 40 anos de sua laboriosa vida, às letras. Depois disso, escreveu para a revista “A Semana”, publicada no Rio de Janeiro e dirigida por Valentim Magalhães e Filinto de Almeida, jovem escritor português. Nessa época, iniciou com o poeta uma longa correspondência que culminou com o casamento. Realmente, pareciam ter nascido um para o outro, estavam unidos pelos mesmos ideais. Filinto de Almeida foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, tendo ocupado a cadeira nº 3. Em sua obra



demonstra sua felicidade na vida do lar e a profunda adoração que devotava a Júlia. Em sua homenagem escreveu o soneto “Excelsa”.

Júlia Lopes de Almeida abordou, em sua vasta obra, a evolução material, moral, intelectual e social do Rio de Janeiro de seu tempo. Em 40 anos de jornada literária, cultivou o romance, o

conto, o teatro, a epistolografia e a crônica. Manteve colaboração assídua nos jornais do Rio e de São Paulo. Publicou seu primeiro livro em Lisboa, “Traços e Iluminuras” (1887). Eis algumas de suas obras: “A Falência”, “Histórias de Nossa Terra”, “A Herança”, “Eles e Elas”, “A Família Medeiros”, “Correio da Roça” e “Quem não Perdoa”. O Teatro Municipal foi inaugurado com a apresentação de um drama seu: “Quem não Perdoa”. Publicou “A Casa Verde”, em colaboração com seu marido. Mãe do poeta Afonso Lopes de Almeida e da declamadora Margarida Lopes de Almeida, viu em seus filhos a continuação de sua obra.

Apreciada pelo público e elogiada pela crítica, teve seus livros todos reeditados. José Veríssimo, crítico famoso, disse: “Depois da morte de Taunay, Machado de Assis e Aluísio de Azevedo, o romance no Brasil conta apenas com dois autores de obra considerável e de nomeada nacional: Dona Júlia Lopes de Almeida e Dr. Coelho Neto. Sem desconhecer o grande engenho literário do sr. Coelho Neto, eu, como romancista, lhe prefiro de muito, Dona Júlia Lopes”. Seu estilo simples, sem artificios literários e o tom familiar de sua obra lhe trouxeram a merecida celebridade.

E dizer que a menina começou escrevendo seus primeiros versos escondida, como se fosse pecado ter nascido com o espírito inclinado para o belo!

(Jurema Carpes do Valle é professora e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Membro atuante da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

JUREMA CARPES DO VALLE

Amanhecer

Nas densas trevas
O entusiasmo e a alegria
Se escondem e adormecem.

Com a luminosidade
Que prenuncia a manhã
Despertam e com a natureza
Cantam em uníssono
A esperança de recomeçar.

Bem-querer

Que o gesto ao fluir
Seja como o da flor que se inclina
Envolvida pela brisa.

Que o som chegue
De mansinho, suave
Como murmúrio do riacho.

Que o olhar profundo
Do âmago do ser faça aflorar
A reciprocidade apenas pressentida.

Viagem

Mergulho no azul do firmamento
Que são teus olhos.
Na profundidade de teus poemas
Bebo avidamente
A pureza transcendente
De teus gestos
Como o viajor sedento de Verdade.
Regresso
E num amplexo a melancolia me envolve
Sinto um vazio inexplicável
E um anelo ardente
De empreender nova viagem.

Alerta

Nem sempre
O aplauso gratifica
A vaia enfraquece.

Nem sempre
Ser presente é ser presença
Ser ausente é ser lembrança.

Nem sempre
Encontrar significa não perder.



Todos os Direitos Humanos são Iguais

CARLOS ALCEU MACHADO

advento de um mundo no qual os seres humanos, libertados do temor e da miséria, desfrutam das liberdades de expressão e de crença, é a aspiração mais elevada do homem - aspiração essa que se converteu em algo mais do que um sonho, no dia 10 de dezembro de 1948, quando a Assembléia Geral da Nações Unidas proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos continua sendo uma poderosa norma. Ela, sozinha, não logrou pôr fim à opressão humana. Mas é um guia, uma promessa, um objetivo. Sua aprovação assinalou o fim da idéia segundo a qual a “soberania do Estado” impedia a análise rigorosa, a partir do exterior, das violações dos direitos humanos que eram cometidas no interior de um Estado. A Declaração também contribuiu para estabelecer o princípio de que todos os direitos humanos são universais e individuais: devem ser desfrutados por todas as pessoas, em todos os momentos, e nenhum conjunto de direitos pode ser desfrutado às custas de outros direitos.

Pedra angular do sistema de direitos humanos das Nações Unidas, a Declaração Universal estabeleceu os direitos

civis, culturais, econômicos, políticos e sociais que continuam sendo vitais para o bem-estar de todas as pessoas. Em um preâmbulo e trinta artigos, a Declaração proclamou direitos humanos “iguais e inalienáveis”, que existem devido à dignidade intrínseca do ser humano e por isso não podem ser anulados por governos ou leis.

A maior parte desses direitos foi codificada em tratados internacionais incorporados às constituições e às leis de muitos países. Todavia, as normas de direitos humanos das Nações Unidas e os mecanismos para sua aplicação descuidaram-se dos direitos econômicos, sociais e culturais, em favor dos direitos civis e políticos.

Partiu-se da suposição de que os direitos civis e políticos podem ser definidos pelas leis, e seu respeito imposto pelos tribunais, sem um custo excessivo, já que exigem em grande medida que o Estado se abstenha de interferir na vida dos cidadãos. Afirma-se que os direitos econômicos, sociais e culturais não podem ser invocados em tribunais de justiça, nem ser aplicados por juízes, embora os especialistas em direitos humanos questionem cada vez mais esse argumento.

Mas os direitos humanos não estão hierarquizados. A Declaração Universal considera o estar livre do medo e o estar livre da necessidade como dois lados

de uma mesma moeda. As pessoas não podem avançar em seus direitos econômicos, sociais e culturais, sem espaço político e liberdade civil para fazê-lo. E as violações dos direitos civis e políticos nada acrescentam ao desenvolvimento econômico de um Estado.

Portanto, a importância da Declaração Universal reside também no reconhecimento de uma concepção de dignidade humana, que englobe os direitos econômicos, sociais e culturais. Esses direitos - à segurança social, ao trabalho, ao desfrute de tempo livre, a um nível de vida adequado, à educação e à vida cultural - reivindicam um conceito de justiça distributiva e a intervenção dos Estados e das Nações Unidas para garantir que assim seja.

Quando se proclama que todos os povos e nações devem esforçar-se para promover o respeito a esses direitos e liberdades, está-se impondo um dever tanto aos indivíduos como às instituições. Por isso, não deixa de ser revelador que o preâmbulo da Declaração Universal afirme a necessidade de protegê-los, para que o homem não seja compelido ao supremo recurso da rebelião contra a tirania e a opressão, afirmação que continua a ser uma contundente negação da legitimidade dos regimes opressivos.

Equitação: o cavalo, nosso companheiro

IRINEU GEHLEN

cavalo remonta ao homem, servindo-o, através dos tempos, na guerra, no trabalho e no esporte. O ancestral do cavalo não era maior do que um cachorro fox. Nos membros anteriores possuía quatro dedos e nos posteriores três. Evoluiu na América do Norte, no curso da era terciária, em cuja trajetória foi aumentando de tamanho, reduzindo os dedos e chegando à formação do casco.

O cavalo traz consigo as características da inteligência, da velocidade, da força, da agilidade e da docilidade. É um ser que se impôs à consideração e ao carinho do homem, na medida em que este desvendou e descobriu sua fantástica versatilidade e suas aptidões. É, indiscutivelmente, uma máquina admirável que se aperfeiçoou ao longo da história, no laboratório da vida. Sua beleza e requintada arquitetura nos impressiona e nos aproxima. É ele o mais perfeito animal de locomoção terrestre que a vida e a natureza criaram. A doma e a domesticação deste ser maravilhoso, segundo estudiosos, teria começado há cinco mil anos antes de Cristo, no Himalaia, com os arianos. Os egípcios usaram o cavalo na guerra; os gregos e os romanos no esporte (Jogos Olímpicos) e também na guerra. Em todos os tempos e em todos os lugares, nenhum animal inspirou tanto os poetas quanto o cavalo. Em cada encruzilhada do mundo, em cada esquina e em cada lugar, existe um cavalo auxiliando o homem; e gerando entre a hominidade o espírito da camaradagem e do conagraçamento.

Podemos dizer que a equitação é um esporte que desenvolve qualidades, especialmente a coragem, a concentração, a força e a destreza, não se limitando apenas ao aspecto físico. Trabalha, também, a mente, contribuindo para a formação dos nossos jovens cavaleiros, dando-lhes o senso da iniciativa e da vontade, bem como o espírito de decisão e, sobretudo, o equilíbrio entre o corpo e a mente.

LICART proclamou: “A equitação, esporte completo por excelência, tempera os corpos e os espíritos”.

A liberal e nobre arte da CAVALLARIA tem o condão de formar insígnies homens.

Xenofonte escreveu a primeira obra, DA EQUITAÇÃO, entre 430 e 354 a. C. Leciona ele que os cavalos querem ser manejados com docilidade. Esta é, sem dúvidas, a primeira lição que o cavaleiro deve conhecer. A segunda, é conhecer a moral do seu cavalo.

O hipismo traz na sua alma a camaradagem, o amor à vida, a elegância de atitudes, a generosidade, a comunicabilidade, o bom-humor, o desprendimento e o respeito humano.

O hipismo é o conjunto de provas, através das quais o cavaleiro demonstra técnica e conhecimentos perfeitos de domínio do cavalo, quanto às andaduras, destreza, maleabilidade, coragem, aptidão, velocidade e resistência.

Na Idade Média, o hipismo ganhou enorme destaque entre os militares. Lá por 1500, cresceu uma Escola de Equitação em Nápoles, onde oitenta cavaleiros ensinavam a cavalgar. O sistema e métodos italianos deram grande impulso ao hipismo europeu. Giovanni Pignatelli proferiu os mais importantes ensinamentos sobre o assunto.

No final do século XVI, foi fundada a primeira academia francesa, por Antoine

Pluvenil. Entretanto, o general L’Hôte publicou, UESTÕES EQUESTRES, que, a partir de então, passou a ser uma espécie de bíblia do hipismo.

Já no Brasil, o Imperador D. Pedro I mandou vir da Europa mestres de equitação para instruir os fidalgos da Corte. Quando se diz que a equitação é um esporte nobre, quer-se dizer que os equitadores devem ter honradez, honestidade, probidade, espírito de companheirismo, ajuda mútua, ajuda legítima em anseios legítimos, como homens de bem, como profissionais sérios, como cavaleiros e como cavalarianos. Devem falar uma língua comum, acima dos regionalismos, e estar em permanente processo de realização no plano intelectual, espiritual, civil e ou militar, em qualquer condição social, com o desejo de servir, se comunicar, se apoiar e se querer bem. Este é o verdadeiro desiderato hípico.

Essa relação que se estabelece, homem-cavalo, é de extrema importância na formação esportiva e moral. O hipismo é um esporte fidalgo.

Ao aprender a conviver, tratar e relacionar-se com o cavalo de forma racional, inteligente e amorosa, o jovem cavaleiro busca um caminho mais rico e abundante, onde as idéias e atitudes estão em equilíbrio. Profunda é a frase que exprime tudo o que se disse:

“O homem se completa pelo cavalo”.





GETÚLIO VARGAS ZAUZA

Para que o leitor fique tranquilo, devo começar este artigo declarando que não pertenço a nenhuma confissão religiosa, a nenhuma ideologia política, e a nenhuma corrente filosófica ou mesmo escola psicológica.

Quanto às questões éticas, não me conduzo por normas que venham de fora. Não aceito nenhum jugo, mesmo que sua origem seja meu inconsciente. Em relação às influências adquiridas pela internalização das impressões dos ambientes onde vivi e convivi, no lar, na sociedade, no trabalho, na educação formal, a partir dos 21 anos iniciei um muito enérgico trabalho de auto-conhecimento, primeiramente por meio da Psicanálise e, posteriormente, por outros recursos. Por conseguinte, a ética pela qual norteio meu proceder em todos os domínios, eu busco diretamente na fonte, por meio de profundo e amplo exame, utilizando minhas próprias forças espirituais, desenvolvidas com árduo, sistemático e perseverante trabalho diário.

Pelo acima exposto, considero-me insuspeito para falar sobre certos assuntos, que desde há muito são objeto de meu mais profundo interesse e amor pela verdade, inclusive e talvez, principalmente, pelas que dizem respeito à espiritualidade, que sempre foi e é fonte dos mais danosos enganos, para o progresso humano.

A questão Torre de Babel, como quase tudo o mais que se encontra na Bíblia, não pode ser interpretada como uma verdade, ao pé da letra, da palavra dita

A Torre de Babel e seu simbolismo

ou escrita.

Tanto no Velho Testamento quanto no Novo, muitas coisas, se não a maior parte delas, ou é uma profecia ou uma parábola. Num caso como no outro caso, trata-se sempre da revelação de um mistério, ou seja, é sempre um assunto espiritual (esotérico). E quem não tiver as condições de ultrapassar os limites do pensar habitual, mesmo que seja um grande erudito, permanecerá preso à equivocidade da palavra e, mais ainda, sempre estará sujeito a atribuir ao relato sentidos subjetivos, isto é, segundo os condicionamentos e preconceitos (pré-conceitos, uma suposição, ou, poderíamos dizer, colorir a explicação com o teor dos próprios sentimentos), não podendo chegar à verdade pura e límpida.

Segundo minha investigação do assunto, como fiz também no artigo publicado no número anterior da Revista da Academia Passo-Fundense de Letras (n.º 0, ano 1, p. 36-37, 2003) sobre o tema, “A Cruz e seu simbolismo”, o que se encontra escrito no Velho Testamento, em Gênesis 11, trata-se de uma profecia, sob forma de parábola. Profecia sobre o que?

Sigamos a largos passos o andamento do pensar, nas grandes etapas da história do seu desenvolvimento. Ao procurarmos na história, quando o homem começou a esforçar-se para encontrar explicação sobre o mundo, a vida, nossa origem e destinação, apoiando-se na capacidade de pensar, vamos encontrar o primeiro registro histórico no sexto século a.C, com Pherekydes de Syros (Tiro). Todavia, ainda seu modo de falar sobre as “Aspecções de mundo e vida” é semelhante às narrativas míticas. Ele apenas procura vazá-las na forma conceitual. Até essa época as narrativas míticas eram produto de expervivências reais vindas da clarividência obtida por certas personalidades, que haviam desenvolvido faculdades que lhes possibilitavam ter acesso a certos segredos do mundo espiritual.

Poderíamos citar como exemplo de faculdade de percepção de coisas

ocultas, certos acontecimentos na vida da pessoa, os quais são traumáticos e geradores das doenças da alma (neuroses). Até não muito tempo, a única forma de termos acesso aos conteúdos patogênicos jacentes no inconsciente era através das técnicas psicanalíticas, da interpretação dos sonhos e da livre associação de idéias, ou da hipnose. Hoje as técnicas de regressão, apesar de não serem muito seguras quanto aos efeitos, que podem ser danosos e até mesmo ilusórios, são de qualquer forma um instrumento de acesso direto aos conteúdos do inconsciente.

De mais atualidade e segurança, quanto aos efeitos benéficos e clareza com relação à autenticidade das percepções, existe uma nova metodologia de acesso direto aos conteúdos registrados no inconsciente, em que os mesmos comparecem na consciência com toda a nitidez, tanto no que diz respeito à cena como às emoções, sensações e sentimentos expervividos no momento em que o fato aconteceu. A esta metodologia por mim desenvolvida dei a denominação de Psicoterapia Analítica por Expansão da Consciência. Ela permite com segurança evitar os equívocos que ocorrem nas interpretações psicanalíticas e os perigos das técnicas de regressão ou hipnose.

Voltando ao núcleo do tema em questão, devemos afirmar que ele se refere realmente a uma espécie de profecia sobre o que iria acontecer com a humanidade no futuro, o que está acontecendo e deveria mesmo acontecer, qual seja, o desenvolvimento de uma “Aspecção de mundo e vida” materialista.

Com o surgimento da capacidade de pensar analiticamente, o homem voltou sua atenção e interesse para o mundo dos sentidos, quer dizer, os fenômenos da natureza, tanto inorgânica, quanto orgânica. Criou uma metodologia para a investigação dos fenômenos inorgânicos, física e química, a qual, enquanto diz respeito aos fatos observáveis através dos sentidos, seja diretamente ou por meio de seus efeitos em instrumentos, consegue até certo ponto bom nível de exatidão e verdade. Em função disso, os cientistas de outras

áreas, como das ciências orgânicas (Biológicas) e mesmo das ciências espirituais (Psicologia, História, Sociologia, Antropologia, Teologia), adotaram a mesma metodologia que, evidentemente, não é adequada para esses ramos da investigação.

A coisa chegou ao ponto de determinados investigadores, ditos espiritualistas, se esforçarem em provar a existência do espírito e de um mundo espiritual, tentando fazer com que o espírito se materialize.

Acontece que a diversidade de percepções que o mundo físico oferece suscitou, na consciência humana, a necessidade de descobrir a explicação das causas e o significado dos fenômenos. Na falta de uma linguagem com palavras específicas para cada coisa, são usadas as mesmas palavras para designar coisas diferentes. Como em nossa vida nossas impressões ficam gravadas como representação e afeto (energia), cada palavra ouvida toma uma espécie de colorido, conotação particular, conforme tenha causado uma determinada sensação ou sentimento, formando um registro todo especial cada vez que ouvimos a mesma. Como são incontáveis as vezes que a ouvimos e tão variadas as circunstâncias, para a mesma palavra temos infindáveis conotações subjetivas. E, quando alguém quer comunicar algo a outro, está sempre diante da condição de ser interpretado subjetivamente. Daí é que nasce a grande confusão em que de fato muito dificilmente alguém entende realmente o

sentido daquilo que seu interlocutor quer revelar. Cada um “vê ou ouve” a coisa segundo o colorido que o afeto aderido à palavra dá à percepção. Ou então, segundo as distorções do “vidro” através do qual cada um “olha”.

Como toda interpretação está sujeita a esse processo, torna-se muito difícil chegar a uma explicação verdadeira dos fenômenos. Mas, como na metodologia de pesquisa da Física e da Mecânica pode-se ter exatidão, enquanto se permanece na descrição do fenômeno, os investigadores das outras ciências foram seduzidos pela mesma.

As questões relativas à existência ou não do espírito - como uma realidade em si de um mundo espiritual e existente antes do nascimento e após a morte - sempre intrigaram o ser humano e, podemos mesmo dizer, o angustiaram. Muitos pesquisadores querem alcançar a resposta a tão fremente questão, através da ciência fundamentada na aspecção materialista que, enquanto permanece na contemplação e descrição dos fatos no laboratório, oferece segurança. Mas eles não ficam parados aí. Vão além, fazem cogitações, inferências, hipóteses, etc. Quer dizer, querem explicar o fenômeno por meios que não estão revelados pelo mundo dos sentidos. Lançam mão de

recursos subjetivos, tirados do mundo material, cuja certeza não existe.

É nisso que reside o sentido da confusão das línguas, e não na diversificação dos idiomas.

Encontrar o significado oculto dos fatos, as verdadeiras causas, significa reconhecer a verdade sobre os mesmos, por meio do pensar. E como o pensar é uma atividade do espírito, aquilo que o espírito percebe só pode ser espiritual. Reconhecer algo espiritual só pode acontecer quando se entra, no caso, com o pensar no mundo espiritual. No livro *Gênesis*, céu quer dizer aquele domínio onde se entra, em um primeiro momento, por meio do pensar. A torre significa a construção de uma “Aspecção de Mundo e Vida”, baseada nos conhecimentos hauridos no mundo material, ou seja, nos fenômenos da natureza.

No aspecto da vida diária, nos relacionamentos interpessoais, além das dificuldades geradas pelas distorções dos sentimentos deformados, ainda temos que levar em conta que, muitas vezes, as pessoas nem sabem bem o sentido daquilo que estão falando, e que elas mesmas têm uma noção deformada das suas percepções e de seus sentimentos. E, para agravar ainda mais a realidade, usam as palavras para dizer o que na verdade não pensam, e não sentem o que querem fazer acreditar.

O tema poderia e deveria ser tratado com maior profundidade e extensão, mas no momento é feito apenas o possível para as circunstâncias e o espaço.



O passo-fundense que revolucionou o Brasil

jornalismo brasileiro pode ser dividido em duas fases: antes de Tarso de Castro e depois de Tarso de Castro. Intolerante, bêbado, perdulário, mulherego é assim definido por muitos que ainda fazem questão proclamar aos quatro ventos que eram amigos dele. O certo é que esse passo-fundense, nascido praticamente dentro do jornal *O Nacional*, no dia 11 de setembro de 1941, só é unanimidade num único ponto: foi um dos mais importantes Jornalistas – isso mesmo com j grande – que o país já teve.

Sônia Regina Schena Bertol, que estudou a vida e a obra de Tarso, numa dissertação de mestrado, sob o título de **Tarso de Castro, Editor de *O Pasquim***, conta que ele se iniciou no jornalismo, aos 12 anos, como linotipista do jornal pertencente a seu pai, Múcio de Castro. O jornal era e continua bem comportado. Irreverência, apenas nos períodos em que Tarso escrevia no velho diário.

Assim foi logo depois do Natal de 1959, ao provocar uma desavença entre a família Castro e o bispo diocesano dom Cláudio Colling, que chegaria a arcebispo. Tarso respondeu a um artigo sobre o Natal, escrito pelo respeitado sacerdote, com uma crônica sob o título de OBSERVANDO, escrita sob o pseudônimo de TeDeCê. Foi o primeiro texto polêmico. E decisivo para seu futuro.

Para que as coisas se acalmassem, Tarso foi mandado como interno estudar no Colégio Rosário, em Porto Alegre. Ali, aos 17 anos, se tornou admirador de Samuel Wainer e Leonel Brizola e passou a trabalhar na sucursal da Última Hora, envolvendo-se na política e aperfeiçoando o aprendizado jornalístico iniciado em sua terra natal.

Em 1961 já estava no Rio de Janeiro, ajudando na fundação de *Panflete*, jornal brizolista. Apesar da pouca duração, o periódico alcançou enorme tiragem graças divulgação promovida pelos Grupos dos 11, organização popular temida pelos conservadores da época.

Após um curto período de exílio no Uruguai, ao lado de Brizola e Jango, Tarso retornou ao Rio, trabalhando em diversos jornais, até o lançamento de *O*



Pai e filho: Múcio de Castro e Tarso de Castro

Pasquim, a 26 de junho de 1969. Era um período difícil para a imprensa. Mesmo jornais que apoiaram a ascensão dos militares ao governo eram censurados. Aos jornalistas de oposição restava apenas o caminho de pequenas publicações. Daí o termos “alternativo” ou “nanico” com que esses jornais eram identificados. Além disso, preferiam o formado

tablóide, que corresponde à metade dos jornais mais tradicionais.

À exceção de Millôr Fernandes, que se tornou inimigo fidalgo de Tarso, todos os seus contemporâneos são unânimes em afirmar que este foi o verdadeiro criador de *O Pasquim* e que o jornal acabaria contribuindo para mudar a cara da imprensa brasileira. Em pouco tempo



Tarso de Castro (C) e equipe de O Pasquim

chegou a tiragens semanais superiores a duzentos mil exemplares.

Tarso contribuiu para isso, com um texto inovador, muito próximo da linguagem coloquial. Sabia usar o humor, o palavrão, a ironia, fazendo escola. Seu texto, em muitos aspectos, se aproximava do que viria a se consolidar como uma característica da chamada “geração do mimeógrafo”.

Mais do que um jornal, *O Pasquim* foi uma paixão. Prova o fato de que, mesmo durante a prisão da equipe de produção, a 1º de novembro de 1970, o jornal foi mantido pela ação de colaboradores. Tarso fugiu dos agentes do DOI-Codi pulando o muro e estabelecendo a redação clandestina numa casa ao lado da sede do semanário.

Somente foi preso, alguns dias depois, porque os agentes prenderam sua

mulher, Bárbara Oppenheimer, forçando que ele se entregasse. A pressão pela libertação dos jornalistas foi muito grande. Tarso foi o último a ser libertado por não se ter dobrado às condições impostas pelos militares.

A equipe de *O Pasquim*, em 1970, conseguiu burlar a censura, explorando os pontos fracos dos censores. O primeiro censor era uma mulher alcoólatra, e passou a ser manipulada com doses generosas do melhor uísque; o segundo era um general que recebia os jornalistas numa *garçonnière*, cheia de moças bonitas. Eles argumentavam durante largo tempo até que ele deixava passar tudo para não perder a companhia feminina. Fizeram virar o feitiço contra o feitiçeiro, usando táticas exploradas pelos agentes da repressão.

No começo de 1971, Tarso de Castro

afastou-se de *O Pasquim* e o jornal começou sua decadência. Depois disso, passou por diversos jornais e editou os semanários *JÁ* e *Enfim*; o *Folhetim*, da Folha de São Paulo; a *Tribuna da Imprensa*; a revista *Careta* e *O Nacional*, no Rio de Janeiro.

Em 1979, a pedido de seu pai, retorna a Passo Fundo, contribuindo para revitalizar o jornal onde iniciou sua carreira. No ano seguinte já está de volta ao centro do país. Faleceu em São Paulo, no Hospital das Clínicas, em 20 de maio de 1991. Seu corpo, depois de embalsamado, foi velado na Assembléia Legislativa paulista e transladado para Passo Fundo. Após velório no plenário da Câmara de Vereadores, foi sepultado em sua terra natal. (PAULO MONTEIRO)

Tarso de Castro

FRANCO – Já foi moeda forte na França e atualmente exerce o cargo de diretor do Trânsito na Guanabara. Fracassou nas duas profissões. Na França, entretanto, graças ao espírito pioneiro de Charles De Gaulle, transformou-se em Franco Novo, com o que conseguiu salvar-se. Aqui, entretanto, continuamos com o velho Franco que, mesmo sendo fraco, atrapalha a todos com grande energia. Existem, ainda, outras grandes afinidades entre o Franco Novo francês e o Franco brasileiro. O de lá parece ter-se desvalorizado, devido ao desengarramento, isto é, os franceses bebem vinho demais, o que prejudica a exportação. O daqui desvalorizou-se pelo engarramento, que se transformou em grande atração turística carioca. Os dois Francos se encontram também alinhados no esquema de produção. O Franco francês é que financia a construção dos aviões “Mirage”, mas não é bem sucedido, uma vez que de uma maneira geral tais aparelhos continuam voando. No Brasil, o Franco transformou-se num dos principais incentivadores da indústria automobilística, depois de ter estabelecido entre os cariocas um verdadeiro recorde de acidentes, nos quais os automóveis ficaram inteiramente inutilizados – o que forçou um rápido aumento da produção. Agora, há uma diferença entre os dois Francos, que deve ser notada: o daqui fala.

ANTIQUA – De “Banda Antiqua”, que se vai apresentar numa promoção d’O PASQUIM, no Cine-Teatro Poeira, de Ipanema, bairro que se tornou famoso porque chegou a 60 muito antes do calendário indicar. O espetáculo será dia 28, às 24 horas, já se sabendo, de antemão, que o conjunto toca músicas medievais, o que se constitui numa novidade imensa, de vez que só mesmo Austregésilo de Athayde conhece as versões originais da música. Nos intervalos haverá farta distribuição de uísque, produto que há anos vem garantindo o sucesso de muitas noites de autógrafos,

(Textos compilados a partir de Sônia Regina Schena Bertol: **Tarso de Castro, editor de O Pasquim, 1999**)



mesmo em se tratando de livros de J. G. de Araújo Jorge, José Mauro de Vasconcelos e outros imbecis. Uma grande pedida.

ATHAYDE – De Austregésilo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras e autor de um excelente livro, por sinal o mais lido entre os imortais. Trata-se da lista de telefones reservados, à qual só têm acesso os demais imortais devido à morte de seus antecessores. O próximo a morrer dará lugar a outro imortal.

(...)

POLÍTICA – De antiguidade. Arte bastante praticada em certa época no Brasil, especialmente pelos políticos. Políticos eram aqueles que faziam política e, assim sendo chamados, sentiam-se orgulhosos. Hoje o termo virou quase ofensa, mas devido especialmente à falta de informações sobre onde andam os ditos políticos. Em qualquer casa de antiguidades você pode encontrar um Dinarte Mariz ou um Arnaldo Cerdeira por preço de ocasião.

VERDES – De “Boinas Verdes”, filme romântico-musical norte-americano, no qual o conhecido ator John Wayne, herói da segunda guerra mundial – bateu recorde em

matéria de desculpas para não ir lutar no front –, demonstra por A mais Z que os Estados Unidos estão vencendo a guerra no Vietnã. O filme tem duas vantagens (ou verdades): 1) Demonstra que os vietcongs não são de nada; 2) O que, por sua vez, demonstra que a imprensa é mentirosa. No Brasil, o filme está fazendo muito sucesso. E o faria também em Saigon, no cineminha da embaixada americana se a temporada não tivesse sido interrompida quando os norte-vietnamitas tomaram a sede daquela representação diplomática.

TEATRO – De Teatro de Bolso. Revolucionária Casa de Espetáculos existente no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro. Com uma lotação de trezentos lugares, o espetáculo é feito por pelas outras pessoas que se concentram nos corredores, na beira do palco, no apoio de uma poltrona, às vezes no colo de sua mulher e até – em se tratando de gente sofisticada no seu colo. O teatro oferece algumas surpresas, também: outro dia um espectador conseguiu em dado momento ver Gal Costa cantando num canto do teatro.

(...)

Qualquer um, menos Bush

OSVANDRÉ LECH

paixonados por siglas (sim, elas estão por todos os lados : NBA, UCLA, NATO, UN, NASA, etc.), boa parte dos americanos estão adorando a novíssima “ABB” (anybody but Bush – qualquer um, menos Bush). Sim, o poderoso presidente da maior nação do mundo enfrenta os mais altos índices de rejeição, desde a sua eleição há quase quatro anos. Para dizer a verdade, a maioria dos votantes, na última eleição para presidente nos EUA, ainda não está recuperada daquela que foi uma vitória do Partido Republicano obtida por mínima porcentagem de votos na reapescagem (lembram-se da confusa e pouco conclusiva recontagem manual dos votos na Flórida ?). Os trezentos milhões de americanos (5% do total da população mundial) continuam vivendo como verdadeiros “reis do mundo”, já que 47% da economia mundial é deles, 55% de tudo que é produzido no mundo é importado e consumido por eles, 50% do custo da saúde do mundo é gasta somente nos EUA, etc. Pois este mesmo país, vencedor e conquistador,

incomoda-se por ter no seu cargo máximo este filho de família de magnatas do Texas, ligado a setores de energia e petróleo, cujo pai foi também presidente dos EUA no início dos anos 90, o outro George Bush. Talvez aí esteja o maior ponto de conflito para a sociedade americana: ELE JÁ ENCONTROU (QUASE) TUDO PRONTO, ou seja, (quase) não teve emoção conquistar o cargo mais cobiçado daquele país, pois ele trilhou os caminhos mais fáceis do poder e teve por isso uma vida cheia de facilidades, num país onde a maioria tem orgulho em dizer que “saiu do nada e conquistou a América”, como aconteceu com milhões de anônimos, e outros menos anônimos, como Frank Sinatra, Bill Gates, Michael Jordan, para citar bem poucos. Depois de fazer pouco pela economia do país, manter o sistema de saúde caro para os pacientes e mal-pago para médicos e hospitais (este filme não precisa passar aqui!), aumentar gigantescamente o déficit público, invadir o Afeganistão e o Iraque, sem a concordância da comunidade internacional, e reacender a “síndrome do Vietnã”, que diariamente os jornais estampam na lista dos jovens americanos mortos em combate, além de expressar na mídia mundial uma figura absolutamente desprovida de carisma, o atual presidente republicano poderá realizar a façanha de perder a próxima eleição para o senador democrata de Massachussets, John Kerry (JK, lembrando o lendário John Kennedy, outro democrata daquele mesmo Estado), com o qual vai disputar a presidência. Por fim, em ano de campanha eleitoral, vale o que ensina Bernard Baruch: “vote em quem promete menos, pois o desapontamento será menor”. Qualquer semelhança desta citação, com o que estamos vivendo no Brasil, é mera coincidência.

(Osvandré Lech é ortopedista e membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)



Poesia

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Curiosidade

Do outro lado da lagoa,
tão imensa e molhada,
haverá o quê?

Um campo de saudades?
Uma floresta de luxúria?

O elo dos laços partidos
que o arco-íris camuflou?

Um amor doido e infinito
carregado como um troféu
nos braços do sol?

Ou o lado avesso do horizonte,
com seus enigmas eternos,
brincando de esconder?

Expectativa

O inverno abotoa o capote,
apanha o chapéu
e se despede.

Brotos
e uvas;
crianças
e aves;
ninhos
e ovos;

todos de prontidão,
espreitam,
pela fechadura do quintal,
o momento ideal
de entrar em ação.

Cavalgadura

O meu sonho de menina
era ter um cavalo alado,
que brincasse com o vento,
além do espaço e do tempo.

O cavalo eu tive, certamente,
mas de asas atrofiadas,
que galopava em círculos,
não sabia voar
e só enxergava
o próprio umbigo saliente.

A hereditariedade do gênio

GILBERTO R. CUNHA

ão é de hoje que, melhorar a espécie humana – não só fisicamente, mas também em seus aspectos morais e intelectuais – , tem sido objeto de preocupação de filósofos, de cientistas e de estadistas das mais diversas ideologias e correntes de pensamento. Três nomes, apenas para ilustrar: Platão, Francis Galton e Adolf Hitler. Na sua *República*, Platão descreve uma sociedade na qual se procura aperfeiçoar a humanidade, por processos seletivos. O estatístico vitoriano, Francis Galton, foi o criador da eugenia (conjunto de técnicas para melhorar geneticamente a espécie humana). E Adolf Hitler e os nazistas, pregando a superioridade da raça ariana, levaram de vez essas teorias e idéias ao descrédito, quando se valeram da eugenia para justificar a eliminação de judeus, negros e homossexuais.

Para entender Francis Galton e suas idéias expressas no livro *Hereditary Genius* (Gênio hereditário, Gênio herdado ou A hereditariedade do gênio; dependendo do tradutor), poucas coisas são necessárias: compreender o próprio Galton e seus conceitos de gênio e eminência, além de um conhecimento primário em estatística (distribuição normal de Laplace-Gauss).

Começando com Francis Galton: era filho de um grande banqueiro de Birmingham e primo-irmão de Charles Darwin. Nasceu em 1822 e morreu em 1911, no Reino Unido. Começou estudando Medicina, mas por problemas de saúde abandonou a carreira. Sua privilegiada situação econômica permitiu que viajasse muito e se dedicasse a escrever livros sobre múltiplos assuntos. Seus tratados sobre a África, por exemplo, foram premiados pela Sociedade Real de Geografia (em 1853). Também assinou obras nas áreas de fisiologia, antropologia, meteorologia, estatística e história da ciência. Ainda, foi o pioneiro nos métodos de identificação de pessoas por meio de impressões digitais. Seu livro mais famoso é o *Hereditary Genius*. A primeira edição saiu em 1869, merecendo resenha na revista *Nature*, de 17 de março de 1870, e a segunda edição, contando com um esclarecedor prefácio



Francis Galton

do próprio Galton, acabou publicada em 1892. Mesmo tendo sido escrita no século 19, *Hereditary Genius*, contrariando o senso-comum, é uma obra de leitura fácil e agradabilíssima.

Na concepção de Francis Galton, o gênio deve ser entendido como o mais elevado grau de capacidade mental criadora, caracterizando um indivíduo com extraordinária potência intelectual. Usou essa palavra para expressar uma habilidade extremamente elevada e ao mesmo tempo natural. A posição de eminência, significando reputação elevada em uma dada profissão, na visão de Galton, é uma decorrência da superioridade do gênio em relação aos seus pares.

O que Galton procurou provar com o seu *Hereditary Genius* era que genialidade e eminência são transmitidas por herança. Para testar a sua hipótese, ele analisou famílias de notáveis, nas mais diversas áreas do conhecimento (direito, letras, ciência, música, política, pintura, etc.), relacionando os graus de eminência e de parentesco entre indivíduos. Acabou encontrando que a frequência do destaque de eminência declina com

a mudança no grau de parentesco, entre os indivíduos analisados. Qualquer coisa tipo: filho de peixe peixinho é. Ou: a fruta não cai muito longe do pé.

Com a eugenia, reservando a reprodução às pessoas selecionadas, Galton sugeriu a possibilidade de aprimoramento da espécie humana, por meio de cruzamentos genéticos premeditados. Não visava à criação de classes privilegiadas e sim a uma evolução positiva da humanidade em seu conjunto.

Não faltaram críticas às suas idéias. Começando pelos aspectos racistas e discriminatórios de uma proposta desse gênero. Seus maiores erros: (1) subestimar a influência do ambiente sobre as pessoas; e (2) tal qual seu primo Darwin, também ignorou as descobertas de Gregor Mendel, particularmente no que concerne à presença de genes nocivos, em portadores normais (heterozigotos) de genes recessivos.

A eugenia de Galton saiu de moda, surgindo, mais por questões de saúde do que propriamente para produzir gênios, os aconselhamentos genéticos da Medicina.

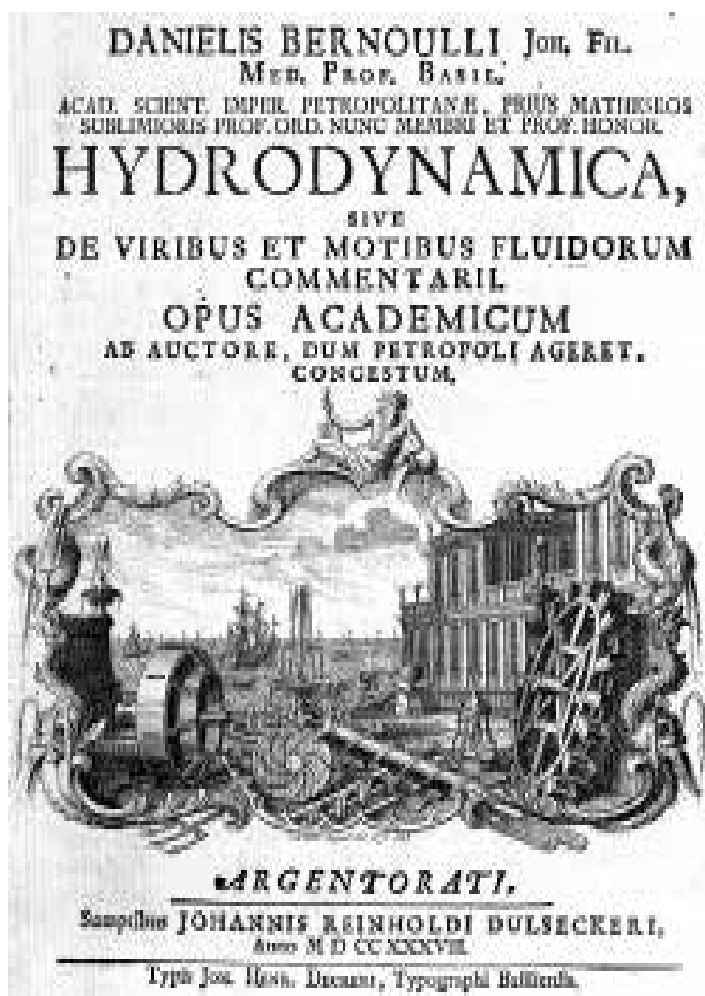
Os Bernoullis

GILBERTO R. CUNHA

ente pra lá de complicada eram os Bernoullis. Você, certamente, já ouviu falar deles. Formaram uma verdadeira dinastia de sábios. Nunca houve, pelo que se conhece, um Bernoulli que fosse intelectualmente medíocre. Os membros dessa família notabilizaram-se nas ciências, nas artes, na literatura, no direito, na medicina, na administração e em muitas outras profissões eruditas do passado. Pelo menos nove Bernoullis atingiram a condição de celebridade na sua época. Estavam entre os maiores de então. Mas, há sempre um mas, apesar da genialidade, constituíam uma família assaz briguenta e ciumenta, que cultivava no seu seio sentimentos pouco nobres: amargura, competição e inveja.

O patriarca da família, Nicolaus Bernoulli, foi um abastado comerciante da Basileia (Suíça), cujos antepassados protestantes, por perseguições religiosas, haviam deixado a Antuérpia (Bélgica) por volta de 1585. Teve vida longa (1623 a 1708) e três filhos famosos: Jacob, Nicolaus (conhecido como Nicolaus I) e Johann.

Jacob Bernoulli foi um grande professor de Matemática, sendo aclamado em toda a Europa. Descobriu, por exemplo, no seu livro, *Ars conjectandi* (A arte da conjectura), a Lei dos Grandes Números. Ele é descrito como uma pessoa de temperamento bilioso e melancólico. Tinha um relacionamento tão tumultuado com o pai que adotou como lema: *Invito patre sidera verso* (“Estou entre os astros, não obstante meu pai”). O irmão mais novo, Johann, matemático célebre e pai de Daniel (o mais famoso dos Bernoullis), ficou rotulado na história da ciência como violento, ofensivo e,



quando necessário, também desonesto.

Houve ainda o filho do irmão do meio (Nicolaus I), conhecido como Nicolaus II, que, com a morte do tio Jacob, em 1705, e com apenas 18 anos, foi encarregado de concluir o livro (que estava quase pronto) do tio famoso: A arte da conjectura. Esse Nicolauzinho levou oito anos nessa tarefa. Na introdução, justifica o atraso pelas suas viagens e inexperiência. Merece o benefício da dúvida, pois, nesse período, consultou muitas opiniões a respeito do livro, inclusive a de Isaac Newton. E, para complicar ainda mais, Daniel tinha um irmão mais velho, também de nome Nicolaus, que acabou cognominado de Nicolaus III. Ele foi um destacado sábio (quando tinha oito anos falava quatro idiomas, tornando-se doutor em Filosofia na Basileia, aos 19). Iniciou Daniel na Matemática.

Em 1725, os irmãos Nicolaus III e Daniel foram para São Petersburgo. Nicolaus III morreria oito meses de-

pois. Daniel permaneceu em São Petersburgo até 1733, quando retornou à cidade natal da Basileia para lecionar Física e Filosofia. E, exatamente por essa época, começaram as grandes encrencas de Daniel com o pai, Johann. Se bem que nunca viveram às mil maravilhas antes. Johann havia tentado transformar Daniel em um homem de negócios, depois o mandou estudar Medicina; mas ele queria mesmo era ser matemático.

Daniel Bernoulli submeteu um trabalho sobre astronomia ao grande prêmio da Academia de Ciências de Paris. Seu pai Johann fez o mesmo. Os dois foram aclamados vencedores e dividiram o prêmio, em 1734. Johann ficou furioso com o resultado e acabou expulsando Daniel de casa. O pai era um homem célebre, mas não conseguia conviver com o êxito do filho.

Quando, em 1738, foi publicado o clássico Hidrodinâmica, de Daniel Bernoulli, Johann, possuído pelo ciúme, não se conteve. Escreveu um livro parecido, chamado Hidráulica, que saiu em 1739, mas que ele, propositadamente, datou de 1732, para passar a idéia de que fora pioneiro no tema e Daniel o plagiara.

O comportamento de Daniel Bernoulli sugere que seu espírito era melhor que o do pai. Não ignorava o talento de Johann. Tanto é assim que, no frontispício do seu Hidrodinâmica, escreveu: “Daniel Bernoulli, filho de Johann”. Também assinou trabalhos com seu irmão mais novo, Johann (II) Bernoulli. Foi vencedor de 10 prêmios, na cobiçada Academia de Ciências de Paris, sendo glorificado quando ainda vivo. Morreria na Basileia, em 1782.

Reflexão: se até os gênios têm as suas disputas de beleza, imagine o que sobra

A busca da perfeição na criatividade

CRACI DINARTE

William Faulkner, Nobel de 1949, dizia: “Toda pessoa tem que ter sonhos ou será pessoa vazia, com um vácuo nas suas emoções. Expressamos ou mostramos que existimos plenamente, criando. Sim, criando, pois criar é a seqüência natural do ser”.

Toda pessoa nasce com “talento”, cabendo a ela, o maior esforço, com ajuda do ambiente, para desenvolvê-lo. Um talento desejado e aprimorado pela pessoa, quando atinge o “encontro especial”, que é visão, arrebatamento, envolvimento e absorção, resulta em grande “criatividade”, ou seja, “talento + encontro especial = criatividade”.

No momento da criatividade é que surgem todas as grandes “obras de arte”, que hoje admiramos em museus, jardins, parques e residências particulares.

No momento da criação, o

artista apresenta alterações em seu organismo, como aceleração cardíaca e perda de apetite; ignora a passagem do tempo, etc. Ao concluir sua obra, o artista sente regozijo, um estado de espírito que nasce da experiência de realizar as suas potencialidades.

Para criar, o artista precisa de tudo o que o envolve no interesse de sua obra, isto é, vontade, estudo, prática, dedicação quase total e coragem para expor sua obra aos olhos do mundo, sem temer sua crítica.

Quando falamos de criação, referimo-nos a todas as artes: música, pintura, dança, escultura, literatura e outras mais. Na literatura, o artista encontra um espaço imenso para revelar suas emoções, onde a sua coragem de criar (coragem ontológica ou da alma) deve

estar fortemente presente.

Para sentir a emoção de criar, o homem não precisa ser o criador de uma obra de arte, pois, quando ele contemplar, ler, ouvir e sentir todas as emoções que o artista criador sentiu, ele conseguiu criar emocionalmente sua obra de arte.

“Todo aquele que deseja seguir o caminho certo deve conhecer, desde a juventude, as formas belas, e, quando bem orientado, aprende a amar somente essas “formas”. Esse amor o levará a criar pensamentos sensatos, e logo perceberá que a beleza de uma forma se relaciona com a beleza de outra, e que a beleza das formas é uma só” (Platão).

“Precisamos combater o preconceito de que o “talento” é uma doença e a “criatividade” uma neurose”, destacou Rollo May em “A coragem de criar”.

Há mãos que, com gestos, falam.

Mãos frias,
vazias,
egoístas e sós.

Mãos fortes,
firmes,
que sustentam a vida.

Mãos grotescas,
brutais e mortais.

Mãos suaves e macias
que buscam carícias.

Mãos seguras e leves
que dão amor.

Mãos de todos
que se unem
na busca da paz.

Mãos que falam

Saudade-felicidade

Saudade –
amor que vai,
deixando um vazio de vida.
Amor que já foi,
um amargo doce de ontem.
Felicidade –
amor que vem reanimando,
um verdejar ameno
da primavera de sonhos
se abrindo.

Vem

Dizes: “Vem!”
Mas não sei
o que te ofertar.
Servem minhas lágrimas?
O vazio de meu coração?
Minhas mãos sem carinho?
Minha alma distante, sem sonhos,
em busca de outros mundos?
Serve-te isso
ou serás capaz de fazer-me reviver?

Também amamos

Você diz “amo”,
e vejo a criança desabrigada.
Você diz “amo”,
e vejo velhinhos sendo abandonados
pelos seus familiares.
Você diz “amo”,
e vejo luta sangrenta
de irmão contra irmão.
Você diz “amo”,
e filas de famintos crescendo
de minuto a minuto.
e o egoísmo destruindo espíritos.
Todas as dores
irão desaparecer
quando você disser:
“Eu amo”,
e muitas vozes responderem:
“Nós também amamos”.

Balada do Amor

Se me olhas:
Ah! marujo, navega,
navega na balada deste amor!
Se me sorris:
Ah! marujo, navega,
navega próximo deste porto!
Se me amas:
Ah! marujo, navega,
navega nas ondas deste corpo,
que a voz do mar entoará a balada do amor!

Chove, chuva

Chuva, chove
teu pranto sozinho,
nesse mundo povoado
de gente vazia,
sem sonhos
sem rumo,
aturdidos de doutrinas,
palavras
e promessas
que não levam a nada,
iludindo na busca da felicidade.
Ó gente vazia,
deixem a chuva
molhar os seus corpos,
fazer deles um lindo jardim.

A gaivota

A gaivota ensaia
seu primeiro vôo.
Suas asas leves
fazem-na planar.
A cada dia
alcança maior altitude.
Voa, voa livre,
até sumir no espaço.
Já não é pássaro,
é céu.

O homem atual

O homem atual é esquelético,
de corpo e de espírito.
Negam-lhe o seu valor existencial,
perdendo ele sua consciência total da vida,
tornando-se um perturbador,
um brinquedo das forças dominantes.
Ao ver ruírem os seus direitos,
crescendo a maldade
e os falsos criadores de ilusões,
o homem sente morrer sua individualidade
e o medo o invade,
deixando-se dominar pela consciência coletiva.
É a supremacia do exterior
sobre o interior,
do material
sobre o espírito.
Sem o apoio
da natureza,
seu lar natural,
que mais parece
com um horizonte sem paisagem,
um mundo sem vida,
o homem atual
tem como seu companheiro
somente seu grande medo.



Sociedade São Vicente de Paulo

88 anos em Passo Fundo

WELCI NASCIMENTO

século vinte estava dando seus primeiros passos, quando a Sociedade São Vicente de Paulo chegou em Passo Fundo. Corria o ano de 1916. A cidade era pequena, provinciana. Com a sociedade chegava uma epidemia muito forte: a chamada gripe espanhola, que provocou muitas mortes. Pode-se dizer que foi uma catástrofe. Conta-se que chegavam a transportar cadáveres em carroças.

A Sociedade Vicentina foi fundada no ano de 1833, na França, pelo jovem Frederico Ozanan, e exprimiu-se, no início, pela visita aos pobres. Nasceu com uma vocação: o serviço direto aos pobres. Todos podem ser agentes na sociedade vicentina, tanto o mais pobre, quanto o mais rico. Seus fundadores encontraram no Evangelho a aspiração: “O reino de Deus está aí: os pobres, os pequeninos aí estão e aí tem sido chamados os primeiros...” A história da cristandade ilustra a preocupação com a dignidade e com o serviço aos pobres. O exemplo incansável de São Vicente de Paulo foi escolhido como patrono da Sociedade. A Sociedade Vicentina tem uma forte vocação humana e divina. Sua base são as suas conferências, formadas por pequenos grupos de homens, mulheres e

jovens que se reúnem, com regularidade e frequência, para a prática da caridade.

Corria o ano de 1916 e o mês de fevereiro, quando um grupo de homens, liderados pelo Pe. João Rafael Iop, pároco da histórica igreja Nossa Senhora da Conceição, localizada em frente à Praça Tamandaré, com a presença ilustre do bispo da diocese de Santa Maria, Dom Miguel de Lima Valverde, fundou a primeira Conferência Vicentina em Passo Fundo, há 88 anos portanto. Os livros históricos da igreja registram que os vicentinos praticam a caridade, distribuindo cobertores aos pobres, especialmente no inverno rigoroso.

Passados dois anos, os vicentinos fundaram um hospital na cidade de Passo Fundo, para atender a população pobre, o qual hoje é o maior hospital da região norte do Rio Grande e um dos mais organizados do Brasil.

Em relatório, o então Prefeito Municipal Armando Araújo Annes registrou, em 1926, que a Prefeitura auxiliava as aulas mantidas pela Conferência Vicentina São Vicente de Paulo, de Passo Fundo. Com o Hospital São Vicente de Paulo, os vicentinos fizeram surgir o Serviço de Assistência Pública aos indigentes e um ambulatório, em parceria com o poder público municipal. Os

vicentinos ajudaram a instalar a Diocese de Passo Fundo, em 1951. Foram os membros da Sociedade Vicentina que deram a idéia e lideraram a construção de uma igreja grande e bela no terreno baldio da Rua General Neto, onde hoje se localiza a Catedral N. S. Aparecida.

Atualmente, em tempos modernos, mas em que ainda continuam morrendo de fome e de doenças milhares de pessoas, a Sociedade Vicentina, por meio de suas conferências, luta contra esses males. Prioriza as visitas domiciliares, a promoção humana evitando o assistencialismo, leva a palavra de Deus. Suas obras, em Passo Fundo, são: o Hospital São Vicente de Paulo, o Abrigo de Idosos Nossa Senhora da Luz, onde são atendidos 40 idosos pobres, a Creche Santa Isabel, localizada no Bairro Lucas Araújo, a Casa de Apoio, localizada na rua Uruguai, para alojar os familiares de pacientes internados nos hospitais, o Salão Comunitário e 16 conferências espalhadas pelos bairros da cidade. A caridade é o pilar da ação vicentina, em Passo Fundo e no mundo.

(Welci Nascimento é professor aposentado e membro da Conferência Vicentina São Marcos. Na Academia Passo Fundense de Letras ocupa a cadeira n.º 23, cujo patrono é Casimiro de Abreu.)

Onde estão os artistas excluídos da grande mídia?

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

força da comunicação social tem criado mitos, salvado vidas, criado confusão.

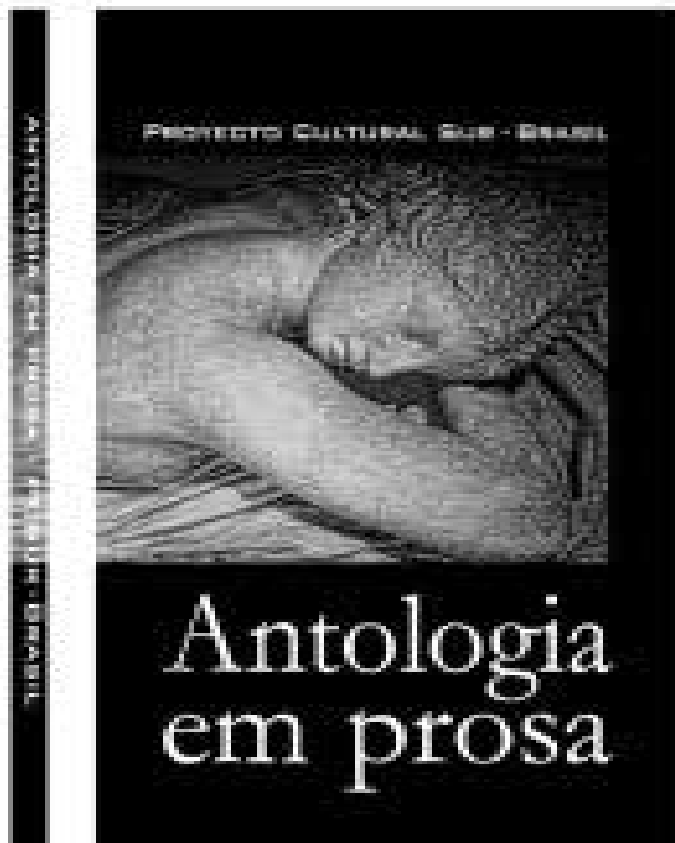
Quem desconhece o poder de divulgação da arte que a TV possui, o rádio, as revistas especializadas? Poucos. Sabemos que a mídia descreve a história de acordo com os olhos que a comandam. Porém, onde está a arte que não é divulgada na grande imprensa, nos grandes eventos literários – no caso da literatura? Deixou de existir? Não. Os artistas que ficam fora dos circuitos comerciais continuam a produzir seus livros, seus encontros. No Rio Grande do Sul, possuímos uma série de Casas de Poeta, Academias de Letras, entre outras agremiações, que valorizam os artistas de cada local, dando vazão a sua forma de expressão e as suas pesquisas.

Passo a comentar três casos específicos: A CAPOSM – Casa do Poeta de Santa Maria –, o Jornal Letras Santiaguenses e o Proyecto Cultural Sur (este com dimensão internacional).

A CAPOSM é o resultado do trabalho de uma série de artistas de Santa Maria que, integrados no mais puro espírito literário, se encontram semanalmente para trocar idéias, poemas e companhia. Dessa companhia poética, resultaram antologias e movimentos concretos, como no caso do “Cesto de Poemas”. Na Feira do Livro de Santa Maria/2003, o grupo manteve um canto da praça repleto de poemas. As pessoas passavam por lá, conversavam com os poetas e adquiriam um poema autografado, pela quantia de dinheiro de que quisessem dispor. O dinheiro era utilizado para novas cópias de novos poemas. Assim, durante toda a feira, a Casa do Poeta manteve aquecidas as almas na praça.

Segundo Rodrigues, presidente da CAPOSM, a Casa está sempre tão cheia de entusiasmo, com seus associados produzindo, discutindo, vivendo a sua produção, que cabe citar Tolstoi: “Pode-se viver no mundo uma vida magnífica, quando se sabe trabalhar e amar, trabalhar pelo que se ama e amar aquilo em que se trabalha”.

A CAPOSM, bem como a Casa do Poeta Santanense – CAPOSAN –, de Sant’Ana do Livramento, que também efetua um movimento literário de força, incluindo artistas uruguaios, são a prova de que é possível ser artista, estar no convívio da poesia, levando este sentimento para as pessoas, trocando, sem estar especificamente na grande mídia. Vale a pena conferir as antologias: Confraria (in)verso: antologia em prosa e verso, organizada pelo poeta Ubirajara Rodrigues e publicada em 2003; e CAPOSAN 2002: contos, crônicas e poesias, organizada pela



Casa do Poeta Santanense, publicada em 2002.

Letras Santiaguenses – 1996/2004 - oito anos escrevendo cultura! Para quem faz parte da busca incessante de verbas para publicar livros, jornais de cunho literário, saber de uma iniciativa que comemora seus 8 anos de existência é realmente uma festa. O responsável por esse sucesso é o professor, escritor e poeta, Auri Antônio Sudati, de Santiago/RS. Cooperativado, o jornal foi fundado em 25 de janeiro de 1996 e traz poemas, contos, crônicas, de diversas partes do Brasil, como também autores de Cuba, da Espanha, da Itália, da Argentina e de outros países. Os textos são acompanhados do nome e endereço de seus autores, o que facilita o intercâmbio e o diálogo. A distribuição ao público é gratuita, o que desarticula aquele adágio popular de que literatura não vende. Realmente, no caso de Letras Santiaguenses, não se vende. A literatura é distribuída fartamente, em todos os lugares. Quem quiser conhecer melhor esse projeto, pode entrar em contato com o Sr. Auri (aurisudati@aol.com). Para ele: “Se o nosso jornal literário está de parabéns pelo 8º aniversário, estão de parabéns também todos os autores que têm participado conosco e que valorizam o Letras Santiaguenses”.

O Proyecto Cultural SUR já tem mais de 10 anos de atuação e integra artistas de todo o mundo, das mais diversas manifestações artísticas, publicando antologias em diversas línguas e efetuando encontros e eventos internacionais. Eu, particularmente, estou inserida nele, em convivência recente, desde de 2000.

O SUR é uma rede internacional de trabalho cultural, onde os artistas são unidos principalmente por suas diferenças. Segundo Tito Alvarado, presidente internacional do PCSUR (Proyecto Cultural SUR <http://www.pc-sur.org>): “Proyecto Cultural SUR es un espacio de autosugestión cooperativa, para la expresión de los escritores y artistas cuyos objetivos estén en correspondencia con la idea de apelar a la identidad, a la esencia del ser, a ese cúmulo de valores y experiencias que nos hace ser lo que somos. Apelamos a ella para la comprensión del fenómeno de las artes, la literatura y la actividad creativa en general. Mantener una cultura es

conservar una identidad. Es mantener el derecho a la diferencia”.

Faço questão de divulgar essas agremiações, porque não se trata apenas de dar a conhecer sua arte, mas de mostrar um caminho possível para o autoconhecimento. A convivência com esses seres iluminados fez-me navegar em direção de minha identidade. A integração entre as diferenças, da qual Tito faz menção, fez-me ver de forma mais completa o que sou. Gosto de ser professora, gosto de escrever teoria sobre tudo, gosto de trabalhar com o teatro de bonecos, gosto de fazer poesias, contos, crônicas. Gosto de fazer murais nas paredes! Gosto disto, sou isto, é minha identidade - sou artista, afinal.

Alvarado, ao explicar sobre o PC-

SUR, diz que atende: “La necesidad de conservar y transmitir nuestros valores esenciales, salvarlos en la continuidad de un mundo en constante cambio, que busca estandarizar los gustos, globalizar mercados y hacer desaparecer rasgos culturales distintivos, anular la capacidad de discernir y hasta barrer la magia de estremecerse ante un hecho profundamente humano”.

Essa capacidade de sermos fundamentalmente humanos, aparentemente tão natural, está cada vez mais rara. Se não ficarmos atentos às transformações que o ser humano tem efetuado no corpo da natureza: barragens, desmatamento, poluição do espaço com lixo tóxico, rompimento da camada de ozônio, produção de organismos





vivos geneticamente modificados – os famosos transgênicos- acabaremos acreditando que todo este processo anti-vida é a soma de fatos normais, assim como parece ser natural não contar certas coisas, não apresentar certos artistas à sociedade, porque não fazem parte da elite, porque não estão sintonizados com o dito mundo civilizado.

Esses artistas marginais, que não estão corrompidos pelas exigências do mercado, são os pára-raios da arte. Assim como os chamados “radicais ecológicos” são o pára-raio da humanidade, são o seu “grilo falante” e não “bicho-grilo”, como muitos (n) os chamam. A arte marginal está para a vida cultural como a fala marginal está para a polidez da falsidade ideológica. Essa arte, entretanto, não é apenas uma coisa abstrata, é o cerne das pessoas que a produzem, e essas pessoas precisam saber onde estão aquelas outras, que são parecidas com elas, não na mesmice, e sim, no questionamento. A verdade, bem sabemos, é um lugar muito solitário. A arte é a verdade compartilhada.

Nesse clima de comunhão, o Proyecto atende todas as manifestações culturais, tais como: literatura, artes plásticas, informação, teatro, mímica (posso citar nosso querido e maravilhoso Jiddu Saldanha como representante dos mímicos), danças folclóricas, entre outras. Ele gera recursos próprios para sua difusão, constituindo-se num projeto independente. Para o presidente internacional, que reside em Montreal, Canadá: “Se nos ofrece un mundo sin alternativas, como única respuesta proponemos asumir juntos la defensa de lo que nos distingue, la defensa de nuestra identidad, para contribuir creadoramente a la modificación constante del mundo que nos rodea. Nos pronunciamos por dignificar la vida del hombre, fundar un sueño, alumbrarlo y defenderlo”.

No Brasil, o *Proyecto* é coordenado pelo escritor Ademir Bacca, de Bento

Gonçalves, que efetua, a cada outubro, um grande encontro de todas as linguagens do SUR, naquela cidade. Estar em contato com pessoas desse grupo em Bento Gonçalves, participar de seus debates pelo correio eletrônico (e-mail), saber que existem, vê-los lutar pela cultura em Cuba, no Canadá, na Argentina, na Espanha, no México, em Portugal, no Brasil (Piauí, Brasília, Rio Grande do Sul), enfim, por onde se estende o abraço caloroso do *Proyecto Cultural Sur*; fez-me sentir acompanhada.

Em dezembro de 2003, participei de mais uma antologia do PCSUR, a Antologia em Prosa, organizada por Rosa Maria Brito Cosenza de Oliveira, Coordenadora Nacional de Literatura do Proyecto. Essa artista é natural de Ribeirão Preto-SP, participa de diversas associações de arte, é diretora cultural da Associação Brasil/Grécia. É professora, pedagoga e advogada. A capa da Antologia foi feita por Paulo Renato Rodrigues, numa interferência digital sobre a obra Hermafrodite Adormecida. A arte digital é uma das presenças marcantes do Proyecto (<http://digitalart.poa.zaz.com.br>).

Finalizando, posso não ter dado a resposta definitiva à pergunta que fiz - Onde estão os artistas excluídos da grande mídia? - mas, garanto, esses exemplos que citei guardam um tesouro muito precioso. Grandes artistas, grandes ideais, talvez excluídos da grande mídia, mas profundamente inseridos num processo com objetivos mais importantes do que apenas serem notados, como bem salienta Tito: “Unir a los amigos de la diferencia, amigos de soñar mundos posibles, amigos de solidarizarnos con el dolor del otro, amigos de la mayor aventura que pueda tener un ser humano donde quiera que este, en el norte o en el sur: preservar su identidad cultural”.

(Ana Carolina Martins da Silva é membro da APL – Cadeira nº 17 de Ernani Guaragna Fornari.)

Poesia

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Vítima fatal

A serpentina das estradas
se enrosca nas curvas,
desaba das pontes
e mergulha
no vazio da morte,
sem câmbio de retorno.

Vida

Durante
seis décadas,
se aprende
as lições da vida.

Nas décadas
seguintes
se passa a vida
a limpo.

Nostalgia

Quem me dera
voltar à terra
das casas simples,
das ruas de lama.
Às geadas brancas,
às noites longas,
colchão de palha,
(xixi na cama!).

Quem me dera
voltar à terra
de tantas sombras,
de tantas luzes.
Natais sem pompa,
bonecas toscas,
quintal de gatos,
sapos e moscas.
Quem me dera,
voltar à terra
dos meus amados
que já partiram.
Reaver sua história
em baús mofados;
nas forjas de aço
contar suas glórias.



Quando a arte é um ato vital

aria Lucina Busato Bueno, descendente de imigrantes italianos, aos 66 anos, esbanja jovialidade, e se define como uma arte-educadora e pintora, pela participação em dezenas de exposições, no Brasil e no exterior, e pelas diversas premiações, inclusive na Itália.

Num destes domingos de verão, recebeu-nos em sua casa e, coisa rara, abriu-nos seu atelier. Conversamos durante duas horas. Recordou a infância passada em Casca, RS. “Desenho e pinto desde criança e sempre fui uma apaixonada pelas cores. Admirava, especialmente, as folhas e suas tonalidades”, contou. Seus olhos se umedeceram ao mostrar a fotografia de um quadro onde aparecem pessoas da família, inclusive o “bis-nono” e a “bis-nona” italianos, cujo rosto recuperou observando as feições das tias, pois não havia imagens dos mesmos.

Foi em Casca, ainda menina, que viu, pela primeira vez, um pintor em ação. Era Emílio Zanon, pintando os

painéis da igreja. Passava horas e horas admirando a habilidade do artista. E esse contato com a arte sacra ficou gravado em sua memória.

Dos seis aos oito anos, foi aluna interna em escola das irmãs carlistas, em Guaporé e voltou a Casca para cursar o primário. Também como aluna interna, concluiu o ginásio em Guaporé, transferindo-se para Passo Fundo, onde cursaria e Escola Normal Oswaldo Cruz, hoje curso de magistério da Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, e o Contador (que não concluiria), no Colégio Conceição.

Terminado o Normal foi morar com os pais, agora em Francisco Beltrão, Paraná, deixando o noivo em Passo Fundo. Dois anos depois, casada, voltaria para a Capital do Planalto.

Fazemos um balanço de sua história familiar e concluímos que os imigrantes se dedicaram à agricultura, e a primeira geração de ítalo-brasileiros à indústria e ao comércio, investindo na educação dos filhos que se destacam nas profissões liberais e no magistério.

Lembra que os italianos eram respeitados artesãos. “As mulheres italianas, além de fortes e incansáveis, tinham habilidades especiais para o artesanato doméstico. E nunca descuidavam da família”, sentencia Maria Lucina.

Professora estadual, hoje aposentada, lecionou nas escolas Fagundes dos Reis, Nicolau de Araújo Vergueiro e CIM João De César. Na EENAV, já formada em Artes Plásticas pela Universidade de Passo Fundo, como professora de Desenho, Geometria Descritiva e História da Arte, seus desenhos e pinturas começaram a despertar atenção. “Em 1976, tive coragem de mostrar meu trabalho, no I Salão de Artes Visuais do Magistério, em Porto Alegre. É uma tela chamada Busca, sobre o êxodo de gaúchos para outros estados”, revela a artista. Sai por instante e retorna com o quadro. É um colono com a mochila na mão direita, levando o filho pela outra mão, vistos de costas.

Maria Lucina reconhece quatro fases em seu trabalho: famílias de colonos,

recriação, figuras do imaginário com pessoas na natureza. Aliás, pessoas em contato com a natureza, especialmente paisagens e animais, são uma freqüente nos seus quadros. Dedicar-se, ainda, à pesquisa com tintas da natureza.

“Destaco – assegura-nos - a natureza viva. Cada quadro é um quadro diferente, apresenta elos de ligação com os demais, mas é independente; também não me preocupo com escolas ou correntes. Hoje transito por dois caminhos: a minha arte em si e pesquisas pictóricas com materiais da natureza”.

Essas pesquisas, iniciadas em 1982, no atelier da artista, continuam até hoje, agora institucionalizadas na UPF, o que gerou a produção do livro TINTAS – NATURAIS - UMA ALTERNATIVA À PINTURA ARTÍSTICA, já em segunda edição. O objetivo das pesquisas era proporcionar materiais alternativos para as escolas de periferia, zona rural e de difícil acesso, minimizando os custos. A receptividade da obra levou à elaboração, com esses materiais, de trabalhos de pequenas e médias dimensões, expostos em salões de arte.

Maria Lucina salienta o papel de-



sempenhado pela Universidade de Passo Fundo, como centro irradiador de cultura, através do ensino, da pesquisa e extensão. Lembra ainda a importância do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, que favorece a troca de experiências entre os artistas, oferecendo acesso à arte ao público em geral.

“O trabalho do atelier e em sala de aula é muito significativo, pelo fato de unir a teoria e a prática da sala de aula, com a aplicação prática da teoria no atelier. O arte-educador tem de conhecer todas as implicações do processo artístico, desde os conhecimentos até os fazeres e saberes em arte”, explica Maria Lucina.

“Pessoalmente – continua -, sinto que a arte é um ato contínuo de pensar com idéias e reflexões, vivências e fatos que acontecem a nossa volta. É preciso ter idéias, mas é fundamental saber concretizá-las. A arte é uma coisa vital, para mim, tanto quanto comer ou respirar, não me preocupando em agradar ou deixar de agradar. Além disso precisamos acreditar no que fazemos, persistir e estar atualizados”, concluiu. (PAULO MONTEIRO).

Meridiano Zero

JUAN PEDRO OTTENSTEIN

Reza um provérbio alemão que, de tantas árvores, não se enxerga o bosque. Toda obra de arte é, em última análise, um mistério. Seja pintura ou escultura, poesia ou música, qualquer interpretação objetiva, não obstante contribuir à compreensão intrínseca da obra de arte, está destinada infalivelmente à morte. A boa arte, e também a má, estão conosco em toda parte, vide provérbio supra. Ao contemplar esta arte, devemos libertar-nos do preconceito subjetivo, bem como de simpatias ou antipatias. Hoje se escreve mais sobre arte do que nunca, milhares de livros são editados em todo o mundo, o que nos faz esquecer criações de elevada sensibilidade que nos rodeiam em nosso próprio meio. Nesta cidade, por exemplo, que não pode ser cha-

mada precisamente de centro das artes, temos as criações plásticas da pintora Maria Lucina Bueno, que geralmente passam despercebidas, apesar de seu positivo valor artístico, de uma sensibilidade que causa impacto ao desprevenido espectador que, amiúde, é indiferente às quase rotineiras reproduções tradicionais das grandes obras de arte.

Em nosso próprio meio, como dissemos, temos, no entanto, o privilégio de poder apreciar as criações de uma artista que futuramente será reconhecida, não duvidamos, nos ambientes da arte neste país.

Maria Lucina Bueno causa em nós o impacto de uma verdadeira criação, fenômeno que contradiz e anula a tradicional impassibilidade do crítico intelectual que não se envolve.

Aqui, nesta terrinha, com suas

misérias e mediocridades culturais, nulidades e indiferenças, temos o privilégio de poder anotar, em nosso ativo do intelecto artístico, a existência da obra de arte de Maria Lucina Bueno. Não é, acreditem, exagero dizer que este fenômeno nos compensa de tantas mágoas recebidas, de tanto materialismo superficial, desculpem o paradoxo, e de tantas atitudes egocêntricas, expressões supremas, sempre, da estultice humana.

As pinturas de Maria Lucina Bueno valem a pena ser olhadas, estudadas e contempladas longamente, especialmente neste fim de ano.

Até amanhã.

(Prof. Juan Pedro Ottenstein, *in memoriam*, pertenceu aos quadros da Academia Passofundense de Letras. Artigo publicado, originalmente, no Diário da Manhã, Passo Fundo, 12 de dezembro de 1976.)

O último sorriso de Beatriz

GILBERTO R. CUNHA

epois de Mona Lisa, talvez seja Beatriz a dona do mais enigmático sorriso, no mundo das artes. É evidente que estou me referindo à Beatriz, filha de Folco Portinari, e a patética passagem dos versos que compõem o canto XXXI do Paraíso, na memorável *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Mesmo sendo famosos, pouca gente prestou a devida atenção neles. A não ser, é claro, intelectuais da estatura de um Jorge Luis Borges que, inclusive, devotou a eles um estudo especial, *La última sonrisa de Beatriz*, incluído no livro *Nueve ensayos dantescos*, organizado em 1982, e que, não por coincidência, serve de título para o nosso artigo.

Quem não lembra que, no alto do monte do Purgatório, Dante perde Virgílio e passa a ser guiado por Beatriz, cuja formosura só aumenta a cada novo céu que tocam, percorrendo esfera atrás de esfera. Aos seus pés, as estrelas fixas, e sobre elas o empíreo (a infinita região de luz). Anjos e a rosa paradisíaca formada pelas almas dos justos

complementam o cenário. Eis que, de pronto, Dante se vê sozinho (junto dele apenas um ancião. Trata-se de São Bernardo que, a partir daí, vai ser o seu guia até postar o peregrino à face de Deus). Desesperado, avista Beatriz no alto, em um dos círculos da rosa. E é aí que se dá a celebre passagem da última olhada e do último sorriso de Beatriz para Dante. Interpretações as mais variadas possíveis, incluindo as daqueles que acreditam que Virgílio representa a razão, usada para alcançar a fé, e a fé propriamente dita é simbolizada por Beatriz, que serve de instrumento para Dante alcançar a divindade. Por isso, ambos partem, uma vez cumpridas as suas missões. Aquele sorriso de Beatriz seria não mais que um símbolo de aquiescência.

Jorge Luis Borges considera que o lado trágico da cena descrita pertence menos à obra que ao autor da obra. Ou seja: menos a Dante, protagonista da história, e mais a Dante, escritor e poeta (o homem). Há, inclusive, quem pense que Dante, ao inventar o Paraíso, tinha a intenção de criar um reino para sua doce e amada Beatriz. O que permite esse tipo de conjectura é a famosa passagem de conclusão de *Vita nuova*, escrito em 1292, em que Dante promete dizer de Beatriz “o que jamais se

disse de mulher alguma”. E a promessa teria sido cumprida, quando escreveu a sua *Comédia*, rotulada, a partir do século 16, de Divina.

Voltando à cena do último sorriso de Beatriz: Dante, com Beatriz a seu lado, está no empíreo. Sobre eles a rosa dos justos; e Beatriz some. Dante se desespera e grita. O ancião a seu lado indica um dos círculos. Lá está Beatriz aureolada. Ela lhe acena e sorri. Era a mesma Bice que conhecera aos nove anos, em uma festa na casa de Folco Portinari. A mesma Beatriz que viu nove anos depois e uma vez lhe negou saudação. A jovem que casou com o banqueiro Simone dei Bardi. A Beatriz que morrera aos 24 anos. A mulher a quem Dante amara platonicamente. É essa mesma Beatriz que lhe olha um instante e sorri, para depois se voltar à eterna fonte de luz do empíreo.

A cena foi imaginada por Dante. Mas, para quem a lê, parece muito real. Primeiro a vida e depois a morte tiraram Beatriz de Dante. Borges supõe que Dante criou a cena para imaginar que estava com ela. Desgraçadamente para ele, ficou para os leitores a sensação de que o encontro foi imaginário e lhe proporcionou mais momentos de horror que de prazer.

Também não faltam os que consideram que nunca houve uma Beatriz-mulher e musa de Dante. Era apenas um nome que, na tenra idade, impressionara o poeta florentino. Foi um simbolismo usado por ele para dirigir-se à Igreja ou à Filosofia. O próprio Dante deu margem a essas especulações, quando afirmou que a *Comédia* deveria ser entendida de mais de um modo, pois lhe dera quatro sentidos (o literal, o moral, o figurado e o místico).

Dante Alighieri, “o adúltero da literatura medieval”, não cita a mulher e os três filhos uma só vez na sua obra. No entanto, na Divina Comédia, Beatriz (uma mulher casada) tem seu nome referenciado 64 vezes (além de indicações do tipo “a minha dama” e “aquela que”), enquanto Cristo surge 40 vezes, Virgílio 31 vezes e Maria 22 vezes. Somente o nome de Deus supera o de Beatriz. De fato, parece que Dante cumpriu a promessa de dizer a Beatriz o que jamais se disse de mulher alguma.



Batalha do Pulador

DELMA ROSENDO GEHN

Foi o maior combate travado, a poucos quilômetros da cidade, no período federalista, e um dos mais assinalados de quantos se travaram em território brasileiro.

Diz Castilhos Goycochea, em seu livro Gumercindo Saraiva, que as forças governistas, nessa batalha, faziam o batismo da metralhadora, e isso em território passo-fundense.

Prestes Guimarães assim registrou:

“No dia 26 de junho, toda a força revolucionária passou, ao som da música, pelo centro da cidade de Passo Fundo, de leste para oeste, indo pernoitar no Pinheiro Torto, que fica a 6 km, na estrada da Cruz Alta.

No dia seguinte, 27, ao encetar a marcha para a frente, encontrou, no Umbu, as avançadas do exército de Lima, travando desde logo, com ela, combate e recuando essas avançadas até perto da fazenda de Antonio Mello, no Pulador, de 12 a 13 quilômetros da cidade.

Aí feriu-se grande e renhíidissima batalha.

O local fora escolhido pelo chefe das forças legalistas, sendo quase inacessível às evoluções da cavalaria revolucionária – que pouco fez na ocasião mais decisiva da batalha, por essa circunstância, tendo operado melhor sucesso no começo da peleja, em que o campo se prestava às manobras.

Depois de 6 horas de fogo, as forças revolucionárias retiraram-se em boa ordem do campo da luta, voltando ao Pinheiro Torto, sem perseguição do inimigo, salvo alguns tiros perdidos de canhão. É que o inimigo tinha de atender os estragos que sofreu. Estava vitorioso simplesmente por ter ficado ocupando o campo da luta, pois perdera em seus quadros de infantaria, dizimados de perto a descargas de manlicher, maior número de mortos e feridos que os contrários retirantes, como depois se verificou com exatidão.

Tiveram os revolucionários 88 mortos, contados, insepultos no campo, alguns dias depois e, quase duzentos feridos, inclusive o valente Aparício Melo, José Silveira Martins e outros bravos.

Foi maior a perda dos legalistas.

Algumas centenas de mortos e cerca de mil feridos, senão mais, o que cuidadosamente tratara de ocultar, para diminuir o efeito moral da verdade. O próprio general Lima saiu ferido”.

Observa Ferreira Filho em *Revoluções e Caudilhos*:

“No momento em que a vitória se inclinava para os adversários, o general Lima foi ferido no rosto. Sua barba, de branca que era, ficou toda encarnada, banhada de sangue. O velho general tomara um aspecto magnífico. A cavalo, firme nos estribos, sobranceiro, a face ensangüentada brilhando ao sol, como se fora um herói mitológico, empenhado em luta de morte.

O médico chefe da Divisão, ciente do acontecido, galopa ao seu encontro:

- General, diz, o senhor está ferido; deve recolher-se ao hospital de sangue.

Lima passa a mão pela face, mostra ao médico o sangue que escorre edá esta resposta, digna de um veterano do “Grande Exército”:

- Isto é pouco, doutor. Ainda me resta muito sangue para derramar pela República.

E continuou dirigindo a batalha. Venceu. E com essa vitória, a legalidade republicana quebrava a última grande força revolucionária”.

Prestes Guimarães, nessa batalha, comandava a cavalaria maragata que, várias vezes, carregou sobre o inimigo, sob o fogo cerrado da fuzilaria.

Em todas as vezes não conseguiu alcançar seus objetivos, esbarrando ao pé dos profundos valos e dos banhados, atrás dos quais haviam-se colocado os governistas.

Essa pugna homérica, que durara 6

horas, reuniu cerca de 6 mil homens, de ambas as partes, e teve a presença, entre outros republicanos valorosos, do chefe Firmino de Paula, ferido no rosto, e do cel. Nascimento Vargas, pai do dr. Getúlio Vargas. O cel. Nascimento era passo-fundense, nascido no Pulador.

Diz Castilhos Goycochea:

“Peleja memorável essa do Pulador. Nela, não apenas foi decidida a sorte da Revolução Federalista, mas também foi o túmulo da bravura cavalheiresca.

Puseram-se, em frente, aí, uma da outra, a ciência aplicada à arte da guerra e a coragem pessoal do homem. Foi o presente a desabuser do passado; foi o romantismo a ceder o passo ao realismo; foi, em suma, o gauchismo alcandorado da Guerra dos Farrapos, fazendo derradeira grande manifestação de força, ante as bocas de 100 metralhadoras e de vinte canhões.

A lança tradicional quedou impotente nas mãos dos últimos centauros.

A espada simbólica da valentia elegante recolheu-se envergonhada à respectiva bainha. Os tiros curtos das manliches eram irrisórios ante os das modernas Mauser, de longo alcance.

Repetiu-se, pois, em Pulador, guardadas as devidas proporções, o que ocorreu em Waterloo.

Napoleão e Wellington tiveram réplicas digníssimas nos confins da América do Sul, no ocaso do século XIX.

(Delma Rosendo Gehn, membro benemérito da Academia Passo-Fundense de Letras, é professora e historiadora. O texto acima foi publicado, originalmente, no livro **Passo Fundo Através do Tempo**, 1º Volume, pág. 53 a 55, 1978.)



Divisão do Norte, minutos antes da Batalha do Pulador

Editora de Província

GILBERTO R. CUNHA

erecedora de elogios. É o mínimo que se pode dizer dessa iniciativa da Editora da Universidade Federal de Santa Maria, republicando e distribuindo, gratuitamente, dez mil exemplares de um texto pouco conhecido de Erico Verissimo. Trata-se do *Breve Crônica duma Editora de Província*, descoberto, por acaso, na biblioteca do bibliófilo José Mindlin, quando da organização de um livro comemorativo aos cinquenta anos do primeiro volume de *O Tempo e o Vento*.

Erico conta em detalhes a história da Livraria do Globo (livraria, papelaria e tipografia), que começou, em 1883, como uma casa de negócios de propriedade de um certo Sr. Laudelino P. Barcellos, com sede na Rua da Praia, no centro de Porto Alegre.

Passados uns 40 anos, o velho Laudelino havia morrido e a razão social da firma chamava-se Barcellos, Bertaso & Cia. Esse Bertaso que começou na firma como varredor, aos 12 anos, tornou-se gerente de uma empresa que, após a primeira Guerra Mundial, ganhou um impulso fabuloso, por via dos livros que publicava.

Na década de 1920, o homem forte da editora era Mansueto Bernardi. Um italiano de Treviso, que veio menino para o Brasil e teve o sonho de transformar a Globo numa editora de importância nacional. Foi nessa época que, em 1929, por sugestão de Getúlio Vargas, criou-se a *Revista do Globo*. Aqui, uma pausa para algumas divagações do colunista: ninguém gosta mais de revista velha que médico. Bastam alguns minutos numa sala de espera de qualquer consultório para se ter essa convicção. Em 2003, fiquei ainda mais convicto disso, quando me deparei, num desses ambientes, com um exemplar da *Revista do Globo* e outro da *Querida*, anos 1950. A *Querida* era a concorrente da revista gaúcha e dirigida por ninguém menos que Roberto Marinho, do grupo O Globo, do Rio de Janeiro.

Segue a história, com base no texto de Erico: Henrique Bertaso entrou em cena em 1931, quando, com a saída de Mansueto Bernardi, que foi para o Rio de Janeiro, a convite de Getúlio Vargas, dirigir a Casa da Moeda, passou a tomar



conta da editora. O ano de 1931 também marca a chegada de Erico Verissimo a Porto Alegre. Ele, por acaso, acabou contratado para trabalhar na *Revista do Globo*.

A *Revista do Globo*, na visão de Erico, era provinciana, mal impressa e insossa. Publicava retratos dos assinantes: “a bela senhorita”, “o galante menino”. Fazia “coberturas do carnaval em Cacimbinhas”, etc. E como dizia a direção para Erico: “Gente, meu caro, que precisamos agradar...”. Nada muito diferente dos dias atuais, diga-se de passagem, em algumas publicações.

A *Coleção Amarela*, com livros policiais (Agatha Christie, Edgar Wallace, Sax Rohmer etc.), foi um dos êxitos (sucesso de público) de Henrique Bertaso. Buscava ele formar um fundo que lhe permitisse editar obras de escritores de maior importância literária. Foi quando convidou Erico para ajudá-lo na editora, como assessor literário. Começava a crescer a amizade entre Erico e Bertaso, que passou a editar também os livros de Verissimo (fracassos de venda entre 1932 e 1938).

Bertaso criou a Coleção Nobel, com o melhor da literatura mundial na época, e Erico escolheu os autores, gente como: Thomas Mann, G.K. Chesterton, Aldous Huxley, James Joyce, Willian Faulkner, etc., cujos livros alcançaram grande sucesso no Brasil. Mas foi Erico quem confessou ter deixado escapar um dos maiores *bestsellers* de todos os tempos, opinando que ninguém iria se interessar por ele no Brasil”: *Gone With the Wind* (*E o Vento Levou*).

As traduções da Editora Globo eram impecáveis (tradutor, revisor da tradução, linha por linha, e especialista em estilística). Nesse ambiente, Maurício Rosemblat trabalhou na edição completa da *Comédia Humana* de Balzac (17 volumes). Também, com o apoio de Erico, sugeriu a publicação de *À la Recherche du Temps Perdu*, de Marcel Proust, que contou com tradutores como Drummond e Quintana.

A Editora Globo cresceu, cresceu, e um dia.... De qualquer forma, como bem destacou L.F. Verissimo: “Hoje parece mentira. Aquela editora lá embaixo, naquela última gota do Brasil, criada quase que como um capricho, fazer tudo

entrevista

entrevista

entrevista

entrevista

À Margem das “Memórias” de José Garibaldi

FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA, *in memoriam*

(DIVULGAÇÃO)

erdadeiramente trágica essa difícil retirada que, em novembro de 1840, a coluna farrapa do valoroso David Canabarro, composta de 1800 homens, realizou de Viamão, pela serra das Antas, a fim de saindo de Vacaria e ganhando, em seguida, os campos das missões, poder alcançar a fronteira meridional da então Província.

Sob chuvas torrenciais, através de montanhosa e extensa floresta, trilhada por estreito caminho, que era necessário ir abrindo para a passagem da artilharia e pesado transporte, a brava gente farrapilha avançava lutando ainda com a fome, tão terrível que, devido a ela, pereceram numerosos soldados, mulheres e crianças (1).

Dessa coluna fazia parte o grande batalhador italiano José Garibaldi, para quem a Liberdade não tinha fronteiras no orbe [mundo]. Houvera posto a espada gloriosa ao serviço da malograda República Rio-Grandense e, assim, participava dos dissabores da epopéia, ligando o nome e a glória às tradições heróicas da terra gaúcha.

Acompanhava-o no transe a esposa – Anita, personificação brilhante do valor da mulher brasileira, e bem assim um filhinho em tenra idade – Menotti, a quem ambos consagravam o maior desvelo, para que não sucumbisse na provação, a que fora lançado pelo fervor idealista que estuava na alma paterna.

Transpondo rios cheios, ou defrontando os mais graves perigos, o paladino italiano trazia essa criança suspensa ao seu pescoço, por um lenço, para que recebesse o calor seu, e mais resguardada estivesse das vicissitudes da triste jornada.

Afinal, depois de nove dias de atroz sofrimento, saiu a coluna ao campo de Vacaria, onde se lhe reuniu, com sua força, o grande Bento Gonçalves que, com quinhentos homens, tinha ficado atrás cobrindo-lhe a retirada.



Narra Garibaldi que o General Labatut (legalista), favorecido pelas dificuldades acima expostas e outras, que haviam embaraçado a marcha de Canabarro, tivera tempo de fazer a sua retirada, mas não diz para onde; apenas esclarece que aquele General contrário, tendo de atravessar dois matos, aí encontrou alguns desses selvagens que, comumente eram chamados – *bugres*, os quais, sabendo da sua passagem, armaram-lhe três ou quatro emboscadas, fazendo-lhes grande mal, ao passo que a eles republicanos, nada fizeram, ainda que no caminho houvesse muitos dos alçapões que

costumavam colocar na passagem dos seus inimigos, alçapões esses que, ao invés de estarem disfarçados com ramos, conforme era de costume, se achavam descobertos.

Por esses esclarecimentos se vê que o General legalista citado fez retirada por aqui, fato que, aliás, ficou registrado em nossos *Anais do Município de Passo Fundo*.

Mais adiante, em suas “Memórias”, diz Garibaldi:

“Tendo passado os matos, atravessamos a povoação das Missões dirigindo-nos para Cruz Alta”.

Essa referência comprova que o itinerário da coluna farroupilha de que fazia parte o grande batalhador aludido, de fato estivera nessa retirada que se transformou em perseguição ao adversário.

Para melhor comprovação desse acerto, que igualmente figura nos citados *Anais*, vamos enumerar os argumentos que seguem:

1º – Entre os campos de Vacaria e Cruz Alta não havia, ao tempo, outra povoação a não ser a que deu origem à nossa cidade.

2º – A povoação de Passo Fundo estava na única estrada que então havia entre os mencionados campos de Vacaria e Cruz Alta.

3º – Nesta cidade, existiu pessoa contemporânea do fato que nos relatou que, nela, onde já então morava, tinham feito junção Canabarro e Bento Gonçalves, daqui seguindo para Cruz Alta; sendo que o primeiro viera acossando Labatut, que daqui tomara para Botucaraí [Serra do Botucaraí]: informação essa que, confrontada com outras fontes, foi consignada nos mesmos *Anais do Município de Passo Fundo* (2).

Quanto à omissão do nome da povoação de Passo Fundo nas “Memórias” que estamos examinando, poderá ser explicável pelo fato de o não ter presente Garibaldi quando as redigiu, o que não pode causar estranheza em se tratando de um homem, como ele, que tão vasto e acidentado percurso tinha feito em suas lutas pela liberdade.

Acresce – e isto vem fazer muita luz ao caso – que, ao tempo da passagem de Garibaldi por aqui, a nossa povoação era chamada de *Passo Fundo das Missões*, nome pelo qual já a vimos citada em documentos públicos da época (3).

A razão desse complemento – *das Missões*, hoje desaparecido, não teria outra causa senão esta:

Havia além do Mato Português, nas proximidades da atual vila de Lagoa Vermelha, um arroio igualmente chamado *Passo Fundo*, nome que até hoje conserva.

Lugares próximos entre si, claro é que a igualdade de nomes assim apontada geraria confusões, e daí a necessidade de os distinguir, dando o referido nome de *Passo Fundo das Missões* a este.

É fato, pois, inconcusso [inabalável] que com os imortais batalhadores farroupilhas Bento Gonçalves e Canabarro,



por aqui passaram na histórica jornada aludida o grande herói italiano José Garibaldi, sua valorosa esposa – Anita e o filhinho de ambos – Menotti Garibaldi.

Referências

- (1) História do Rio Grande do Sul, de João da Maia.
- (2) Adriano José Mathias, falecido há anos.
- (3) Talvez pelo livro de notas do cartório de paz do distrito de Passo Fundo, no Arquivo Público do Estado, se possa verificar isto.

Nota dos Editores

Trabalho publicado no livro *Terra dos Pinheirais* (Livraria Nacional, Passo Fundo, 1927). As notas numeradas são do próprio Autor. As notas entre colchetes [] são dos especialistas da UPF que reeditaram as obras do historiador em 1990. Existe uma tradução recente das Memórias de Garibaldi, escritas por Alexandre Dumas (tradução de Antonio Caruccio-Caporale, Porto Alegre, L&PM, 202, Coleção L&PM Pocket). Eis como consta nessa edição (p. 143) a passagem citada por Antonino: “Vencidos os Matos, atravessamos a pequena Província das Missões em direção a Cruz Alta, a sua capital, e de Cruz Alta seguimos até São Gabriel, onde se instalou o quartel-general e onde erguemos as barracas para o arraial do exército”.

Madrugada

PAULO RENATO CERATTI

madrugada é alta e a lua boceja deliciosamente num céu puro estrelas. Ao longe, até há pouco, ouviam-se melodias quase indefiníveis...

Um gostoso aroma de orvalho úmido pousado em folhas verdes, invade como hálito benfazejo meus pulmões envenenados pela respiração diurna da cidade fabril...

Tudo é calma agora...

No entanto, eu escuto e presença nesta hora de encontro de pensamentos, de olhos fechados, de corpos cansados, de membros doloridos e disformes, de cessação momentânea de ódios e rancores, um estranho e mudo diálogo: o das ruas desertas!

Elas falam, falam e falam...

Contam e recontam entre si, num torvelinho de vozes apressadas e estridentes, o espetáculo de mais um dia que presenciaram no eterno papel de espectadoras somente. Espectadoras inertes e semi-nuas que se esparramam por entre prédios que escondem no segredo de suas paredes frias tantos dramas e alegrias!

São vozes de crianças e adultos. Vozes que retratam o drama cotidiano do alvoroço de uma cidade que vive, sofre, chora, ri, clama e é arrastada implacavelmente no redemoinho infundável das emoções humanas. Vozes que relatam e indiscretamente despem sob a luz ouro de um luar só, todas as paixões e sentimentos que estavam até então mergulhados nos estranhos, indefiníveis e impalpáveis caminhos de imortais almas!

E elas continuam nestas horas de calma e de membros doloridos, a tagarelar livremente como meninos em parques de diversões...

E o nascer do sol, se entrevê ao longe... no horizonte!

O tradicionalismo gaúcho



WELCI NASCIMENTO

Terminada a Segunda Guerra mundial, na metade da década de quarenta do século passado, o Brasil entrou numa fase influenciada pela cultura norte-americana, adida ao grande vencedor da guerra. A cultura gaúcha estava no esquecimento. Quase apagada na memória do povo, embora o esforço dos escritores regionalistas e dos grêmios gaúchos. Havia um imobilismo cultural no Rio Grande do Sul. Não tínhamos identidade musical. As emissoras dos gaúchos só rodavam discos do gênero caipira, moda de viola paulista, e o povo, até do interior, tinha constrangimento de usar bombacha.

Em conseqüência, a cultura estrangeira assumia o seu papel através da música, do modo de vestir, dos meios de comunicação, como revistinhas e cinema. Era preciso sacudir o Rio Grande, fazendo com que o seu povo passasse a cultivar suas tradições e não deixasse morrer o ardor por seu pago.

Vai daí que um grupo de jovens estudantes do tradicional Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, estudantes na sua maioria originários do interior do Rio Grande, resolveu criar o Departamento Cultural do Colégio, com a finalidade de cultivar as tradições do povo gaúcho, ao ponto de, na garupa do Fogo Simbólico Nacional, criar a Chama Crioula Rio-

-grandense e fundar o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, que foi batizado de “35 CTG”, na capital do estado, sementeira do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Convém lembrar alguns nomes desses jovens: Paixão Cortês, Barbosa Lessa, Glaucus Saraiva, Ciro Dutra Ferreira, Orlando Degrazia, João Machado Vieira, Fernando Machado Vieira, Ciro Dias da Costa, Cilço Campos, Antônio Siqueira e o conterrâneo Wilmar W. de Souza, o Provisório.

O “35 CTG” dinamizou de tal forma o culto às tradições que passou a ser alvo de atenções, primeiramente das principais cidades gaúchas, em seguida de todo o Rio Grande e, atravessando suas fronteiras, principalmente onde havia uma família de gaúchos, migrava para outros estados da federação.

A idéia cresceu e fez surgir o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG – porque, a partir do ano de 1954, os CTGs, começaram a se reunir, em congressos tradicionalistas, onde deliberavam seus interesses e exigiam uma ordenação. Dessa forma, surgiu o MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) que passou a congregiar todas as entidades tradicionalistas, dirigidas por um coordenador ou coordenadora. O MTG tornou-se o catalisador, o disciplinador, o orientador das atividades dos centros de tradições gaúchas, dos departamentos tradicionalistas, dos quadros de laçadores, dos grupos folclóricos, no que diz

respeito ao que preconiza a Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho, constituindo-se no maior organismo cívico-sócio-cultural do Rio Grande do Sul e, porque não dizer, do Brasil.

O que antes era vergonha usar, hoje não é mais. A bombacha, o lenço no pescoço, branco ou vermelho, as camisetas coloridas, o chimarrão, já se integraram na vida do dia-a-dia da juventude.

Hoje, a juventude mostra grande interesse pelo gauchismo. Da mesma forma que esses jovens de bombacha, no informalismo dos festivais e dos rodeios nativistas, espontaneamente fazem cultura, outros grupos também de jovens, contando causos, nos fins de tarde e tomando chimarrão, convocavam, no final da década de 40, seus colegas ginasianos e o povo rio-grandense para uma ação afirmativa, criando o primeiro Centro de Tradições Gaúchas.

Já se disse que a única coisa que pode salvar um povo do colonialismo é o culto às nossas tradições, sejam elas gaúchas ou nordestinas. Os centros de tradições gaúchas, quando bem dirigidos, procuram devolver às pessoas o que elas perderam, ou temem perder, que é o pago das gerações dos seus ancestrais.

Aqui no Planalto Médio, o primeiro centro de tradições gaúchas foi idealizado pelos senhores Antônio Donin, Tenebro dos Santos Moura, Jorge Edethe Cafruni, Ney Vaz da Silva e Múcio de Castro. Os três primeiros eram membros da Academia Passo-Fundense de Letras, sendo que a idéia inicial foi do professor Antônio Donin. Depois de inúmeras reuniões em que participaram lideranças da cidade e interior, em 24 de março de 1952 fundaram o CTG Lalau Miranda, para homenagear Estanislau de Barros Miranda, popularmente chamado de Lalau Miranda, filho de Francisco de Barros Miranda, o terceiro presidente do Conselho Municipal de Passo Fundo (1865) e herói na Guerra do Paraguai.

(Welci Nascimento é professor aposentado e sócio benemérito do CTG Lalau Miranda. Na Academia Passo Fundense de Letras ocupa a cadeira n.º 23, cujo patrono é Casimiro de Abreu.)

Tipos populares de Passo Fundo



HUGO ROBERTO KURTZ LISBÔA

Passo Fundo, como outras cidades, tem seus tipos populares que enchem com suas histórias o seu o folclore.

Uma dessas histórias, que ouvi na minha família, era sobre um sujeito chamado Pitelo Gomes. Esse senhor apresentava-se nas casas, dizendo consertar geladeiras e alguns outros raros eletrodomésticos que havia na cidade. Quando contratado, desmontava a máquina, peça por peça e, lá pelas tantas, quando estava tudo esparramado pelo chão, pedia um adiantamento para buscar uma peça, a fim de trocar outra que estava defeituosa, e que ele havia, por fim, encontrado. Ia embora e nunca mais voltava.

Outro personagem que conheci ao vivo, era um esmoleiro chamado Chico Salame, aí pela década de 50. Parece que o apelido era devido às monumentais proporções do seu instrumento, e seu nome ficou gravado na minha memória.

Mais adiante, já gurizote, lembro-me que azucrinávamos um sujeito apelidado de “Um-Dois-Três”. Contava-se que ele

tinha sido soldado na segunda grande guerra e teria ficado com a fobia de não poder ouvir essa seqüência de números, pois imaginava que, após isso, seria disparado um canhão. Nós, escondidos atrás ou na copa de árvores, quando o víamos se aproximando, gritávamos “um, dois, três”. O indivíduo ficava pálido e gritava os maiores improperios, tentando localizar os bandidos que o estavam incomodando.

Anos após, conheci o Galinheiro. Fazíamos a mesma coisa: escondidos, largávamos o brado de guerra: “Galinheiroooooooooo!”

Pronto! O homem ficava louco. Ele tinha um cajado e, se vacilássemos, levávamos uma paulada. Mas que nada, quanto mais perigo, melhor. Alguns o desafiavam, chegando bem perto e gritando: corococó!

E tinha ainda um indivíduo, vulgo Cisne (também conhecido como Vermelhinho), supostamente homossexual, que morava no início da Sete de Setembro, junto ao valo, depois da Sulina. Costumávamos escrever com giz, carvão, qualquer coisa, na calçada em frente à

casa da professora Delma Gehm, “Cisnevado”, entre outras coisas. Ele carregava um chicote pequeno sob a roupa e corria atrás da gurizada.

Mais recentemente, havia a Maria Queixuda, cujo nome a descreve. Um queixo comprido e largo era sua característica. Parece que essa já era mafiosa, e teria vários mendigos na sua área de influência. Era a rainha dos mendigos, os quais comandava com punho de ferro.

Tinha também o Pandolfo, de família tradicional da cidade. Integralista, jogava tênis no Clube Comercial e, mais adiante, fazia “jogging” pelas ruas da cidade. Curiosamente, costumava caminhar pelo meio da rua, fazendo com que todo o trânsito tivesse que se desviar para não atropelá-lo. Algumas vezes, ele chegava a uma casa e pedia para usar o banheiro, dizendo estar “apertado”. Lá entrando, demorava-se uma hora, pois, além das necessidades, fazia a barba, tomava banhos e saía perfumado com os produtos de toucador dos seus infelizes hospedeiros. Foi baseado nele que se criou o termo “pandolfiar”, que significa tirar vantagem de uma situação.

Conheci outro, o Camate, solteirão, elegantemente arrumado, que frequentava diariamente a República dos Coqueiros. Esse local, imortalizado pelo livro homônimo do jornalista Argeu Santarém, fica na praça central da cidade, onde se reuniam figuras dos mais diversos matizes. O Camate tinha algumas rendas, o que possibilitavam sua subsistência. O que se comentava era que ele nunca trabalhara. Dizia-se que a cura do câncer seria obtida, quando se conseguisse uma gota de suor do Camate, resultante do trabalho.

Mais recentemente, conheci um senhor que diziam ter sido militar, e que enlouqueceu, cujo nome era Lorenzato. Ele passava pela cidade desenhando cruzes e símbolos religiosos nos muros. Outras vezes ficava taciturno, pensativo, com o olhar perdido. Certa vez, depois de ficar muito tempo olhando para a catedral, de repente perguntou aos transeuntes:

- A catedral não é a casa de Deus?

- É sim, sim senhor responderam os inquiridos.

- Por que que então tem pára-raios?

(Hugo Roberto Kurtz Lisbôa é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O sorriso de Mona Lisa

GILBERTO R. CUNHA

Mona Lisa deve, possivelmente, ao seu sorriso enigmático toda a fama que possui. Além, é claro, de ser uma das poucas pinturas do mestre da Renascença, Leonardo da Vinci. Corte para divagações do colunista: imagine que, naquele começo do século 16, Leonardo da Vinci tenha comentado, casualmente, com outros artistas contemporâneos seus que iria pintar aquela figura de mulher - indicando inclusive a identidade da modelo ou do modelo, já que até hoje persiste a discussão sobre se a figura na verdade é um homem ou uma mulher - e que daria destaque ao sorriso. Indo um pouco além, Leonardo diria na roda de pintores amigos que usaria a técnica da pintura a óleo, conhecida como *sfumato*, para criar os sombreados sutis que caracterizam a atmosfera do seu quadro. Diante desse fato, você seria capaz de imaginar que algum desses pintores, valendo-se das idéias de Leonardo,

pudesse ter pintado a Mona Lisa antes dele? Responda rápido: sim ou não, e por quê.

Deixa pra lá, eu mesmo respondo: não. Indubitavelmente, não. Vale o mesmo para um poeta que comente entre pares que está prestes a criar uma obra-prima, sob inspiração da nostalgia que os bem-aventurados sentem no Céu, quando pensam na Terra (um tema recorrente em muitas obras, quando o assunto é a imortalidade), por exemplo. Mesmo que os outros poetas gostem da idéia e saiam por aí tecendo poemas sobre esse tema, nenhum será igual a outro. Estamos falando em arte. E na arte sobressai-se a individualidade na criação. O coletivo é secundário para o artista, e sua originalidade, quase sempre, é única. Na ciência é o contrário: duas pessoas, partindo dos mesmos fatos, podem chegar a conclusões idênticas. E daí decorrem as muitas querelas científicas de insinuações de plágio e de reivindicações de originalidade de idéias. Mesmo que não se ignore a possibilidade de existência

de genialidade científica, a individualidade na ciência é relegada a um papel secundário. A construção é coletiva. O conhecimento científico exige complementaridade e evolui com o tempo. A dimensão cronológica desempenha um papel fundamental. Não é por nada que há civilizações da antiguidade com um desenvolvimento artístico elevado até para os padrões de hoje (vide egípcios e babilônios) e, quanto ao conhecimento científico, não carece traçar qualquer paralelo. Quantos pintores dos nossos dias têm uma obra como a Mona Lisa? Leonardo da Vinci também era um homem de ciência. Agora, compare o nível de conhecimento científico dele com... com o seu mesmo. Por favor, não faça isso com o pobre Leonardo. Ele não merece tal comparação (embora ele tenha pensado em coisas que só se concretizariam muitos anos depois). As descobertas científicas de hoje, por consequência, eram impensáveis em épocas passadas. Em Biologia, nem precisamos retroceder muito.

Na ciência, as descobertas são decorrentes de um processo de aprendizagem que está embasado no conhecimento precedente. O desenvolvimento científico e tecnológico costuma seguir o seu curso de forma relativamente independente dos indivíduos. As grandes descobertas (as mais importantes) acabam sendo feitas, guardadas as devidas proporções, por aqueles que trabalham com melhores condições (inclua-se tudo) e/ou quando, algumas vezes, o acaso conduz para o caminho certo. Por ser decorrência de um processo construído coletivamente e dependente de evolução com o tempo é que, não raro, quase simultaneamente, as mesmas idéias (ou parecidas) surgem na cabeça de muitos cientistas, sem que, necessariamente, um tenha copiado o outro.

Não existe o gênio científico isolado (figura da literatura) e muito menos o mito do menino prodígio em ciência (contradição em si mesma). O cientista tem que compartilhar para evoluir. Congressos científicos, reuniões técnicas, publicações especializadas, etc., não existem por outra razão. Quem não divulga por temor que outros usem o seu conhecimento para evoluir a ciência ou para criar novas tecnologias, não faz outra coisa que sintetizar a contradição que envolve a pesquisa de interesse público e o pesquisador de interesse próprio. E, desses últimos, a ciência prescinde facilmente.

A boa-fé no novo código civil brasileiro

ROMEU CARLOS ALZIRO GEHLEN

princípio da boa-fé tem sido objeto de cuidadosa análise por parte de doutrinadores e juristas. No âmbito do direito das obrigações, essa preocupação resulta acentuada, mormente na disciplina dos contratos, sede de tratativas e ajustes que ocorrem no dia-a-dia das pessoas.

O Código Civil de 1916 não cuidou da boa-fé objetiva, que é um standard de conduta exigido pelas partes contratantes, ao contrário da subjetiva, mais ligada às intenções e reserva mental dos indivíduos, esta, sim, de certa forma prevista na antiga legislação. A liberdade de contratar, à época, estava assentada no princípio da autonomia da vontade. Hoje, todavia, ocorrem limitações à liberdade de contratar, relativizando a manifestação da vontade com vistas mais ao interesse social do que ao interesse privado. É dever da parte, antes mesmo da formação do contrato, até após o seu integral cumprimento, o agir de boa-fé.

Isso significa que as partes devem agir dentro de um padrão de ética e confiança. No instante em que uma das partes quebra o dever de boa-fé, o contrato poderá ser interpretado como não cumprido, abrindo, para a contraparte, o direito de não cumprir com a sua obrigação, de exigir do outro a correspondente indenização pelos prejuízos que daí resultarem ou mesmo a resolução do contrato.

As codificações do século XX fixaram a boa-fé como um de seus pilares na estruturação das regras jurídicas. A desproporção entre as prestações, a onerosidade excessiva e tantos outros motivos decorrentes da quebra da confiança, permitem que a parte lesada busque o equilíbrio, afastando os vícios de origem (genéticos) ou aqueles supervenientes ao contrato.

Ainda não se tem um caminho claro para a aplicação da boa-fé. Quando da edição do Código Civil de 2002, havia uma preocupação com os princípios éticos, mas a operacionalização da boa-

-fé, por tratar-se de uma cláusula geral, como exceção das regras, encontra facilidades e ao mesmo tempo dificuldades. Facilidades porque uma cláusula aberta, geral, pode ter aplicação mais ampla pelo operador do direito. Dificuldades porque uma cláusula geral nem sempre é entendida de modo uníssono, abrindo um leque enorme de interpretações.

De qualquer sorte, o princípio da boa-fé não podia estar fora do novo Código Civil, porquanto ele representa um grande avanço para as relações sociais, exigindo das pessoas contratantes um comportamento ético.

O conteúdo jurídico da aplicação da boa-fé

Já se viu que a boa-fé, no Código Civil, possui conteúdo jurídico genérico, indeterminado. Com efeito, as disposições gerais do código dizem claramente que a liberdade de contratar será exercida em razão e nos limites da função social do contrato (art. 421, CC). Depois, os contratantes são obrigados a guardar, assim na conclusão do contrato, como em sua execução, os princípios de probidade e boa-fé (art. 422, CC). Outras disposições estão inseridas no atual Código Civil, mas implicadoras de cuidados pelo relativo retrocesso que aparentemente trouxeram aos parâmetros já fixados pela doutrina e jurisprudência.

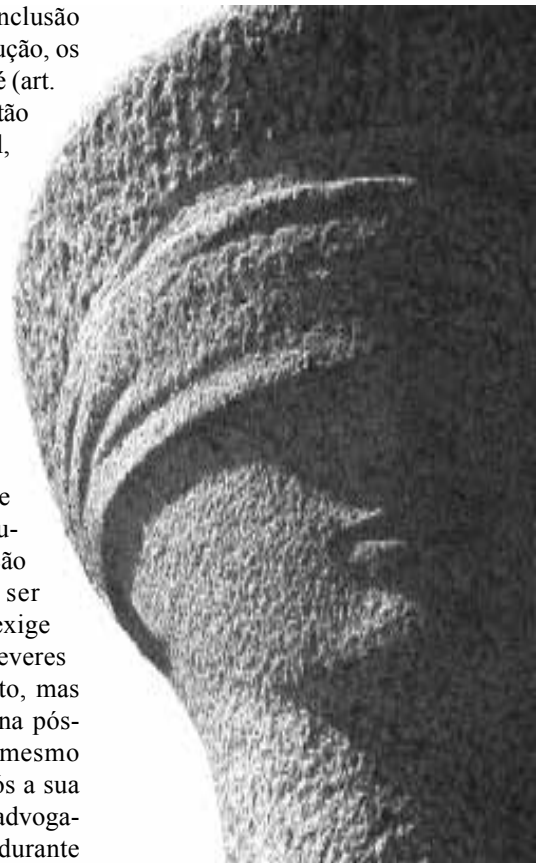
É de se observar, portanto, que a autonomia plena da vontade, corolário do princípio do *pacta sunt servanda*, tem limites fixados a partir desses parâmetros de socialização e eticização dos ajustes contratuais. De outra parte, a interpretação da cláusula de boa-fé deve ser extensiva, na medida em que exige do contratante esses mesmos deveres não só na execução do contrato, mas também na pré-contratação e na pós-contratação, ou seja, antes mesmo da conclusão do negócio e após a sua execução. Para exemplificar, o advogado tem o dever de sigilo antes, durante

e depois dos termos contratuais, ou, entre empregado e empregador, em que aquele tem o dever de não revelar segredos da empresa, e este de não prestar informações que prejudiquem a honra e a imagem do ex-empregado.

A função limitadora do exercício de direitos

No tráfego jurídico, sempre que as partes criarem uma legítima expectativa, naturalmente cria-se o direito para a contraparte. Isso significa, por um lado, a vedação ao *venire contra factum proprium*, em que a parte obriga-se a manter o mesmo comportamento por todo o tempo do contrato. Se a parte adota uma determinada conduta, criando uma legítima expectativa para o outro contratante, não pode, depois, comportar-se de forma diversa, pois estaria deduzindo pretensão contraditória ao seu próprio agir.

Ainda, bem explicam a aplicação do princípio da boa-fé a *supressio*, a



surrectio e o *tu quoque*. A *surrectio* é o fenômeno da supressão de um determinado direito pelo decurso do tempo. Difere da prescrição pelo fato de exigir, além da fluência do tempo, determinado comportamento inadmissível frente ao princípio da boa-fé. A pessoa que pede a reserva de uma mercadoria não pode exigir que o proprietário a guarde por tempo indeterminado. A *surrectio*, por sua vez, manifesta-se em sentido contrário, na medida em que se cria um direito em razão da omissão ou ausência de oposição da outra parte frente à continuada prática de certos atos. É o caso de um empregado que recebe, durante longo tempo, um determinado direito (uma gratificação anual, por exemplo) e repentinamente o empregador retira aquele direito. Além de abalar a posição jurídico-financeira do empregado, o empregador ofende o princípio da boa-fé, pela expectativa criada em favor do trabalhador. O *tu quoque* ocorre quando a parte, usando da própria torpeza, pretende criar um direito. Age abusivamente contra o pactuado e posteriormente pretende criar direito em seu favor. Ou, ainda, exige da contraparte o cumprimento de determinado preceito que ele mesmo havia descumprido. Realiza-se na mesma linha do *non adimpleti contractus*, mas com ele não se confunde.

Conclusão

A boa compreensão da boa-fé se resume na afirmação de que, nos tratos obrigacionais, as pessoas devem agir com a lealdade, probidade e bons costumes com que um bom pai agiria com o seu próprio filho.

De se observar, todavia, que a aplicação prática dos limites, contornos e extensão da boa-fé, recém adotada pelo novel Código Civil, será tema de inúmeras discussões doutrinárias e jurisprudenciais. Mesmo porque a boa-fé ainda assambranca a culpa *in contrahendo*, a figura da emulação, da *exceptio doli* e outras.

A matéria comporta, pois, exame mais acurado e profundo. Essas rápidas linhas servem apenas e tão somente como um pequeno esboço desse estudo, muito mais com vistas a dar conhecimento geral de que as pessoas devem nortear as suas ações obrigacionais dentro dos limites da boa-fé.

(Romeu Carlos Alziro Hehlen é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Reserva Especial de Vinhos



SANTO CLAUDINO VERZELETI

cabou-se a primazia das uvas internacionais, segundo Renato Machado. O vinho vai no sentido contrário ao da globalização. Para os especialistas, bem entendido. Até pouco tempo, o mundo girava em torno da fórmula americana de Robert Parker. Os tintos, concentrados, da uva *cabernet-sauvignon*, ou de duas outras que se internacionalizaram – a *syrah* e a *merlot*. Os brancos, amanteigados, da uva *chardonnay*. E assim era.

Tintos e brancos estagiam longo tempo em carvalho novo, para agradar o crítico-mor. *Cabernets* e *chardonnays* do Novo Mundo, infelizmente, passaram a ditar normas ao Velho Mundo, num movimento ao reverso.

Fez-se de tudo para aumentar a concentração e a qualidade (o que é bom) e para vencer rápido esses sumos espessos, depois de misturá-los ao sabor intenso da madeira (o que é mau). Criou-se um estilo padronizado, na Califórnia, na Austrália, no Chile e na Argentina.

Esse atravessou de volta o Atlântico e foi deixar sua marca em terras européias. Na Itália (Toscana e Piemonte), na França (Languedoc), em Portugal (Alentejo) e na Espanha (Piorato). Vinhos como os catalães de Álvaro Palácios, o *Solaia* e o *Sassicaia*, na Toscana, os brancos piemonteses de Angelo Gaja e os alentejanos Marques de Borba e Tapada, de Coelheiros, são um resultado nítido do gosto globalizado. Agora, as preferências mudam, e ainda bem. Uvas nativas, exóticas, aromas agrestes, sabores rústicos, voltam a fazer parte do universo do vinho. Com a diferença de que hoje a tecnologia está a serviço das nativas.

Assim, um vinho do Sul da Itália de uvas esquecidas no tempo, poderá interessar ao consumidor. Um *riesling* da Áustria ganha contornos diferentes de um alemão. É o *terroir*, o terreno, retomando a dianteira.

Dois países estão à frente desse processo de busca de raízes: Espanha e Portugal. Os espanhóis sempre tiveram a *tempranilo*, que dá um tinto estruturado, longo e impressionante, o *Veja Sicilia*. E os portugueses renovaram as apostas na *touriga* nacional, uva que dá os frutados tintos do Douro. Entre eles o *Fijo*, o *Quinta do Vale Meão* e o *Barca Velha*, glórias lusitanas.

Aqui, no Brasil, as tendências são buscar suas raízes e produzir com qualidade, em relação aos demais países. É uma questão de acompanhar a tecnologia através de enólogos capacitados. O solo brasileiro nada deve aos países da Europa. Clima e solo são ingredientes necessários, e nós temos de sobra.

Muitas videiras, que foram esquecidas, terão seu lugar no solo, dando-lhes condições de desenvolvimento, e criando um novo vinho com sabor original. A natureza é pródiga e sábia. Com a palavra, nossos imigrantes!



SANTO CLAUDINO VERZELETI

Como sabemos, João Paulo II está doente, vítima da síndrome de Parkinson e alquebrado fisicamente, embora lúcido e disposto a cumprir sua estafante agenda de viagens apostólicas. Com pouco mais de 80 anos, o descompasso entre o corpo e a mente está-lhe inquietando o espírito.

A mente e o espírito, entretanto, não demonstram o menor sinal de fadiga, malgrado o tom pesado de sua voz. Sua memória não o trai. Tem demonstrado isso, por exemplo, durante almoços com cardeais de vários países, nos quais nunca falta vinho. Ele é capaz de passar do italiano ao francês, do inglês ao espanhol, com a mesma facilidade com que domina o polonês e o alemão.

Nos séculos passados, quando o Papa adoecia a ponto de não mais governar, a Cúria Romana cuidava de esconder o fato. Hoje já não se pode esconder

Quando morre um Papa

do público a verdade, em vista de suas aparições todas as quartas-feiras aos fiéis. A mídia levantaria suposições de toda ordem.

Muitos têm perguntado se o Papa pode renunciar. Investido do sagrado poder que lhe confere o cargo de sucessor de Pedro e o dogma da infalibilidade papal em questões de fé e moral, o Papa pode quase tudo, no que concerne à vida interna da Igreja. Inclusive modificar ou simplesmente ignorar a legislação canônica vigente. Ou não aplicar ao Bispo de Roma leis que decretou para o colégio episcopal da Igreja.

Saudável ou enfermo, o Papa ocupa a função de soberano Pontífice até morrer. Nada impede, entretanto, que decida renunciar, como ocorreu com uma dezena de seus antecessores. Obrigados a renunciar aos 75 anos, os bispos permanecem à frente de suas dioceses até que o Vaticano acate a renúncia e nomeie seus sucessores.

Em caso de doença grave, o Papa tem direito a delegar parcela de sua autoridade ao Secretário de Estado do Vaticano ou a um outro cardeal. Caso entre em coma prolongado, sem que haja assinado delegação prévia, a Cúria Romana simplesmente tomará em mãos as rédeas da Igreja, exceto prerrogativas exclusivas do Papa, como nomear novos bispos e aprovar documentos importantes.

Se o coma se prolongar por mais de um ano, é possível que o colégio de cardeais interfira junto à Cúria para estabelecer normas ao período de exceção.

O direito eclesiástico não prevê nenhum procedimento canônico para afastamento de um Papa com visíveis sinais de demência ou loucura. Outrora, caso semelhante poderia ser resolvido com a reclusão do Papa em seus aposentos, sem que os fiéis se dessem conta. Hoje não, os meios de comunicação iriam entupir-se de notícias de toda ordem.

Quem toma a decisão de afastar um Papa demente? Não se sabe. A falta de previsão canônica para eventualidade tão grave também divide, hoje, os teólogos. Uns confiam no Espírito Santo;

outros julgam que a imprevidência não se coaduna com a prudência, uma das quatro virtudes cardeais. *En fatti*, o Vaticano teme o vazio de poder, se o mal de Parkinson afetar mentalmente João Paulo II, tornado-o incapaz de governar e sem poder ser substituído.

Ainda não é o caso, pois João Paulo II continua vivo. Mas, quando morre um Papa, o primeiro a constatá-lo informa o prefeito da Casa Pontifícia que, por sua vez, convoca o cardeal-carmelengo (mordomo), responsável pela comprovação do falecimento. O carmelengo notifica o cardeal-vigário de Roma, que comunica aos fiéis da diocese papal. O prefeito da Casa Pontifícia incumbe-se de dar a notícia ao decano do Colégio dos Cardeais, que faz saber a seus pares, aos embaixadores creditados junto à Santa Sé e aos chefes de Estado.

Antes que o processo chegue a cabo, a Rádio Vaticano divulga a notícia, ainda que de forma indireta, como a alteração repentina de sua programação. Dizem os vaticanistas que no menor Estado do mundo (44 ha) nada se fala, mas tudo se sabe.

O cadáver do pontífice não pode ser autopsiado, o que dá margem, em caso de morte súbita, a todo tipo de conjecturas, como ocorreu com João Paulo I.

Declarado morto o Papa, o governo da Igreja passa automaticamente às mãos do Colégio dos Cardeais, segundo regras definidas por João Paulo II, em 1996, no documento "Universi Dominici Gregis". Logo que os cardeais chegam a Roma, esse documento é lido, bem como o testamento do Papa, que prescreve suas instruções quanto aos funerais. Sob juramento, os prelados ficam obrigados ao sigilo.

Nada impede, por exemplo, que João Paulo II queira ser enterrado na Polônia. Todos os cardeais da Cúria Romana, inclusive o Secretário de Estado, que equivale à função de primeiro-ministro, são compulsoriamente demitidos com a morte do Papa. Só três permanecem em suas funções: o carmelengo, responsável pela transição e eleição do novo pontífice; o penitenciário-mor, que deve

manter aberta a porta do perdão dos pecados reservado à Santa Sé; e o vigário da diocese de Roma.

O carmelengo destrói o anel do “Pescador” e a matriz utilizada no lacre das cartas pontificias. Laca os aposentos papais e ordena os funerais de acordo com as instruções deixadas pelo falecido. Ouvido o Colégio dos Cardeais, cuida da preparação do conclave (que significa “fechado a chave”), que elegerá o novo Papa.

Os poderes do colégio cardinalício, na fase transitória, são limitados. Não pode, por exemplo, modificar as regras que regem a eleição papal, nomear novos cardeais (os eleitores) ou tomar qualquer decisão que possa vir a constringer a autoridade do futuro pontífice.

A Capela Sistina é preparada para o conclave. As visitas turísticas são suspensas e uma equipe de segurança vasculha cada detalhe, à procura de dispositivos eletrônicos. São convocados à reclusão os cardeais que ainda não tenham completado 80 anos até dois dias antes do conclave.

Todos os cardeais são confinados em suas 108 suítes e 23 quartos próximos à Capela Sistina.

O início do conclave ocorre cerca de dez ou quinze dias após o enterro do Papa, tempo suficiente para que todos os cardeais cheguem a Roma.

O confinamento dos cardeais é uma forma de retiro. Uma vez lá dentro, nenhum deles poderá sair, até que o novo pontífice esteja escolhido, exceto em caso de doença grave e após consenso da maioria de seus pares.

Ingressam no conclave, junto com os cardeais-eleitores: o secretário do Colégio dos Cardeais; o mestre das liturgias papais, acompanhado por dois mestres de cerimônia e dois religiosos da sacristia papal; um assistente para o cardeal decano; uns poucos religiosos de diferentes idiomas, para atuar como confessores; dois médicos; e o pessoal dos serviços de cozinha e limpeza, quase sempre freiras.

Nenhum cardeal pode trazer assistente pessoal, exceto médico particular, em caso de doença grave. Nada de jornais, TV, rádio ou aparelhos de gravação ou imagem. É mantida uma linha telefônica para casos de emergência. Só três cardeais têm direito a contatar seus escritórios: o penitenciário-mor, o vigário da diocese de Roma e o pároco da basílica de São Pedro. Nada mais é permitido. A reclusão é total. Ninguém tem acesso



Comportamento

WELCI NASCIMENTO

Muitos pais encontram dificuldades na convivência com os filhos. Os que podem, lêem livros especializados e revistas relacionadas com o assunto. Mas nenhum deles fornece a fórmula mágica para resolver os problemas que surgem em horas inesperadas.

Embora queiram ser pais modernos, muitos vivem pensando ou dizendo: “No meu tempo não era assim. A gente obedecia aos pais. Agora está tudo mudado. Não entendo mais nada...”

Às vezes, ficamos escandalizados com a liberdade de expressão dos filhos, o modo de se vestir, de se comportar, etc. As mães, às vezes dizem, a respeito do comportamento das filhas: “Só soube dessas coisas, depois que me casei. Agora, falam abertamente rapazes e moças.” Muitas mães não gostam de falar sobre sexo com os filhos. Acham que perderiam sua autoridade. Por sua vez, os filhos consideram as ordens dos pais “quadradas” e, nem sempre, são obedecidas.

Mas o Livro dos Provérbios nos ensina: “Corrige teus filhos, enquanto há esperança, mas não te enfureças...” Portanto, é dever dos pais ensinar os filhos, pouco a pouco, sobretudo pelo exemplo, pelos bons exemplos. Convém que estabeleçamos com eles um diálogo amigável, a fim de permitir a superação das distâncias da idade. Pais e filhos precisam conhecer, mutuamente, e comunicar um ao outro as riquezas que são próprias de cada um.

No mundo moderno em que vivemos, a criança, desde pequenina, se acostuma a assistir, na televisão, a constantes cenas de violência. Nesse caso, para ela, tratar seus semelhantes com violência poderá tornar-se a coisa mais natural. Afinal, não foi assim que ela aprendeu através do vídeo? Não seria melhor para a criança ter a oportunidade de viver, correr, brincar, ser livre, criar seus próprios espaços, do que ficar plantada, horas a fio, na frente de uma TV, assistindo a cenas de violência?

Por outro lado, o filho adolescente, pela turbulência da idade, está passível de se agarrar a qualquer suporte que lhe pareça seguro. Diz um psicólogo que muitas vezes o “não” é uma prova de amor; e o “não sei” é uma das respostas mais sabidas que uma pessoa pode dar, porque é desprovida de prepotência. Nesse momento, os pais deixam claro para os filhos que são seres humanos e se dispõem a serem amigos. Ser amigo talvez seja o que mais querem os jovens, em relação aos pais. Da mesma maneira que uma família pode retirar um filho do mundo das drogas, ela pode empurrá-lo para elas.

Será que a vida moderna está separando os filhos dos pais?

(Welci Nascimento é professor aposentado. Na Academia Passo-Fundense de Letras ocupa a cadeira n.º 23, cujo patrono é Casimiro de Abreu.)

O homem e sua Própria Luz

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Conhece-se um homem pelos seus feitos.

Cada obra revela o cunho de quem a produz.

Dependendo da índole de cada um, o bem ou o mal prevalece, exteriorizando-se de alguma maneira.

Boas ações partem de um coração generoso.

Desentendimentos e agressões traduzem um íntimo carregado e perverso.

O egoísta só enxerga a si mesmo refletido no espelho da vida. O generoso, entretanto, coloca-se provisoriamente no lugar dos outros para não ter que julgar sem piedade.

O covarde foge levemente das situações mais embaraçosas, agravando ainda mais os seus problemas, o corajoso, no entanto, enfrenta sem temor os obstáculos que lhe são apresentados para evitar transtornos de complicações futuras.

O hipócrita vive de aparências, edificando o seu mundo nas bases insólitas da opinião alheia, a fim de atender muito mais às expectativas dos outros que a sua própria. A pessoa de bom senso, porém, acolhe as dificuldades como uma oportunidade de crescimento e não desperdiça seu

tempo com preocupações que nada constroem.

O falso encobre seus reais sentimentos com o pretexto de atingir os seus objetivos a qualquer preço. O sincero, todavia, abre seu coração.

O orgulhoso se julga superior a tudo e a todos, colocando-se num pedestal aparentemente inatingível para os que vivem num mundo diferente do seu. O simples, contudo, não complica as relações, não cria barreiras nem ergue muros.

O fraco melindra-se por qualquer razão e, mesmo sem entender suas próprias fraquezas, justifica o que lhe vem na alma como obra perfeita do destino. O forte, apesar de todas as vicissitudes da vida, não se deixa abater por coisa alguma e, começa hoje mesmo a preparar o próprio amanhã.

A pessoa má não se importa de cravar espinhos ao longo da estrada por onde caminha, uma vez que seus pés não experimentaram ainda a dor de caminhar descalça. O bom, mesmo longe da perfeição, quando comete um erro, faz todo o possível para consertar o que estragou e, sempre consegue algum resultado positivo.

O irresponsável não assume o que faz, jogando a culpa dos seus erros sobre aqueles que lhe convém derrotar. O homem de caráter vence qualquer

constrangimento, aceita críticas construtivas e enfrenta as dificuldades com a cabeça erguida.

O desleal é aquele que quer agradar a todos e que acaba não agradando a ninguém. O amigo de verdade é aquele que se coloca inteiramente à disposição do outro para ajudá-lo a levantar-se, quando caído, e a caminhar, quando suas pernas, se recusam, tímidas, a dar os primeiros passos em alguma direção.

O ingrato é aquele que esquece a mão que lhe sustentou, o ombro amigo onde chorou e o apoio incondicional que lhe auxiliou nos períodos mais difíceis. O homem dotado de gratidão não dá as costas para quem lhe serviu e não tem fingimento para com quem se diga seu amigo.

O invejoso é aquele que não enxerga as suas capacidades e, por isso mesmo, nada faz para desenvolvê-las. O bom de coração busca sua própria riqueza interior e cresce dia a dia através de suas conquistas.

O pobre de espírito é aquele que não cuida dos próprios passos porque investe toda a sua atenção nas pegadas dos que lhe estão à frente.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 10, que tem como patrono o escritor paulista Monteiro Lobato.)

Carlos Gomes e “IL GUARANI”

CARINO CORSO, in memoriam

(Palestra de Carino Corso, 28 de junho de 1991, aos confrades, na sala de reuniões da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Prezados Confrades:
Convidado para proferir uma palestra aos ilustres confrades, perdoem-me as deficiências e falhas, pois ousei tecer minhas pálidas considerações sobre a vida de um dos maiores personagens da música, Antônio Carlos Gomes, suas obras, e principalmente sobre a imortal ópera “Il Guarani”, universalmente conhecida e, em toda parte, sempre aplaudida.

Antônio Carlos Gomes nasceu em Campinas, São Paulo, a 11 de julho de 1836. Estudou música com seu pai, Manoel José Gomes, maestro da Filarmônica local. Tocava diversos instrumentos, de modo notável, clarinete e piano. Em 1854, com apenas dezoito anos de idade, compôs sua primeira missa. Querendo expandir seus conhecimentos musicais, procurou a cidade de

S. Paulo. Bem cedo, manifestou ser um grande gênio, alcançando sucesso com a composição do “Hino Acadêmico” e da modinha “Quem sabe”, mais conhecida pela primeira estrofe: “Tão longe de mim distante...”. Movido por seu ideal, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se matriculou no Conservatório de Música. Estudou contraponto, uma melodia sobreposta a outra, com Ciochino Gianini, em 1856. No ano seguinte, compôs duas cantatas que foram executadas, com muito sucesso, no Rio de Janeiro.

Um futuro promissor aguardava o jovem compositor. A convite de José Amat, ocupou o cargo de ensaiador da Academia Imperial de Música e Ópera Nacional. Em 1861, apresentou no Teatro Lírico Fluminense sua primeira ópera, “A noite do castelo”. O sucesso dessa ópera trouxe-lhe uma condecoração do imperador, que passou a protegê-lo; das damas cariocas, com uma batuta de ouro e ébano; e dos seus contemporâneos, com uma coroa de ouro. Em 1863, outra ópera, “Joana de Flandres”, fez crescer sobremaneira o conceito de Antônio Carlos Gomes. Escolhido por Francisco

Manoel da Silva, dirigiu o Conservatório de Música da Corte do Rio de Janeiro.

A convite do imperador, seguiu para a Itália, onde estudou música com Lauro Rossi, por quatro anos. Em 1866, obteve o diploma de maestro compositor. No ano seguinte, escreveu a partitura “Se as minga” (Não se sabe). Em 1868, lançou a partitura “Nella Luna” e, em seguida, iniciou a grandiosa ópera “Il Guarani”, baseada no romance de José de Alencar. Esta ópera elevou Antônio Carlos Gomes aos mais altos píncaros da arte musical, sendo estreada no Teatro Scala, de Milão, e, no mesmo ano, a dois de dezembro, no Teatro Lírico Fluminense do Rio de Janeiro. (O Teatro Scala, de Milão, ainda hoje é conhecido mundialmente como Centro Universal da Ópera, construído pelos italianos, dado o ciúme italiano pelos teatros franceses).

Novamente na Itália, em 1873, estreou a ópera “Fosca”; no ano seguinte, “Salvator Rosa”; e, em 1879, “Marta Tudor”.

Voltando ao Brasil, foi apoteoticamente recebido na Bahia, onde escreveu o “Hino a Camões”.

Em 1889, na Itália, compôs a ópera



“Lo Schiavo”, estreada, no mesmo ano, no Rio de Janeiro.

Com a proclamação da República, seu nome tão glorioso foi apontado como monarquista, pelos laços que o prendiam ao imperador e, então, mantido a distância.

Retornando à Itália, publicou, em 1891, a ópera “Condor” e, em 1892, a ópera “Colombo”, espécie de oratório, poema vocal-sinfônico, comemorando o Quarto Centenário do Descobrimento da América.

Em 1895, foi nomeado diretor do Conservatório de Música, em Belém do Pará, cargo que ocupou por pouco tempo, dado o seu precário estado de saúde. Realmente, uma carreira brilhante estava por terminar. Escrevendo a um amigo seu, Manoel José de Souza Guimarães, assim se expressou

Carlos Gomes: “O clima do Pará não é bom para mim. O que fazer? No Rio, não me querem nem para porteiro do Conservatório. No Pará, me querem de braços abertos. Não me querem no Sul, morrerei no Norte”. Em 16 de setembro de 1896, expirava o grande músico, apagando-se uma estrela brilhante, aos sessenta anos de idade.

O Brasil tem a honra de ter, em sua história, uma das grandes figuras do romantismo musical brasileiro, no século dezenove. Gênio de melodista, Antônio Carlos Gomes encontrou, no Bel Canto, o meio de expressão. Suas obras revelam imaginação fértil, sensibilidade, lirismo, vigor dramático, aprimorada técnica operística. Escreveu ainda peças para piano e canto. São de sua autoria as modinhas: “Suspiros d’alma”, “Anália ingrata”, “As baianas”, “Mamãe disse”,

“Foi meu amor um sonho?”, “Bela Ninfa de minh’ alma”, “Minha irmã”, “Conselhos” e “Quem sabe”.

Alguns tópicos sobre a ópera “Il Guarani”

Baseada no romance de José de Alencar, a ópera “Il Guarani” foi executada, com sucesso absoluto, no Teatro Scala, de Milão. Serviram de intérpretes o tenor Vilani, representando o índio Peri, o barítono Maurel, representando o cacique, e a célebre cantora Maria Sasse, representando Cecília ou Ceci, como o índio mais gostava de chamá-la. Ao término do terceiro ato, Antônio Carlos Gomes quase endoideceu, ao ver-se aplaudido pelo imortal compositor italiano, que delirantemente exclamou: “Este moço começa por onde acabei eu”. Toda a vez que esta ópera era anunciada superlotava os teatros do mundo culto: Londres, São Petersburgo, Moscou, Buenos Aires, Montevidéu, Santiago e tantos outros.

Geralmente, os grandes mestres são endeusados “post mortem”. Antônio Carlos Gomes foi um gênio, um fenômeno, e poderia ser chamado: “Uma verdadeira coleção de melodias”. Infelizmente, os grandes mestres sempre tiveram, por companheira, a pobreza. Antônio Carlos Gomes, ainda em Milão, passou por maus momentos, financeiramente, chegando a suplicar ao imperador Dom Pedro II o empréstimo de 50 mil francos. Grato, assim se expressou: “Com mais essa graça, V.M. salva um pai de família, um amigo, um artista e mais, um escravo”. Mais tarde, desanimado pela falta de dinheiro, chegou a vender os direitos autorais da ópera “Il Guarani”, pela irrisória quantia de três mil liras aos editores Lucca, de Milão. Era o preço vil da luta em busca da vitória. Desde bem cedo, a falta de dinheiro foi sempre uma constante em sua vida de artista. Quando ainda jovem, chegou ao Rio de Janeiro, levando na bagagem a importância de 240 réis. Queixava-se sempre da especulação dos aproveitadores que se beneficiavam com a ópera “Il Guarani”, sem nada pagar pelos direitos autorais. Por que, fátidicamente, os grandes artistas caminham, lado a lado, com indivíduos que só pensam em tramas, para derrubar os castelos dos sonhos mais lindos? Por que Cristo escolheu 12 apóstolos, estando no meio deles quem o traiu e, arrependido, se enforcou?

Os seus restos mortais, por ordem do governo federal, foram trasladados



de Belém do Pará para a cidade de Campinas. Ali, em sua homenagem, foi erguida numa magnífica estátua, obra de Rodolfo Bernardelli, simbolizando o grande mestre, em atitude de reger.

Finalizando este modesto trabalho, coloco breves considerações sobre a inspiração artística.

A inspiração não tem lugar reservado. Ela aparece como uma chuva calma que cai. Vem como um anjo bondoso que dita os pensamentos d'alma, as expressões, quer o artista esteja na rua, no vai e vem dos transeuntes, ou em casa. De manhã ou à tarde, à noite ou de madrugada, ela arranca o artista dos lençóis quentinhos e coloca em sua mão uma caneta, para que lance sobre o papel o fruto da inspiração, que exige o momento certo, para que não se perca. Na verdade, o artista se inspira no marulhar das ondas, no troar do canhão, no estampido da mina que rebenta, no bramido da fera que ruga, no soprar dos ventos e das tempestades. Mais prazerosamente, o artista se inspira no farfalhar das maravilhas e das sedas, no sussurrar da folhagem ao vento, no manso balouçar das árvores sopradas pelo zéfiro, no assoviar do minuano pelas quebradas, no chilrar da passarada nas manhãs claras da primavera, no murmurar das águas cristalinas a deslizar por entre cascalhos. Em tudo e por toda a parte, o artista se serve da inspiração, para colecionar motivos e assim expandir a arte, escondida no seu íntimo.

A inspiração se encontra, de modo especial e delicado, numa flor, por modesta que seja, recendendo o atraente perfume, prodigamente distribuído pela divina sabedoria. Ou, então, a inspiração se abriga na majestade encantadora das serranias, capaz de arrancar do artista, em poucos acordes, grandiosa sinfonia, para cantar glórias ao soberano Criador. Quem seria capaz de postar-se diante da célebre estátua de Moisés, sem repetir as palavras do seu imortal autor: "Fala, Moisés, fala!".

Com que saudades recorro os belos tempos de minha infância, quando, à tarde, no curto descanso, na roça, ecoavam, pelas coxilhas, vozes cristalinas de lavradores, semeando sua semente. Embalados pela esperança de uma farta colheita, expressavam a satisfação do dever cumprido, arrancando de sua alma as belas melodias das canções regionais.

É e será sempre verdade: "Quem canta seus males espanta". Com efeito, a música exerce extraordinária influência na

alma humana. Em qualquer lugar onde estivermos, nas repartições do trabalho, no escritório, um fundo musical, doce e suave, coopera para um maior rendimento. Pois a música abranda o sistema nervoso, conserva a calma do espírito, reveste o ambiente de alegria e bem-estar.

Quando a tristeza se apodera de nós, ou porque nossos empreendimentos foram mal sucedidos, ou porque alguém barrou nossos passos, ou ainda porque nosso esforço, pelo pão de cada dia, não alcançou mais do que uma simples e frugal refeição, importa lançar mão dos meios ao nosso alcance, para apreciar as encantadoras melodias, capazes de transformar um panorama triste em outro alegre e festivo.

Prezados confrades! Vivemos na capital do Planalto, que muito nos orgulha, ao lado de uma universidade conhecida em todo o território nacional. Vivemos, nesta plaga rio-grandense, onde gauderíamos numerosos centros tradicionalistas; onde grupos coralistas se esmeram, durante horas inteiras, para apresentar as mais belas canções; onde está presente a Cultura Artística, preocupada em proporcionar à nossa comunidade horas de arte e lazer. Vivemos numa das principais cidades da terra gaúcha, com uma população de aproximadamente 200 mil habitantes, sem uma escola de instrumentos de corda e similares, condição indispensável para a formação de uma orquestra, nada difícil de ser concretizada. Basta um pouco mais de cultura e boa vontade do poder público, das escolas públicas e particulares, da indústria e do comércio. Passo Fundo poderá, com esforço e compreensão, alcançar, em curto prazo, esse objetivo. Que maravilha, se um dia pudermos aplaudir uma orquestra nossa, nos palcos de nossos auditórios! Ou, quem sabe, uma banda de música, em praça pública, quebrando a monotonia, reaquecendo o valor musical, espalhando aos quatro ventos, os acordes, as belas e contagiantes melodias da imortal ópera "Il Guarani", e de tantas outras que enriquecem o nosso repertório nacional. Passo Fundo, assim, estaria completa. Façamos algo, para mostrar que Passo Fundo está viva, estimulando a arte, de modo especial, a música. Tudo está ao nosso alcance. Vamos querer, porque querer é poder.

Poesia

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Lua cheia

A lua espiava a noite
com seu binóculo mágico
cor de nata
cor de prata
cor de lata.

Era uma lata cheia de brilhos.



Brisa do sul

Ó doce brisa do sul,
que roça meu devaneio!

No galanteio
dessa mãozinha azul,
me enleio.

Estremeço.
Amoleço.
E esqueço do tédio.

Que santo remédio
é a brisa do sul!

Sonho de luz

A cerração de tule sobe
A escadaria do morro,
Como a noiva
Que vai pro casamento,
Num sonho de luz.

No altar do firmamento,
O véu se esgarça, se dissipa,
Quando a noiva depõe
Sua branca castidade,
Aos pés da cruz.

Correrias missioneiras

PAULO PRADO

-T -u viu onde acertou o bicho, Tucatu?
- E não era para acertar? Acertei!

-Mas não no pescoço... olha lá a ema correndo de lado... veja a flecha atravessada em seu pescoço!

O pobre animal, feito um bêbado, troteava em zigue-zague pelo campo, na rabeira de outros trinta animais que lhe iam à frente. Vacilava e corria pulando por cima de barbas de bode, atropelando pequenas moitas de caraguatá, espantando perdizes e codornas dorminhocas.

- Vamos atrás!

E o grito guerreiro do guarani ecoou na coxilha, conclamando os companheiros a segui-lo. Logo, distintamente, destacaram-se três partes: a primeira, o bando das emas, desarvoradas, em corrida escandalosa, misto de pernas e plumas; a segunda, a ave ferida, cujo pescoço pendido formava uma cruz com a flecha; e, por último, a cavalaria dos guaranis que vinham aos berros atrás.

Não demorou, um centauro missioneiro, deitado ao lado do cavalo em disparada, ao emparelhar com a ave, em golpe certo, a degolou.

-Voltemos, companheiros! Com esta temos 9 aves. Deixemos as outras “galinhas” para outro dia. E tu, Tucatu, usa as boleadeiras da outra vez. Onde se viu acertar no pescoço... Não temos necessidade de usar flechas, lanças... as boleadeiras são o melhor método de caçá-las. É só lançar em direção às suas pernas e estão pealadas. Aí é só apanhá-las. Tens que te cuidar com esta pontaria, tu és um perigo! Estes outros são um bando de desacerto, não acertam uma abóbora em cinco metros... - e riu.
- Arami, quantos ovos?

- 17! Um está quebrado.

- Joque o último fora, e vamos embora!

Eram 17h 15min daquela quarta-feira. Ano de 1741. A coxilha estava tomada por uma multidão de espectadores. Homens, mulheres e crianças. Logo abaixo, a um sinal, dois índios abriram o brete onde se concentrava uma centena de emas. Os bichos, ao perceberem o



(ARQUIVO ONI)

nada a sua frente, e assustadas pelos índios que, em sua retaguarda, faziam um alvoroço ensurdecido, deram pernas a correr... Não demorou, saíram em seu encalço duas dezenas de cavaleiros, todos munidos de laço. Era um jogo que começava. Dera-se início à caça às “galinhas”. O povo, aos gritos, incentivava um e outro cavaleiro. Era um espetáculo o laçar das emas. Agora, não com o intuito de abatê-las, mas por pura diversão. Após laçadas, eram devolvidas ao curral. E o laçador, ovacionado pelo público.

Aconteceu, em uma ocasião dessas, de certo índio, ao lançar o laço, devido ao número grande de emas e na coincidência do emparelhamento, laçar duas ao mesmo tempo. Ele, foi o novo herói. Seu nome foi aclamado. Chamaram-no: “El Doble”.

Havia igualmente aqueles que rodavam do cavalo. Por inexperiência, pelo entrevero ou outra causa, iam ao chão. Esses, por um bom tempo, abdicavam de participar de correrias, fossem do tipo que fossem. Eles também viravam heróis, na atazanação dos companheiros.

Nos campos missioneiros proliferaram tantas emas, formando verdadeiros rebanhos. Elas eram a alegria dos índios. Não tanto pela caça, pois abundavam outras espécies, bem mais apetitosas ao paladar guarani, e sim pela oportunidade de caçá-las a cavalo. Este sim era um desafio e um gosto. Uma brincadeira comum a todos. Os próprios meninos, imberbes, não perdiam a oportunidade de dar-lhes “carga”, tão logo as avistavam. A sua simples presença no campo era um desafio no ar. E como eram abundantes, a correria era quase diária.

No mormaço dos dias, sem nada a fazer, vinham os outros jovens me inquirir. Tinham-me por inteligente e cheio

de artimanhas, quando, em verdade, eu era apenas criativo e ardiloso. Era, verdadeiramente, arteiro.

- Cansei de ficar sentado, pescando. Há horas nem um peixe belisca. Vamos, Monhanga. Vamos caçar “galinhas”!

Era o desafio de sempre. E o convite vinha a mim, e de todos os companheiros, pois sabiam que, invariavelmente, eu tinha uma idéia nova, muita manha. Eu era o estrategista oficial do grupo de amigos. Naturalmente tornei-me “general das galinhas”.

- Vamos! E, abandonando as margens refrescantes e ensombradas do rio, no púnhamos a arquitetar planos e pô-los em prática.

Assobieie longamente... Era o sinal pré-estabelecido. Os companheiros já haviam cercado o bando de emas, e foram, em disparada, conduzindo-as para o ralo capão onde tínhamos, previamente, montado arapucas com laços no chão. Ao ser pisado, um forte golpe elevava a ave para o alto, puxada pela árvore que mantínhamos submetida à corda. Quando dava certo e víamos, em meio ao bando, uma delas ser subitamente erguida pelas pernas, era motivo de exultante alegria. Era a apoteose de nossa caçada, em verdade, de nossa brincadeira.

Em outra ocasião fiz meus companheiros cavar uma trincheira. Reclamaram do trabalho duro de cavar a longa vala, mas, sabedores da eficácia de meus métodos, aceitaram a incumbência. Pronta a vala, com galhos e folhas dissimulamos a armadilha, e saímos à cata de algum bando próximo. Nosso numeroso grupo de jovens guaranis não tinha muito trabalho – e agora, era prazeroso: tocá-las em direção à vala e ver, em êxtase, as pesadas aves desaparecerem num repente, terra adentro.

Uma das missões dos meninos era percorrer os campos em busca de ovos. As emas são animais comunitários, pondo em um ninho comum. Achar um ninho era sinônimo de fartura. E os meninos, ao saírem, já iam desafiando-se em apostas, sobre quem acharia mais ninho e traria mais ovos. Ao localizarem o ninho repleto, tinham que afastar a ave que estava chocando e fazer a colheita. Ovos fritos para todos. Que época de fartura! Quanta saudade! ...

Vaidade

“Doce é a vaidade que nos vem de um puro amor.”
(Provérbio árabe)

izes, querida, que os meus olhos são dois brasidos e que a minha alma é um ninho de vaidades...

Ai de mim, que não pude ocultar-te os meus andrajos!... Sim, é a vaidade que está inundando a minha alma e incendiando a menina dos meus olhos...

Não és tu como um raio de sol, num dia de primavera? E não enches o meu coração de arroubos e de venturas? Oh! Guardo-te como jóia preciosa, no cofre seguro do meu coração... Só imagino, ó minha amada, quão vasto não deve ser, no convívio das gentes, o mágico poder do teu fascínio! Recebo, a todo instante, no largo caminho do mundo, a fragrância das flores que as tuas mãos esparziam...

Quando aos domingos, passeio contigo, nos jardins concorridos, escuto sempre, à nossa volta, um murmúrio de admiração... E estremeço todo, cuidando, medroso, que te arrebatarem de mim... Mas te acheço brandamente ao meu coração, envaidecido do teu amor...

E quando sigo pelas ruas da cidade, sei que todos dizem baixinho, tão baixinho que só eu escuto: - “Ele possui a rainha dos amores...” - E a minha alma transborda de vaidade...

Querida! Não me queiras mal por ser vaidoso! Não pode a roseira envaidecer-se de suas rosas? E o lago humilde da palmeira que o ensombra? Ó divina luz dos meus olhos! Como pode alguém possuir-te e não ser vaidoso?

Sê clemente comigo, meu doce amor... E perdoa se não sei ocultar minha vaidade...

“Todo passa, mas o amor fica.”
(Provérbio árabe)

A noiva, solitária e triste, olhava, com suas lágrimas, a última rosa do seu jardim. Tomou-a fremente entre as lindas mãos e assim lhe falou:

- Rosa querida! Quando ele partiu, prometeu-me ardentemente: “Aqui estarei pela volta da floração, quando a tua roseira cobrir-se de novas rosas”. Mas, ai! As rosas da minha roseira já floriram há muito, e suas pobres pétalas alfombram agora este chão, como as lágrimas saudosas da triste noiva... Sim! Foram-se as minhas rosas! Ele, porém, não voltou... Apenas tu, ó minha fiel rosa branca, permaneces na tua haste, tão solitária como eu, procurando alentar-me, ainda, com mentirosa esperança!

Rosa do meu coração, companheira da minha desventura! Deixa-me ver a tua corola tão linda! Não te comovem os meus queixumes? E não te apiedas do meu pranto?

Dize-me, rosa querida, onde ele se encontra nesta hora, pois oh!

Quero enviar-lhe a mensagem da saudade, expressada no anelo pungente dos meus suspiros e no murmúrio ciciante dos meus beijos... Sim, tem dó das minhas lágrimas! Dize-me, então, que faz ele, distante dos meus olhos, que não torna ao meu coração amargurado? Ai! Pensará ele em mim, ainda? Ou já esqueceu, de todo, o meu pobre amor – tão infeliz quão desamparado? Quando verei eu aqueles olhos

negros como a noite, aquelas faces bronzeadas e os cabelos cor de fogo, tão ondulados como o mar?

Rosa minha! A brisa cruel – ai de mim – já desfez tua coroa... As tuas alvas pétalas estão caindo ao chão, qual borboletas agonizantes. Sim: tu já cansaste! Adeus! Ah, mas tua amiguinha há de esperar todo o sempre...

Talvez que ele volte ao seu coração... Mas levaste contigo a tua derradeira esperança!... Adeus! Vagarei, doravante, como a sombra da amargura, rodeada só de espinhos e de solidão...

Entre Deus e o Macaco



GILBERTO R. CUNHA

ão sabemos de muitas coisas e, dentre elas, uma que (ainda) não sabemos mesmo é esta: de onde viemos?

Especula-se entre dois extremos, buscando-se respostas. Um que pressupõe uma origem divina

para o homem. E outro, menos nobre, que admite uma raiz zoológica. O primeiro carece de significação filosófica, por isso não se discute. É uma questão de crença religiosa e ponto final. Por ele, fomos criados por Deus à sua imagem e semelhança, só que com menos

poderes. O segundo, mais ao gosto dos adeptos do evolucionismo, também tem os seus pontos frágeis. O evidente, em ambos, é que o homem parece buscar uma explicação, para a sua origem, externa a si próprio. Por

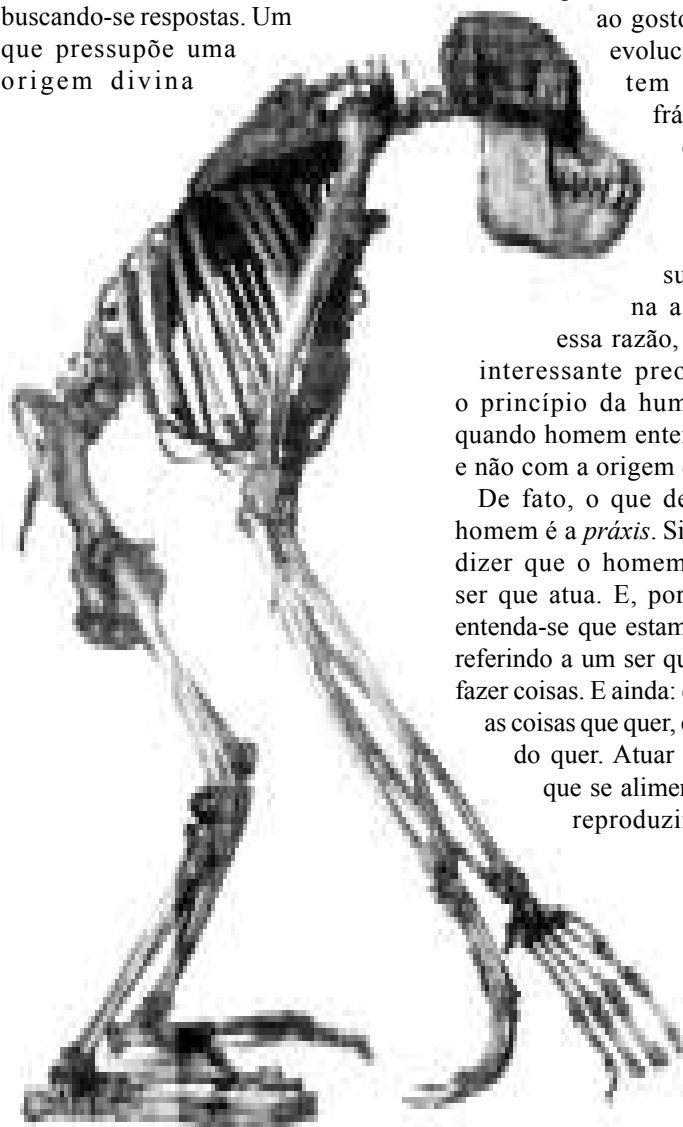
essa razão, talvez seja mais interessante preocupar-nos com o princípio da humanidade (desde quando homem entende-se como tal) e não com a origem da vida.

De fato, o que define o homem é a *práxis*. Significa dizer que o homem é um ser que atua. E, por atuar, entenda-se que estamos nos referindo a um ser que quer fazer coisas. E ainda: que faz as coisas que quer, e quando quer. Atuar é mais que se alimentar, se

reproduzir, buscar abrigo, se movimentar apenas para satisfazer a um instinto. A ação humana é completamente diferente do instinto animalesco. Isso não implica que seja necessariamente boa. Ela é delineada a partir de situações virtuais, com base em registros simbólicos, sendo capaz de modificar e, inclusive, criar o futuro. Uma rosa e um leão são “programados” para ser o que são, fazer o que fazem e viver como vivem. Os seres humanos, em certo sentido, são “programados” também, porém de forma diferente. Nossa estrutura biológica é uma coisa e nossa capacidade simbólica (dela depende as nossas ações) é outra. Pode-se dizer que somos programados “enquanto seres”, mas não “enquanto humanos”.

Mesmo que a diferença genética que nos separa de um chimpanzé seja mínima, não sendo muito maior a que nos distancia de um porco ou de uma lagarta, de qualquer forma, qualitativamente, somos muito diferentes. A similaridade genética entre o homem e os outros animais não explica nada. Apenas mostra, e reforça, que a dotação genética não é decisiva na definição da condição humana. Fica óbvio que a ação humana provém de outros elementos não identificáveis no DNA. Nisso reside o grande enigma humano e o paradoxo da teoria da evolução.

A diferença fundamental entre o homem e os outros animais é a quase que absoluta ausência de especialização de qualquer tipo, no homem. Os animais, pelo contrário, alcançam níveis de especialização para fazer algumas



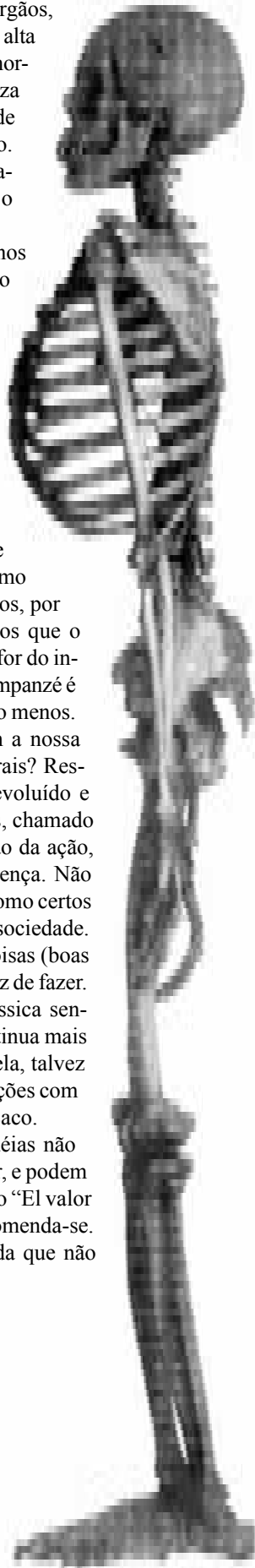
coisas (saltar, morder, agarrar, etc.), viver em determinados ambientes (suportar temperaturas extremas, alimentar-se de resíduos, procriar, etc.), que são inimagináveis para nós. Os membros, órgãos, sentidos dos animais são instrumentos de alta precisão. Compare a sua capacidade de morder com a de um Pitbull, para ter certeza disso. Ou a sua mão com os tentáculos de um polvo ou a pinça de um caranguejo. Mas, no entanto, como tudo que é ultra-especializado, servem muito bem para o que servem, e para nada mais.

A não especialização dos seres humanos contradiz a visão popular de evolução das espécies. Em geral, se imagina que o homem provenha, por sucessivos refinamentos, de uma espécie animal mais tosca. Tem aquela clássica ilustração que mostra um quadrúmano, depois um chimpanzé, a seguir um antropóide, continuando com um primo neandertal até chegar, por último, à imagem de um autêntico lorde inglês. Pelo que vimos até aqui, parece que o caminho evolutivo seguiu um rumo oposto ao dessa figura. Os seres humanos, por qualquer categoria, são menos definidos que o chimpanzé da ilustração. Se a evolução for do indeterminado para a especialização, o chimpanzé é mais evoluído que um ser humano, e não menos.

Então, cabe perguntar: de onde vem a nossa hegemonia sobre os demais seres naturais? Resposta elementar: de um órgão muito evoluído e sofisticado, que nos torna os mais aptos, chamado cérebro. O nosso cérebro, como o órgão da ação, é o que está no comando e faz a diferença. Não temos um ambiente natural específico como certos animais. O nosso ambiente natural é a sociedade. Graças à ação cerebral, o homem faz coisas (boas e ruins) que nenhum outro animal é capaz de fazer.

“Nossa meta é nossa origem”, a clássica sentença antropológica de Karl Kraus, continua mais atual do que nunca. Para chegarmos a ela, talvez tenhamos de deixar de lado as preocupações com o umbigo de Adão e as certezas do macaco.

Finalmente, cabe dizer que essas idéias não me pertencem. São de Fernando Savater, e podem ser encontradas no seu mais recente livro “El valor de elegir”(Editorial Ariel, 2003). Recomenda-se. Afinal, não fazemos outra coisa na vida que não sejam escolhas (*elegir*).



Metodologia aplicada

ROGÉRIO MORAES SIKORA

-P Pai, como tu és buuuuuuuurro! Devo ser mesmo, nascemos gênios e emburrecemos no decorrer da vida. Os bebês aprendem em dias uma quantidade de coisas que levaríamos anos para assimilar. Em menos de um ano eles já engatinham pela casa toda, enquanto eu, há alguns anos, tento migrar para uma certa interface 95, sem sucesso. Meu *Winchester* deve ser rígido demais.

Mas, o pior de tudo é o que esquecemos. Existe um jeito certo para fazer as coisas. Quando eu era pequeno sabia pular corda, andar de patins, fazia conta de dividir por três números (sem maquininha) e gol de bicicleta; sabia como subir em qualquer tipo de árvore e como ganhar aumento de mesada (uau!).

Ah, os bons tempos dos jogos de botão, das peladas nos campinhos da redondeza, do timinho de futebol. Havia os álbuns de figurinhas, as quais, quando repetidas, eram disputadas no tapa com os amigos. Naquele tempo eu sabia fazer muitas coisas que agora não sei mais.

Hoje peso mais de setenta quilos e reclamo do preço da musculação para perder a barriga. E penso em como aquele conhecimento adquirido a duras penas poderia me ajudar. Saber os afluentes da margem direita do rio Amazonas não paga minhas contas e se meus filhos vierem me perguntar a respeito, eu juro que desconverso.

Mas outro dia foi demais. Minha filha me viu dando uma dentada num bombom *Sonho de Valsa* e quase teve um ataque. Como todos sabem (ou souberam um dia), no bombom *Sonho de Valsa* se come primeiro o chocolate, lambendo ou raspando com os dentes, até que apareça a casquinha. Esta, por sua vez, deve ser partida com os dentes da frente em, no máximo, dois pedaços, os quais devem ser mastigados fazendo bastante ruído. Por fim, o recheio vai todo para a boca, onde fica rolando por cima e por baixo da língua até desmanchar. É muito mais gostoso assim. Não sei como pude dar uma dentada no bombom nele. Em que momento obscuro de minha vida eu teria deixado para trás esta sabedoria?



Os Sertões: o centenário de um clássico

LUÍS MARCELO ALGARVE

fim do século dezenove encontrou o Brasil no início da República: uma pequena nação envolta em dissidências políticas, militares e sociais, engolfada pela bancarrota, atacada pela febre amarela, cobiçada pelo expansionismo colonialista europeu, enfrentando uma guerra civil no Sul, gritos separatistas e convulsões que explodiam em múltiplos pontos de seu enorme território.

Em 7 de agosto de 1897, o engenheiro e repórter Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha chega a Queimadas, no interior da Bahia, para onde fora enviado pela direção do jornal *O Estado de São Paulo*. Seu ofício: relatar aos leitores do jornal os horrores da chamada Guerra de Canudos, um dos episódios mais comoventes da história brasileira. Seguramente, uma das narrativas mais dramáticas da vida social brasileira, minuciosamente contada, conforme se depreende exemplificativamente do fragmento abaixo, retirado de um dos artigos escritos pelo jovem jornalista fluminense: “Canudos caiu, quando

caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados”.

Desde julho daquele ano, uma série de operações militares do governo central tentava reprimir o movimento provocado em Canudos. No vilarejo do sertão baiano, encravado às margens do rio Vaza-Barris, o messiânico Antônio Conselheiro exortava o povo a resistir à República e, com o auxílio dos povoados vizinhos, enfrentava as tropas do exército brasileiro à base de emboscadas e pregações religiosas. O resultado foi uma tragédia sem precedentes.

Exatamente durante dois meses, até o dia da batalha final, o jornalista Euclides escreveu e enviou ao periódico vinte e cinco reportagens. A publicação das matérias auxiliava a retratar a realidade cruel do campo de batalha.

A Guerra de Canudos teria começado porque o líder religioso Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro, objetivando construir uma igreja em seu arraial, comprou a um dos representantes da autoridade

em Juazeiro, o coronel João Evangelista Pereira de Melo, certa quantidade de madeira. O material não foi entregue e o beato ameaçou invadir a cidade para retirar à força a madeira pela qual pagara.

A autoridade local pediu socorro ao governo da Bahia, que enviou a Belo Monte, em junho de 1896, a primeira expedição, composta de 120 soldados e comandada pelo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira. No lugarejo chamado Uauá, morreram 80 pessoas e dezenas de ambos os lados ficaram feridas. Os seguidores de Conselheiro, porém, saíram vitoriosos. Em janeiro de 1897, o conflito tomou proporções nacionais.

A segunda expedição contra os aliados de Conselheiro, organizada pelo governo federal, foi comandada pelo major Febrônio de Brito, e conta com 625 soldados, vindos de Alagoas, Sergipe e da Bahia. A batalha acabou com poucas baixas, porque o líder recuou para evitar o confronto direto.

Conhecido como “corta-cabeças”, o coronel Moreira César comandou a terceira expedição, em março de 1897, levando 1300 soldados e armas e munição para meses.

Ele avançou sobre Canudos sem dar tempo às suas tropas para descansar da exaustiva caminhada sob o sol do sertão, e a derrota foi humilhante. Os principais oficiais, entre os quais o próprio comandante, e centenas de soldados morreram após algumas horas de combate. Os corpos se espalham pelas estradas, beiras de rio e até mesmo foram pendurados, muitos sem cabeça, nos galhos das árvores.

Em choque, o governo federal insistiu em sufocar o levante. Planejou por três meses a quarta expedição contra Canudos, que partiu em junho de 1897, liderada pelo general Artur Oscar de Andrade Guimarães, fervoroso republicano. O fotógrafo Flávio de Barros acompanhou a missão e registrou as imagens mais difundidas do conflito.

Durante quatro meses, os conselheiristas resistiram aos ataques das tropas federais, melhor equipadas e com cerca de 10 mil soldados, vindos do Pará, do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e da própria Bahia. Assombrado pelo destino de seus antecessores, Artur Oscar impôs-se a obrigação de vencer, mesmo utilizando-se de métodos brutais, tanto com seus comandados quanto com os jagunços e beatos que capturava.

Em 5 de outubro, uma verdadeira chacina pôs fim à guerra. Soldados federais degolaram grande número de sertanejos. Na manhã seguinte, foi encontrado e exumado o cadáver do Conselheiro, graças a informações fornecidas por um prisioneiro. O corpo foi fotografado e restituído à cova. Porém, o coronel Arthur Oscar determinou que fosse novamente desenterrado, a cabeça decepada e enviada à Academia de Medicina da Bahia, para estudo.

A população nacional, que aprovara a luta por temer um levante monarquista, ao receber notícias do massacre, acabou por colocar em questão a ação militar.

O senador Rui Barbosa, baiano de nascimento, chegou a redigir um discurso, jamais pronunciado, em memória da população de Canudos. “Os mortos pululam por entre os vivos”, dizia num trecho, “Vêm das caatingas do Norte, dos campos devastados da guerra, das ruínas lavradas pelo fogo, dos destroços

do petróleo e da dinamite: são desarmados, mulheres e crianças; mostram no colo o sulco da gravata sinistra; mutilados, eviscerados, carbonizados, estão dizendo: falai por nós, voz da Bahia, voz da justiça, voz da verdade.”

Inegavelmente, a passagem de Canudos mostra uma das guerras mais sangrentas e cruéis da história nacional, mormente pelo acirramento a que chegaram as partes e temor da sociedade de uma revolta monarquista. Percebe-se, por meio das quadras populares cantadas à época da guerra, o quão pungente era o cenário local, a saber: “Os urubus do sertão/Fizeram uma petição/Para o nosso presidente/Dizendo que em Canudos/Estão com os bicos rombudos/De comer carne de gente” (Cordel de Manoel dos Pocinhos).

Regressando a São Paulo, depois de realizado o trabalho jornalístico sobre a Guerra de Canudos, com suas convicções republicanas abaladas, Euclides da Cunha foi convencido e estimulado pela direção do Estado de São Paulo a escrever o livro que viria a se tornar um dos maiores clássicos da literatura nacional.

Os Sertões foi lançado em 2 de dezem-

bro de 1902, pela Livraria Laemmert, no Rio de Janeiro. Um livro grosso, com 637 páginas de textos com vocabulário incomum, temas científicos e grande carga dramática, ilustrado com mapas, desenhos e fotografias, onde Euclides da Cunha narra a batalha ocorrida em Canudos, na Bahia. A obra transformou-se rapidamente num *best seller*, tendo metade de sua edição vendida em apenas oito dias. O total de sua tiragem de mil exemplares se esgotou em dois meses. Foi o bastante para garantir à obra e ao seu autor um reconhecimento que ultrapassou as fronteiras do País.

O lançamento de *Os Sertões* teve uma acolhida de público e de crítica que o transformaram num dos grandes sucessos literários do ano de 1902. O que chamou a atenção dos críticos no livro de estréia de Euclides da Cunha era, não apenas o uso correto dos modernos métodos científicos, mas principalmente o casamento perfeito entre a ciência e a arte.

José Veríssimo, em ensaio publicado no Correio da Manhã, no dia seguinte à chegada de *Os Sertões* às livrarias, considerou que “o livro do Sr. Euclides da Cunha, ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente, tanto aos aspectos da natureza como ao contato do homem, e estremece todo, tocado até ao fundo da alma, comovido até às lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as secas que assolam os sertões do Norte brasileiro, venha da estupidez ou da maldade dos homens, como a Campanha de Canudos”. Em seu texto pequeno, mas contundente, fez apenas uma ressalva: considerou exagerado o emprego de termos técnicos.

A segunda edição foi lançada em 9



de junho de 1903, com uma tiragem de dois mil exemplares. Em 1905, surgiu a terceira edição, também com dois mil exemplares. As três edições foram vendidas em aproximadamente cinco anos, fazendo de *Os Sertões* um dos maiores sucessos de venda, no restrito mercado livreiro do início do século XX, no Brasil.

Para a terceira edição, Euclides da Cunha cedeu a “propriedade plena e inteira” de *Os Sertões* à Laemmert & Cia, por um conto e oitocentos mil réis, e garantiu que, de cada edição que se fizesse, cinquenta volumes lhe seriam reservados. Embora esse fato cause estranheza, uma vez que o livro continuava a ser um

sucesso de vendas, o escritor passava por dificuldades financeiras, reveladas em carta a seu pai. A Laemmert não chegou a fazer uma quarta edição, pois um incêndio destruiu suas instalações. A quarta edição do livro saiu em 1911, pela Editora Francisco Alves.

Hoje, para se obter o número parcial de 80 edições é preciso calcular as últimas versões disponíveis na Biblioteca Nacional, bem como pesquisar em livrarias. Mesmo assim, esse número pode ser ainda maior, principalmente porque a obra está em domínio público.

A obra-prima de Euclides da Cunha já foi traduzida para 11 idiomas - espanhol, francês, inglês, dinamarquês, italiano,

sueco, holandês, chinês, alemão, japonês e russo - e ganhou também uma versão no português de Portugal.

Entre 27 de maio e 30 de junho de 1990, a Rede Globo levou ao ar a minissérie “Desejo”, baseada no livro “Anna de Assis - História de um Trágico Amor”, escrito em 1987 por Jeferson de Andrade. A obra foi tirada de um depoimento de Judith Ribeiro de Assis, a respeito de sua mãe, Anna, e do pai, Dilermando de Assis, que matou o escritor Euclides da Cunha em 1909. Glória Perez, autora das novelas “O Clone” e “Barriga de Aluguel”, ficou encarregada da adaptação, em 17 capítulos.

Ainda, o filme *Guerra de Canudos*, de



Sérgio Rezende, teve sua estréia no dia do centenário do fim do conflito, 5 de outubro de 1997, em 50 salas de todo o país. O épico de 2h40 custou R\$ 6 milhões, a produção mais cara do cinema brasileiro até então. Atores conhecidos do público foram convidados para interpretar os principais personagens da história, entre eles, José Wilker, Marieta Severo, Paulo Betti, Cláudia Abreu e Selton Mello. A trilha sonora ficou a cargo de Edu Lobo, que utilizou letras deixadas pelo poeta Cacaso, já morto na ocasião.

Na época do lançamento, o jornal O Estado de São Paulo convidou quatro historiadores para debaterem o filme sob o ponto de vista histórico, e a receptividade não foi das melhores. "Quem não sabe o que foi Canudos continuará sem saber, pois é uma reconstrução péssima, que não explica como a comunidade se organizou e como vivia", sentenciou Marco Antônio Villa, professor da Universidade Federal de São Carlos e autor do livro "Canudos, O povo da Terra".

Euclides da Cunha revelou ao Brasil o que ninguém até então conhecia: que o sertão é um só, uma pátria independente. Canudos é uma síntese perfeita, em escala reduzida, dos aspectos predominantes dos sertões do Norte. Os sertões de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí. Mostrou, com isso, que a Guerra de Canudos não foi apenas um acontecimento local, mas um grito de revolta de todo o sertão brasileiro.

O escritor estruturou sua obra em três partes: "A Terra", "O Homem" e "A Luta". Ele só fala do conflito depois de levantar dados geográficos e culturais da região de Canudos e do Brasil. Ainda que o capítulo sobre a luta seja o mais lido e conhecido, a grande contribuição do escritor foi justamente a descrição detalhada que ele fez, em capítulos diferentes, da terra e do homem. O capítulo "A Terra" é um dos mais singulares da prosa brasileira. De forma literária, examina a constituição geográfica do continente americano e da região de Canudos. São estudados o solo, a flora, a fauna e o clima. Euclides da Cunha mostrou que todos os reveses sertanejos estão ligados à terra, desde a opressão semifeudal do latifúndio até a ignorância e o isolamento a que esta parte do Brasil sempre esteve condenada. E evidenciou que nada supera a principal calamidade do sertão: a seca. Antes de se transformar no retirante estropiado que abandona a região, o

sertanejo encara de frente a fatalidade e reage, numa luta indescritível. Nessa hora ele não é mais o indolente ou o impulsivo violento, mas o herói que tem nos sertões, para todo o sempre perdas, tragédias espantosas. A princípio ele reza. O seu primeiro amparo é de fé religiosa. Para ele, a seca é uma maldição. Euclides da Cunha apontou a coivara índia - prática de plantio por queimadas, que os sertanejos adotam - como uma das causas daquele deserto. Ali, a dor do homem vem do sofrimento milenar da terra. O escritor deixou registrado que as grandes secas do Nordeste obedecem a um ciclo de 9 a 12 anos, desde o século XVIII, numa ordem cabalística. E até hoje esse fenômeno amplia o misticismo do matuto. O sertanejo se sente um abandonado numa terra barbaramente estéril e maravilhosamente exuberante. O escritor verificou estarecido a transformação daquele deserto medonho nos poucos dias de chuva, quando as matas se cobrem de verde, o mandacaru floresce... e assistiu à transformação de espírito que essa mudança natural provoca na alma do sertanejo. O homem fechado e taciturno, seco como sua terra, transfigura-se em risos e comemorações. O sertão entra em festa.

Nesse sentido, acredita-se que foi cumprida a tarefa informativa de, primeiramente, demarcar solenemente o centenário de uma obra clássica da literatura brasileira. Livro esse que abordou vários temas do Brasil de fanatismo religioso, de messianismos, de sebastianismos sertanejos, de lutas por territórios. Em segundo lugar, a tarefa de mencionar a habilidade do autor em diagnosticar o subdesenvolvimento do Brasil, referindo-se à existência de dois países contraditórios: o do litoral e o do sertão. Canudos resultou do confronto entre esses dois *Brasis*, distintos entre si no espaço e no tempo, pelo atraso de séculos em que vivia mergulhada a sociedade rural, bem como *Os Sertões* mostrou para a sociedade brasileira, quase que numa visão profética, o que era o sertão, ou seja, uma estranha pátria sem dono, abandonada pelas leis e instituições, vivendo sob o jugo da terra e dos latifundiários.

Poesia

LUÍS MARCELO ALGARVE

Vestita di poesia

A tua tão lisa porção de mechas
Desliza, anjo formoso,
Que quero tomar um banho
No teu cabelo sedoso.

A chama do teu olhar
Quando incide no meu rosto
Sinto que queima inda mais
Que o sol do mês de agosto.

Esvaece os meus sentidos
Teu sorriso encantador,
A minha alma desfalece
Ao contemplar-te flor.

Os teus lindos olhos negros
Brilham como diamantes
Testemunham santos sagrados
E aproximam nossos semblantes.
Mas e o teu beijo?
Qual sabor ele tem?
Que enorme desejo!
Que suprema vontade!
Um beijo sincero
não tem hora nem idade.

Os teus lábios justificam
o inexplicado
Não me permito deter
Um beijo demasiadamente sonhado
Doce, saboroso, enamorado.

Vede, julho está por chegar
A despedida há de nos separar
Quando o último sino se fizer ouvir
Significa que é hora d'eu partir.

Então, permita-nos
o tão esperado encontro
Encerra os teus olhos negros
Aproxima tua boca da minha
E deixa que nossos narizes
se enroscuem.

- Ei, Princesa, isso não é pecado!
É simplesmente um beijo demo-





LINDOLFO KURTZ

Ele era avô, como costumam ser os velhos, abastado como poucos e sovina como ele só. Possuía vários imóveis de aluguel, ações de bancos e de grandes empresas. Grande parte de seus recursos, porém, era representado por dinheiro em espécie que ele aplicava a altos juros, obtendo com tudo isso elevada renda mensal.

Todavia, quem não o conhecesse se apiedaria de vê-lo, tão pobremente vivia e se vestia. Seus dois ternos de brim, antiqüíssimos, tantas vezes já haviam sido lavados que não mais se descobria a sua cor original.

Sua figura magra e sua avareza crônica eram bastante conhecidas na cidade. Não gastava nem palavras. Falava pouco. Caminhava com lentidão, dando passos largos. Certamente, – diziam – para economizar a sola do sapato. Andava sempre com a cabeça inclinada e o olhar no chão, pois na mocidade havia perdido uma pataca e tinha ainda a esperança de encontrá-la.

Vivia só, o Grandet crioulo, numa antiga casa de alvenaria, há muitos anos esperando uma pintura. Era dividida ao meio por uma parede de madeira, morando ele em um lado e, no outro, sua única filha (havia economizado até nos sagrados deveres da multiplicação) e sua bonita neta. Elas nada lhe pediam e ele nada lhes dava. Viviam, assim, em harmonia.

O velho até era feliz, aquela felicidade cinzenta que só pessoas de seu feitio compreendem e usufruem. Às vezes, lembrava-se da finada e da doença que a matara: anemia. Nem tanto da doença e da falecida. Lembrava-se mais das despesas que ela lhe causara.

Nos domingos – já era tradição – almoçava com a filha e a neta. Em certa ocasião, coincidiu com o aniversário da

menina. Completava ela seus quinze anos, razão por que, desde cedo, havia clima de festa e alegria na casa. A menina se mostrava mais bonita e sorridente. A mãe iniciava o preparo do almoço melhorado, com o auxílio voluntário de uma vizinha que sabia tudo de todos. Chegou o avô. A aniversariante foi ao seu encontro, de braços abertos:

- Bom dia, Vô! - E abraçou-o alegremente.

- Bom dia, minha linda neta!. Feliz aniversário! – E ambos foram para a cozinha. Diante das três, o velho tomou ares de quem ia dizer alguma coisa tão importante que seria capaz de acabar com a guerra fria:

- Querida neta – disse ele –, o vovô nunca te deu um presente, mas não pense que não se lembrava disso. Esperava apenas que completasses os quinze anos. – E tirou do bolso, lenta e solenemente, uma novinha, uma estalante nota de DEZ CRUZEIROS, entregando-a à menina.

Dentro de poucas horas, não se sabe como, a notícia de tal fato corria a cidade. Havia quem dissesse que a nota era de VINTE CRUZEIROS. Os que conheciam bem o velho duvidavam de tudo e já estavam sendo acusados de subversivos. O assunto já provocava várias discussões.

O Café Elite era o ponto tradicional de encontro de amigos para o cafezinho, a água mineral e o vermute.

Falava-se de tudo, inclusive da vida alheia, da guerra na Europa e de futebol. Os grupinhos, sentados em redor de mesas que nem apareciam, de tanta gente, nesse dia tinham um assunto único: o velho e o presente. Esqueceram até do Grenal que iria acontecer dentro de algumas horas. O presente já tinha valorizado. Já se falava que a nota era de CEM CRUZEIROS, quando aí não havia mais dúvida: o velho enlouquecera.

Embora o Tesouro do Estado, sempre

raspado, já há dois meses não lhe pagava a pensão, a mãe da menina organizou uma festinha, ainda que modesta, para a filha receber seus colegas para o chá das cinco.

Após o almoço, foram arrumar a sala. Arreda cadeira daqui, mesa dali, põe para cá, empurra para lá. Não havia jeito. A sala era pequena mesmo. Como é que não notaram isso antes? E a eletrola, com discos de 78 rotações, onde colocar? A mãe já nervosa teve uma idéia:

- Querida – disse para a filha –, a única maneira é fazermos a reunião na sala do vovô, aí ao lado. Que dizes? Vai lá e fala com ele, pois ainda há tempo de limpar e arrumar o que for preciso. Mas tu sabes como o vovô é! Pede para alugar a sala. Alugar – acentuou –, não esqueças.

E vai a menina para o outro lado da casa falar com o velho.

- Vô, a nossa sala é muito pequena para a reunião. A mãe pensa na possibilidade de fazer na sua, que é bem maior. Como o senhor tem poucos móveis, traremos a mesa, as cadeiras e o toca-discos. Poderia me alugar para esta tarde?

- Ora – disse o velho –, a sala do vovô está às ordens. No dia dos teus quinze anos nada se pode negar. Façam a festa aqui.

- E quanto ao aluguel, Vô? - perguntou a menina com ar apreensivo.

- O aluguel? Ora... bom... hummm... deixe ver... ora, meu bem, como é para ti, e ainda no dia do teu aniversário, vou fazer um preçõ especial. – E com ar vitorioso, de enxadrista que vai aplicar um xeque-mate, acrescentou:

- DEZ CRUZEIROS – pagamento adiantado.

A menina tirou do bolso, lenta e solenemente, entregando ao velho, a novinha, a estalante nota que havia ganhado pela manhã.

O nome

LINDOLFO KURTZ

No tempo em que Passo Fundo era uma pequena e calma cidade do interior gaúcho, compareceu ao Cartório de Registro Civil um humilde agricultor que morava num distante povoado, a fim de proceder ao registro de nascimento de uma filha, já com quase um ano de vida.

Atendido pelo oficial do registro, que lhe perguntou qual o nome da criança, respondeu: Meretriz.

- Como?- perguntou novamente o oficial, supondo não ter entendido bem.

- Meretriz – repetiu convicto o caboclo.

- Sabe o que quer dizer essa palavra? Quer dizer mulher-da-vida, puta, entendeu?

- Sim senhora – respondeu o caboclo

- E então, que nome vai botar na criança?

- Meretriz – respondeu com convicção inabalável.

- Bem, se é assim não posso registrar a criança. É a lei. Só registro se me trouxer uma ordem por escrito do juiz. – E ensinou-lhe onde era o fórum.

Vai o pai ao fórum, onde conseguiu ser recebido pelo magistrado.

Naquele tempo, a comarca tinha um só

juiz, famoso pela rapidez com que dava conta de seu trabalho. Tinha verdadeira obsessão pela economia processual. Dispensava o que podia e até o que não podia no andamento dos processos. Muita coisa era decidida na hora, em cima da perna.

Pois frente a ele o caboclo foi conduzido. Explicou ao juiz sobre a recusa do homem do cartório em registrar a menina com o nome de Meretriz.

O juiz perguntou-lhe se o homem do cartório lhe explicara o significado da palavra. Respondeu que sim. Que é nome muito feio.

- E mesmo assim quer pôr esse nome na filha? O homem respondeu que sim.

- O juiz então chamou os brigadianos e ordenou: Três dias de cadeia para esse sem-vergonha, para ter tempo de pensar melhor no nome que quer dar à filha.

Três dias haviam passado, quando o juiz mandou vir o preso. Novamente na frente do juiz, este lhe perguntou se havia pensado no nome da filha.

- Pensei, sim, senhor – respondeu o pai.

- E como é o nome então?

- Meretriz, respondeu o pai.

O juiz, mantendo a calma, sugeriu um nome parecido. Beatriz, por exemplo.

- Esse nome não é feio? – indagou o homem.

- Não é feio, é até muito bonito – disse o juiz.

- Então serve, porque minha “muié” e eu “gostemo” daquele TRIZ. Foi assim que a menina se chamou: BEATRIZ.

Cresceu ativa e sadia, e só era conhecida pelo apelido que os pais lhe deram:

MERÊ. Somente quando foi matriculada na escola rural é que ficou sabendo seu nome legal.

Aos dezoito anos, conheceu um jovem peão com quem iniciou um namoro. Após um curto período de noivado, vieram a casar-se na capela do povoado. Terminado o churrasco, no pequeno pavilhão ao lado da capela, embarcaram os nubentes na carrocinha, com destino ao rancho onde iriam viver. Os pais ficaram olhando, enternecidos, a carrocinha ir se afastando estrada afora.

Emocionado, o pai abanou aos noivos e exclamou:

- Lá se vai nossa MERÊ! – E, não se contendo, completou: - “TRIZ”!

Poesia

LUÍS MARCELO ALGARVE

Numa noite de sábado

Debaixo de um céu
repleto de estrelas
Sob a mira de uma lua
que provoca pensamentos!
Mas o que fazer
Numa Noite de Sábado?

Solitário entre quatro paredes
Só aguardo a próxima música tocar!
O que fazer Numa Noite de Sábado?

Abrir a porta
que me separa do mundo?
Buscar algo lá fora.
Ficar a refletir?
Sobre os erros
de um passado recente.
Enfim, o que fazer
Numa Noite de Sábado?

Certamente a resposta está
muito próxima
Afinal, já são 23 horas e 59 minutos!
O domingo vem chegando.
Assim, já não será mais...
Uma simples Noite de Sábado!

Sublime amor

Sou fruto da perseverança
e do equilíbrio
Vivo entre dois corações:
Um mostra-se rijo
Mas é tenro e puro.
O outro é valente e perspicaz.

Sou fruto de amores eternos
Da sabedoria divina
Da honestidade rara
Da compaixão e da caridade.

Sou fruto de uma união perfeita
Que abençoada por Deus
Trouxe para minha vida
Lições insólitas de amor.

Sou fruto de duas vidas
Sou fruto de duas almas.
Almas amadas e inesquecíveis.
Sou, com muita satisfação,
filho dos meus pais.



O grande Túlio Fontoura

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

jornalista Túlio Fontoura foi um destacado político e intelectual, uma das grandes expressões da cultura, dono de um coração boníssimo, batalhador incansável. Nasceu em Santana do Livramento, RS, em 22 de fevereiro de 1905, filho de Waldenck Moreira da Fontoura e de Dona Laura de Moura Fontoura, sendo ligado por esses laços a duas famílias tradicionais, cujos troncos se acham referidos entre os primeiros povoadores da campanha rio-grandense. Descendia, pelo lado paterno, de João Carneiro da Fontoura, oficial de milícias, falecido em São José do Norte, em 1810; e, pelo lado materno, de Serafim de Moura Reis, figura representativa dos Mouras do Paraná, que se estabeleceram no princípio do século nos campos e ervais de Cruz Alta e Palmeira das Missões.

Ao terminar o curso ginásial da época, ingressou na Faculdade de Engenharia, porém, no sexto mês, teve de abandonar os estudos para ajudar a família, financeiramente. Mas o destino já havia preparado o encontro com o jornalismo, sua verdadeira vocação.

Com 17 anos de idade, foi apresentado ao consagrado cronista e político Mário Cinco Paus, que o conduziu ao diretor do jornal *A Manhã*. Imediatamente, iniciou seu trabalho como repórter policial, em 1922. O jornal teve vida efêmera. Havia sido fundado para acompanhar uma campanha política. Encerrado o pleito, fechou o jornal, e imediatamente passou para a *A Federação*, como porta-voz do Partido Republicanos (Castilhistas), então dirigido pelo grande jornalista Lindolfo Collor. Com a saída de Collor da direção, também deixou o órgão e ingressou no *Correio do Povo*, como repórter, onde trabalhou um ano e dois meses, resolvendo tentar a vida em Passo Fundo.

Em 1926, mudou a residência para cá, assumindo a direção do semanário *A Gazeta*, de propriedade do Major João Carlos de Araújo e Silva, advogado e um pouco jornalista, onde exerceu a profissão até 1930.

No começo de 1931, fundou o se-

manário *A Luta*, jornal que teve vida efêmera, fechando em 1932, por ordem do interventor federal, Flores da Cunha, por haver tomado posição em favor dos paulistas, em luta contra a ditadura de Getúlio Vargas. Tornou-se revolucionário, participando do movimento armado irrompido na cidade de Soledade, em prol do Movimento Constitucionalista de São Paulo, e tomou parte do combate do Fão, onde gastaram toda a munição disponível, quando terminou a luta. Em consequência dessa participação, Flores da Cunha ordenou sua prisão, determinando sua remoção para Porto Alegre, juntamente com mais um companheiro, o dr. Victor Graeff, e de lá para o Rio de Janeiro, a fim de serem expatriados para Portugal. Privados da liberdade por cinco meses de prisão no Méier obtiveram liberdade condicional graças ao pedido do presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Em meados de 1933, por interferência ainda da ABI, foi liberado e autorizado a regressar ao Rio Grande do Sul e a Passo Fundo.

De volta ao jornal *A Luta*, restavam apenas a máquina Marinoni, um prelo velho e algumas caixas de tipo. Teve então de começar tudo outra vez, partido do zero, como correspondente de *A Razão*.

Em 1935, com muita coragem, com muita garra, a 28 de novembro, fundou o *Diário da Manhã*, que é hoje o órgão chefe de uma rede de jornais do sul do país.

Como político militou no Partido Republicano, no PSD, do qual foi suplente de deputado e membro do diretório estadual, e, por último, na ARENA, até que esse partido fosse extinto.

Túlio Fontoura casou com Dona Lucy Lima, havendo desse matrimônio uma única filha, a professora Clélia, casada com o dr. Dyógenes Auldo Martins Pinto, advogado, professor e jornalista, pais do engenheiro Pércles, do Vinícius e da jornalista Janesca.

Túlio Fontoura foi um iluminado e nasceu para ser jornalista. Em mais de meio século, apenas interrompeu por duas vezes essa profissão: uma, quando dirigiu a imprensa oficial do estado, e outra, quando esteve impedido por questões políticas, já citadas. Experimentou



o sabor de grandes vitórias e também a amargura de algumas derrotas. Homem de coragem, de luta e de muita persistência. Nos seus longos anos foi repórter, redator, revisor e dirigente de um jornal que conquistou, palmo a palmo, conceito e prestígio.

Como repórter, aprendeu a conduzir um jornal, do que muito se orgulhava. Sem recursos, fundou e manteve um jornal diário em uma cidade do porte de Passo Fundo. Dizia Túlio Fontoura, em uma palestra aos alunos e professores do Colégio Cecy Leite Costa, de nossa cidade: “Não basta cultura nem inteligência para um dirigente de jornal sagrar-se vitoriosos, na empreitada por vezes muito difícil. É preciso que, além desses dotes intelectuais, o dirigente tenha capacidade para sentir e compreender os anseios de uma coletividade e interpretar-lhe, com fidelidade, os sentimentos, pois, somente assim, o artífice vai construindo, tijolo por tijolo, o edifício que representa a solidez econômica do jornal, através da permanente preferência dos seus leitores, assinantes e anunciantes.

Como toda profissão, principalmente a jornalismo, não improvisa. É preciso, é necessário, é indispensável que exista uma grande vocação para as lides da imprensa, a par de um espírito de tolerância e de equilíbrio, para que não ocorra abuso no manejo da palavra escrita, que representa arma muito poderosa, capaz de construir muito em benefício de uma sociedade, mas poderá fazer-lhe muito mal, se desejar mantê-la em estado de

permanente agitação.”

Túlio Fontoura foi testado quando apresentou à população passo-fundense seu matutino, com um lance de audácia, para aquilatar a sua confiança e sua capacidade de planejar e realizar. E lá estavam, ao nascer do sol, os meninos jornaleiros entregando o Diário da Manhã com suas vozes, nas ruas, como um canto matinal para todos ouvirem- “Olha o Diário!”... E a voz que ecoava pelos quatro cantos da cidade.

Este homem deu exemplo de força de vontade. O seu expediente começava às 8 horas e terminava de madrugada. Ele dormia apenas quatro horas, e assim foi por um ano, até que o jornal conseguiu uma base econômica, permitindo já uma funcionária na gerência, a jovem Maria Bier, de 15 anos (que mais tarde se tornou esposa do sr. Melgarejo), e um revisor. Iniciou seus trabalhos em um prédio, na esquina da Avenida Brasil com Avenida General Netto, local onde funcionou mais tarde, durante muitos anos, a casa Yanke, de propriedade do sr. Raul Lângaro. Nesta ocasião, Túlio Fontoura não acumulava mais todas as funções, e admitiu quatro tipógrafos: Nery Witt, José Gomide, João Meira, Euclides Moreira e Luceval Vargas,

que era chefe das oficinas. Com a morte de Luceval, assumiu a função Euclides Moreira, admitindo mais os tipógrafos Antão Gosch Moreira E Emílio Quadros. A máquina Marinoni (já antiga) era acionada por um rapaz de apelido “Pés de Cabra”, que também fazia a distribuição do jornal (1935).

Em 1939, Túlio Fontoura adquiriu um imóvel na rua Coronel Chicuta, esquina com a rua Independência - era um terreno com uma casa de madeira- por quinze contos e duzentos. Na esquina iniciou a construção, “que foi feita aos poucos, como quem constrói igreja” - dizia Túlio. Enquanto construía, morava na casa de madeira totalmente reformada. A construção da esquina foi fiscalizada pelo construtor, sr. João De César, que também vendia o material a preço de custo.

E o Diário da Manhã crescia... Túlio Fontoura fundou esta obra para crescer. A semente foi abençoada e a divulgação expandiu-se, atingindo municípios vizinhos e o oeste catarinense até a fronteira com o Paraná. Em curto espaço de tempo, passou a ser um dos mais, senão o mais lido de todos os jornais do interior do estado do Rio Grande do Sul.

Mais tarde, o grande batalhador, já

contava com a pronta e operosa colaboração de seu genro, dr. Dyógenes Auildo Martins Pinto e de seu neto, dr. Péricles Martins Pinto, os quais, com muito empenho, o sucederam na direção da empresa.

Túlio também foi presidente da Academia Passo-Fundense de Letras; integrou a Associação Rio-Grandense de Imprensa e o Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas do Rio Grande do Sul; foi membro fundador da Academia Passo-Fundense de Letras (Grêmio); também membro fundador e vive-presidente do Aeroclube de Passo Fundo; e vice-presidente do Lions Clube Passo Fundo Centro. Prestou relevantes serviços públicos como primeiro diretor do Ensino Municipal de Passo Fundo, diretor da Rádio Universitária, e diretor da Imprensa Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, No governo do dr. Ildo Meneghetti. Em todas as funções que exerceu sempre o fez com competência, trabalho, seriedade, honestidade e inteligência.

Em 17 de setembro de 1979, faleceu em Porto Alegre, onde fora em busca de solução para a moléstia implacável que o surpreendeu no pleno vigor de



sua vida. Em seus últimos dias, no Hospital Ernesto Dornelles, na capital do estado, em nenhum momento demonstrou qualquer gesto de desânimo ou de temor diante da morte implacável, pelo contrário, foi até o último instante o mesmo batalhador corajoso, dos dias de dificuldades e dos dias de vitórias em sua passagem terrena.

Esse homem de temperamento vulcânico, incansável no trabalho e na luta, na lealdade, na afeição desinteressada, na solidariedade sem limites, na coragem e na bondade, que viveu sempre ajudando ao seu semelhante e fazendo de sua profissão um sacerdócio.

As gerações que o sucederem sentirão orgulho deste homem que, em sua trajetória de vida, deixou pegadas visíveis que constituíram a sua história.

Túlio Fontoura recebeu muitas homenagens póstumas. Entre elas: “Túlio Fontoura é um símbolo dos combatentes gaúchos”. O jornalista Túlio Fontoura, cuja memória mereceu do comandante Saldanha da Gama esse título, teve seu nome perpetuado na capital do estado de

São Paulo, em um logradouro público, no Parque Ibirapuera, junto ao mausoléu dos veteranos de 1932, pela feliz iniciativa do Cel. Raymundo Menezes. Justa homenagem que o governo de São Paulo ofereceu ao Tenente Coronel Túlio Fontoura que, em 1932, lutou lado a lado com os paulistas, quando defendeu o direito de ser livre e de se manifestar contra o arbítrio.

Em seus 56 anos de plena atividade jornalística, recebeu inúmeros troféus e condecorações. Homenagens que foram prestadas:

A cidade de Chapecó deu seu nome a uma praça pública, na gestão administrativa Sandre-Bertaso, com o apoio do legislativo municipal, inaugurada em 30 de janeiro de 1980. A praça Túlio Fontoura, que foi dotada de uma área polivalente de esporte e de lazer para crianças, está situada na rua Rio de Janeiro, esquina Índio Condá, no bairro Presidente Médici.

Em Passo Fundo, a professora Idesc Sirota Viuniski, diretora da Escola Estadual Protásio Alves, num gesto demo-

crático de escolha por professores e alunos, tributou significativa homenagem a Túlio Fontoura, elegendo seu nome para patrono do Centro Cívico daquele tradicional e conceituado educandário (17/08/1980).

Foi inaugurado o prédio da Escola Municipal da Encruzilhada dos Müller, no distrito de Pulador, com o nome de “Jornalista Túlio Fontoura”, e a aprovação da administração Wolmar Salton-Firmino Duro (04/03/1980).

O busto, perpetuando em bronze o reconhecimento ao saudoso jornalista Túlio Fontoura, foi fixado na praça Marechal Floriano. Na ocasião falaram o historiador e escritor Arthur Ferreira Filho, o prefeito dr. Firmino Duro e o dr. Dyógenes Martins Pinto.

Em Santana do Livramento homenageou-se Túlio Fontoura, dando seu nome a uma das avenidas, na cidade que lhe serviu de berço.

Em Pelotas, o novo município de Capão do Leão deu o nome do jornalista Túlio Fontoura a uma de suas avenidas, prestando assim a sua homenagem a este



eminente homem, líder inesquecível.

As homenagens foram tantas e lhe foram prestadas até mesmo além fronteiras.

“Serviu, como poucos, a seus três grandes amores: ao Brasil, ninguém mais patriota do que ele; ao jornalismo, ninguém mais repórter do que lê; e à família, ninguém mais dedicado e orgulhoso do que ele.

A História, a Sociologia, a Economia, a Literatura, a Filosofia, eram terrenos em que mergulhara, formando não uma vasta erudição livresca, mas uma autêntica cultura revelada em seus editoriais, suas palestras e discursos, mais ainda na conversa com os amigos.” (Cel. Alberto Walter de Almeida, Porto Alegre, 20/03/1981).

Dedicou sua vida em defesa das boas causas. Embora não tenha nascido em nossa cidade, dedicou parte de sua existência, com grande dedicação, a Passo Fundo. Muito devem Passo Fundo, o Rio Grande do Sul e o Brasil a este grande batalhador que deixou uma linha de conduta inatacável. Seu lugar está definido entre os rio-grandenses notáveis do seu tempo.

Refúgio (seu sítio) é um lugar para descansar, meditar e conviver com os amigos. Local aconchegante onde Túlio Fontoura se refugiava para escrever. Colocava sua máquina de datilografia no seu automóvel e lá se ia diariamente, com seu estilo e sua cultura, pronto para passar para o papel o que mais tarde seus leitores absorveriam: a mensagem do talentoso jornalista.

A Empresa Jornalística Diário da Manhã teve os seguintes líderes: Diretor-presidente Dyógenes Auildo Martins Pinto, Diretor vive-presidente Péricles Martins Pinto, Diretora executiva Janesca Maria Martins Pinto. Hoje (2004) a diretora presidenta é a jornalista Janesca Maria Martins Pinto. Estes foram e são os continuadores da obra que nasceu para ser grande. Sua edição diária se espalha pelos estados do sul do país, com um número apreciável de leitores e anunciantes. Seus herdeiros souberam, com muito amor e trabalho, levar adiante o que foi construído com tanto sacrifício pelo fundador, que deve certamente, na outra dimensão, estar aplaudindo este esforço altipotente, desta equipe laboriosa e forte.

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora aposentada e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Ocupa na APL a cadeira nº 33, cujo patrono é o jornalista Túlio Fontoura.)

Poesia

Hojas Secas

SANTE UBERTO BARBIERI, in memoriam

¡Qué dolor me daban esta mañana,
las hojas secas de los árboles que se desnudan,
hojas secas sobre la vereda,
¡hojas despreciadas, muertas, que el viento iba arrastrando...!
¡Qué pena me daba el pisarlas,
me parecía sentir el gemido postrero de una vida bajo mis plantas,
el suspiro de un alma que no quería morir...!

Qué dolor me daban esta mañana,
las ramas desnudas de los árboles,
moviéndose al soplo del viento andino.
Recordé cómo eran en la primavera
y en el verano,
cargadas de verde y de gracia.
¿Sentirían frío?
¿Tendrían ganas de llorar?
¡Qué deseo tuve de vestir las con mi manto,
qué loco deseo tuve de consolarlas!

¡Oh! ¡No permitas nunca, mi Dios,
que en mi alma el árbol de la vida pierda sus hojas!
No, no lo permitas,
nunca, nunca.
Deja que las veredas de mis ensueños queden
limpias, limpias de hojas secas.
¡Oh! ¡No, Dios mío, no lo permitas nunca!

¡Oh! No permitas nunca que se acabe ese pomar
que he plantado dentro de mí,
en mi juventud,
pomar de mis ilusiones.
Deja que las frutas sean siempre dulces,
y que en su seno las abejas del amor
hallen el néctar que pueda endulzar
los labios de aquellos que dentro de su alma
no tienen un pomar, como mi pomar,
el pomar de mi juventud,
rincón apartado de mi pensamiento,
donde en la soledad del yo,
estoy forjando el poema de mi ser,
que dentré que cantar siempre,
en la sucesión de las horas y de los siglos...

¡Oh! No permitas nunca, mi Dios,
que el tiempo,
en su caminata fatal,
venga a pisotear las hojas de los árboles de mi pomar!

Buenos Aires, 14 de julio de 1941.

(O Autor foi um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 7 de abril de 1938, e o poema acima transcrito consta do livro **Peregrinaciones de mi espíritu**, Imprenta Metodista, Buenos Aires, 1942).



Gisele (E) no papel de Maria Elizabeth

ão é comum alguém decidir que vai ser escritor(a), antes de ter optado por qualquer outra profissão. Muito menos, lutar, com convicção, para que isso ocorra, mesmo sabendo das dificuldades inerentes ao ofício. Um caminho trilhado por muitos, mas completado por poucos. A maioria, premida pelo pragmatismo da necessidade de sobrevivência, desiste antes do fim da jornada. O editorial desse número de Água da Fonte (página 1) trata especificamente desse assunto. Mas, não parece ser o caso de Gisele. Uma jovem com inegável vocação para as artes, e mais particularmente para as letras, que procurou os editores da revista da APL para elogiar a iniciativa de criação do periódico lítero-cultural da Academia e conversar sobre o mundo das letras passo-fundenses.

Mas, quem é Gisele? Ninguém melhor, para responder, que a própria:

Meu nome é Gisele Cristina Voss,

Meu nome é Gisele

tenho 18 anos, nasci em Londrina/PR e moro em Passo Fundo há 11. Completei meu segundo grau na Escola Redentorista Instituto Menino Deus, prestei vestibular para psicologia na UPF e no Peies da UFSM. Passei na UPF e na primeira fase do Peies, mas não vou cursar ainda.

Desde 1998 participei de cursos de teatro promovidos pela UPF, como o que fiz no ano de 1998, com o diretor Márcio Vinicius Bernardes. Em 2000 entrei na Cia. de Espetáculos da UPF, onde atuei em dois espetáculos e diversas performances. No final de 2002, saí da Companhia para me dedicar aos estudos e realizar meu trabalho voluntário no Hospital da Cidade, com o Grupo da Alegria. Foi quando surgiu a Doutora Aspirina. Em junho de 2003, a Purpurina começou a trabalhar comigo em animação de festas e, em agosto, o Somrisal aderiu à "trupe", sendo responsável pela sonorização. Agora, além de festas de aniversário, já somos contratados em eventos de empresas da cidade e

região. Adoro fazer a Aspirina. É uma experiência gratificante trabalhar com crianças e com o imaginário delas. Além desse trabalho, tive a oportunidade de protagonizar, em janeiro deste ano, uma das histórias extraordinárias da RBS TV que serão exibidas em março de 2004 (Gisele faz o papel de Maria Elizabeth – A Santinha).

Também gosto muito de escrever. Não me baseio em um estilo específico. Prefiro escrever textos curtos, crônicas ou contos, até alguma poesia. Utilizo metáforas e procuro comparações inesperadas para tratar de assuntos da atualidade. Desde cedo, apaixonei-me pela leitura. Devorava todos os livros infantis da biblioteca do IMD. Também tive incentivo da escola, que me proporcionou participar de programas de debate nas rádios Planalto e Diário da Manhã e na UPF TV. Um dos autores que sempre apreciei foi o Luis Fernando Verissimo. Depois veio a Martha Medeiros. Com estilos diferentes, os dois autores sabem nos "cutucar" com as palavras. Leio livros variados, sem ter



Ziraldo e Gisele



(FOTOS: DIVULGAÇÃO)

Mário Pirata (E) e Gisele (C)

muitas preferências; também mantenho a leitura de jornais e revistas, além de participar de momentos de cultura, como teatro, cinema, Festival de Folclore e a grande Jornada de Literatura. Na Jornada, tive o privilégio de fazer bons amigos, como o Poeta Brincadeiro Mario Pirata, que me incentiva com seu exemplo, tanto na escrita como na forma, que encanta as crianças, e o poeta Pedro Marodin, que transforma as palavras em flores.

Pretendo continuar trabalhando como Aspirina, e também gostaria de escrever mais, para, no futuro, conseguir publicar algumas crônicas em periódicos, ou então publicar um livro.

Atualmente, acho que quero ser psicóloga, mas terei um ano para decidir. Meu destino ainda está sendo traçado.

Gisele, apesar da pouca idade, mostra ter uma sensibilidade extremada. A preocupação com o mundo real e os problemas sociais é notória, nos seus escritos e nas suas atividades filantrópicas, no papel da Dra. Aspirina. Uma pequena mostra do seu texto forte e criativo pode ser vista em “Ilusionismo” e “Raízes da violência”. Guardem este nome: Gisele Voss. (GILBERTO R. CUNHA)

Ilusionismo

GISELE VOSS

ilusão faz parte da vida. Às vezes parece que a realidade só acontece, se existirem ilusões.

A fantasia do palhaço, a ilusão da alegria eterna, o divertimento na pessoa atrás de um nariz vermelho. As crianças acreditam e os adultos admiram, mas o sentimento em todos é o mesmo: a esperança de que tudo não passa de uma brincadeira. A diferença é que os adultos têm medo de acreditar nisso, e sempre lembram que, se tirar a maquiagem, a pessoa volta e as tristezas reaparecem.

Por isso vivemos com papais-

-noéis, coelhos da páscoa, encenações e filmes a nossa volta. Pois essa imaginação faz o que é concreto e monótono parecer mais colorido.

É isso que nos move a ler um livro e nos deliciarmos com a criatividade dos autores. As pessoas ficam na frente da televisão para viverem a ilusão. Isso lhes dá prazer como o palhaço às crianças.

A chance que temos ao dormir, de sonhar e nos iludir com imagens e sons, faz a gente questionar se o que vemos aqui é real, ou se somos fruto da imaginação ou do sonho de alguém.

Por isso que esta frase me parece tão certa: “A vida não passa de um sonho, mas não me acordem!”... Bons sonhos, bom sono...

Raízes da violência

GISELE VOSS

realidade que os brasileiros vivem hoje é comandada pela violência, a qual dita normas de medo e insegurança, que os cidadãos são forçados a aceitar.

Para conviver numa sociedade, que prima pelo ter em detrimento do saber, e num mundo no qual as drogas, crimes e desrespeito tomam conta, é preciso mais do que investimentos financeiros do governo para combater a violência. Faz-se necessário o investimento pessoal de cada um, procurando na educação, na cultura e no convívio social formar bases que respeitem os direitos humanos.

O que acontece nas cidades brasileiras é herança de décadas de descaso com a formação do caráter. A relação familiar foi sendo desvalorizada com o passar do tempo, logo, todos os ensinamentos dos pais foram perdendo sua força. Por conseguinte, cada vez mais pessoas chegam ao momento de sair e se relacionar com os outros, sem nenhuma estrutura saudável. Nesse contexto até a religião, já desacreditada por muitos, faz com que essas

vidas fossem construídas sem fé e caridade. O conjunto dessas falhas na criação só trouxe conseqüências negativas, dentre elas, a maior é a violência. É preciso retomar as bases desde a infância.

Numa visão positivista-funcionalista, essa situação faz parte do meio e não há como mudá-la. Está aí porque, ao invés de agir para impedir o crescimento da violência, abre espaço, deixando-a criar raízes e se fortificar. Em contraponto, ainda há quem queira podar esse desenvolvimento perigoso, através de campanhas de desarmamento ou trabalhos voluntários, em locais carentes de educação, saúde, cultura e esportes. Pessoas que fazem sua parte, para destruir esse pomar que produz tantos frutos podres. Pomar esse que, infelizmente, é regado todos os dias com tristeza e sangue.

Enquanto a sociedade não parar de obedecer às leis da brutalidade e do desrespeito, as árvores da violência fortalecerão seus galhos, ocupando todos os espaços. Somente agindo contra essa realidade será possível viver sem medo.

Os imigrantes de Sarandi

SANTO CLAUDINO VERZELETI

história das migrações é um romance de vida, de lutas e sacrifícios humanos, porém revestido de alegria e amor.

Um dos mais expressivos valores comunitários entre os migrantes era o de se ajudarem gratuitamente, quando necessário, especialmente na construção de suas moradias.

Inácio Giordani foi o primeiro grande incentivador da colonização de Sarandi, junto com o Pe. Eugênio Medicheschi. A Companhia Colonizadora Gomes, Silva e Cia assumiu a responsabilidade de colonizar aquela região com o respaldo do intendente de Passo Fundo, Dr. Nicolau de Araújo Verguerio, homem de confiança do Presidente do estado, Antônio Borges de Medeiros, líder dos chimangos. Enquanto isso, um dos primeiros moradores da Linha Lajeado Seco, Antônio Delarmelin, em 21 de janeiro de 1928, através de recibo da “Colônia Sarandi”, adquiriu, em nome de Guerino Verzeleti, uma colônia de terras para seu filho Herculino. Em 15

de abril de 1939, Guerino Verzeleti, solicitou a Delegacia de Polícia de Santa Tereza, autorização de salvo-conduto, com destino a Júlio Mailhos (Sarandi), para visitar um de seus filhos e as terras adquiridas.

Quando o fluxo dos povoadores das novas terras de Sarandi começou a tomar vulto, os Maragatos de Palmeira, que faziam oposição ao governo de Antônio Augusto Borges de Medeiros, iniciaram uma “guerra sem quartel” contra a Companhia Colonizadora e os agrimensores. Houve muitos choques entre maragatos e chimangos.

Aqueles eram partidários de Assis Brasil, e estes, de Borges de Medeiros. Os maragatos agiam como “posseiros”. Perseguiam os colonos, invadiam as terras, matavam, saqueavam e espalhavam o terror. Os chimangos, por sua vez, não se intimidavam e revidavam os ataques dos adversários. Eles tinham o respaldo do intendente de Passo Fundo, Nicolau de Araújo Vegueiro, e da Brigada Militar. Já o intendente tinha a proteção do Presidente do estado, Antônio Augusto de Medeiros.

O setor que nos interessa é a Coluna Norte, comandada pelo General Leonel Rocha. Ela abrangia Palmeira, Cruz Alta, Passo Fundo e Erechim. Entre Palmeira e Passo Fundo situava-se Sarandi que foi palco das lutas dos maragatos de Palmeira e, outras vezes, da Brigada de Passo Fundo. A companhia Colonizadora tinha a proteção do prefeito de Passo Fundo, o Dr. Vergueiro, e do Presidente do estado que dispunha da Brigada Militar. Assim Sarandi ficava entre dois fogos, o de Palmeira e o de Passo Fundo. A briga era entre maragatos e chimangos, e os italianos no meio dessa refrega política de caciques, uma vez que os maragatos de Palmeira defendiam os posseiros e intrusos que ocupavam e invadiam parte das terras da Fazenda Sarandi, que eram as colônias que estavam sendo vendidas pela empresa colonizadora. Os maragatos chegaram a oferecer duas colônias para quem matasse um agrimensor. E a melhor maneira de ficar neutro, para os italianos era não se meter em briga de posseiro. “Beati i ultimi se i primi gavesse un bon schopeton” (os últimos se os primeiros não tivessem uma boa espingarda).

Com a Revolução de Trinta, muitos boatos surgiram entre as fazanhas e estripulias lá pelas bandas da Palmeira. Todos temiam quando se mencionava ou dizia que alguém da Palmeira estava de passagem pela região. Na certa haveria encrenca da grossa. Todos conheciam a fama de Valzomiro Dutra, em Barreirinho, Lajeado Seco, Cachoeira Branca, Rondinha, Beira Campo, no caminho entre Sarandi e Passo Fundo.

Quando Getúlio Vargas tomou posse no Rio de Janeiro, como chefe de governo provisório, na vitória da revolução de 1930, no episódio paulista, todos pensavam que o grande vencedor era Valzomiro Dutra, da Palmeira, isso porque alguém, para confirmar, mostrou uma foto de um grupo de soldados, que atava os cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco. A idéia se espalhou por toda a região, dando ênfase à fama do homem. Foi daí que tiveram origem a fama e o respeito do pessoal da Palmeira, muitos dos quais fizeram uso de tais bravatas para se promover como valentões e impor respeito aos pobres migrantes daquela região.

Foi assim que filhos das terras velhas povoaram o Planalto Médio.

As dificuldades não eram diferentes daquelas dos primeiros imigrantes, só com a vantagem de terem melhores recursos e estarem mais próximos das pequenas cidades que possuíam todas as condições de auto-sustento.

Os transportes eram precários, mas com estradas em condições razoáveis de atingir os centros comerciais, propiciando o deslocamento dos produtos agrícolas.

As famílias, com numerosos filhos, proviam condições para o desmatamento, o amanso da terra e o plantio dos cereais.

As casas, construídas, aproveitavam a araucária abundante na região, erguendo cada colono sua casa com a ajuda da vizinhança. O trabalho compreendia desde o alicerce de pedra, que propiciava um bom porão para os dias quentes e frios, até a cobertura feita com tabuinhas lascadas. A natureza lhes proporcionava todas as condições de sobrevivência, tanto frutos silvestres como peixes, em abundância em nossos rios. A caça na região era variada: pacas, tatus, veados





O Vinho

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Seguem algumas considerações que recebemos do Centro Cultural Anita Garibaldi, sobre o vinho “della Campânia”, na Itália. Sua produção, qualificação, seu reconhecimento como um bom vinho. Trata-se de informações valiosas para os degustadores desse precioso líquido.

Fu Noè il uomo ubriaco

Ma prima de tuto il vino è una bevanda le cui origini si perdeno nella notte dei tempi. Sin dall’antichità gli uomini conosceva no i grappoli dell’uva, e ben presto si accorsero Che questo frutto spremuto dava un succo molto gustoso, Che dopo una misteriosa fermentazione

si transformava in bevanda inebriante, Ebbe allora inizio um fenomeno evolutivo che a coinvolto l’uomo, la pianta e la bevanda fino ai giorni nostri. Infattim il vino era in origine molto diverso da quello che conosciamo noi.

Una cosa che può farci inorridire, ad esempio, è che ve niva abitualmente miscelato con diversi ingredienti, como timo, menta, cannella di rosa, pere, mele, bacche o radici. Dificilmente il vino bevuto puro, anche perché ad altissima gradazione, ma veniva con acqua, spesso salata. Siccome la storia di questa bevanda è antechissima, , innumerevoli sono gli aneddoti e le curiosità ad essa legate. In questo pagine ne elenchiamo alcune:

Come diz el nono: de ua anca fà vin; mail primo uomo “ubriaco” fu Noè.

Dopo il Diluvio Universale, Noè, coltivatore della terra, fece la vigna, ottenne il vino, lo bevve e si inebriò. Ce lo tramanda la Genesi, che attribuisce al vecchio patriarca l’ivenzione del vino.

Tre copper di vino

Dionisio (Dio Greco del vino), in una commedia di Eubulo, racomanda; “Tre coppe di vino non di piu, stabilisco per i bebitori esse nati. La prima per la salute di chi beve; la seconda rivesglia l’amore ed il piacere; la terza invita al sonno. Bevutta questa, chi vuol essere saggio, quinta urla; se significa schamzzi; sette occhi pesti; otto arriva lo sbirro; nove la bile, dieci si è perso il senno, si cade a terra privi di sensi. Il vino troppo spesso in una piccola tazza tagria le gambe al bevitore”.

Così nasce il termine smmelier

Sembra che la parola sommelier abbia origine dall’abitudi ne dei soldati della sussistenza dell’esercito di Napoleone di legare (lier) le botti del generale su diun mulo da soma (somme). Infatti “somme”piu “lier” è uguale a sommelier. Quindi, chi si aspettava un’origine ipù nobile del termine romarrà deluso.

La bottiglia incontra lo zodiaco

Il vino? Lo scelgono se consono al lotosegno zodiacale. L’ultimodei capricci dei divi holywoodiani diventa trend. Non c’è party ad Hollywood in cui, prima di invitare l’ospite vip, non gli il vino più adeguato. Ad inaugurare l’insolita tendenza è stato Michey Rourke e dietro lui Michael Douglas e Catherine Zeta Jones. Ecco, dalla rivista – Metropolitan Post –, la lista degli abbinamenti – enozodiacali – ideati da Pino Dimastrodanato con la consuleza dell’astrologa Susy Grossi. Ariete: vini corposi e di qualità, soprattutto Rossi, come il Beaujolais, il Merlot o il Cabernet. Toro: perfetto un profumato Brachetto d’Asti. Gemelli: un Rosè leggero. Cancro: vini dolci tipo Lachrima Cristi. E: Barolo o, nel caso in cui la scelta ricata su una pietanza a base di pece, un bianco Imperium. Vergine: Brunello classe 97. Bcia: Spumante italiano, o addirittura dello Campagne milesimato. Scorpione: un vino forte, mascolino come il Primitivo Latias.Vino verde portoghese, Retsina greco, Zinfadel californiano. Capricorno: un goccio di vino sfuso o di Babera. Acquario: Chardonay o Sauvignon. Pesci: i grandi vini del



Oficina de Arte e Artesanato: fazendo arte e pintando o 7 nos muros do CREATI

É tempo da terceira idade

ORFELINA VIEIRA MELO

a última década do 2º milênio, o novo fenômeno se manifestou com muita intensidade no mundo, no Brasil e na região de Passo Fundo, no que diz respeito à terceira idade.

Se cada época tem o seu encanto e o seu dinamismo, isso vale também para a chamada terceira idade, que foi descoberta na sua plenitude, valorizada nas suas características e contemplada em seus direitos, ao mesmo tempo em que novas perspectivas prazerosas foram abertas e projetadas.

A própria denominação terceira idade perdeu o seu preconceito e passou a ser alvo de atenção e respeito, visto como um prêmio da vida e não como um castigo indesejado. Passou a ser objeto de estudo, de pesquisas científicas, de emprego da tecnologia existente a seu favor, bem como de atividades de recreação, de turismo e de lazer, em grupos ou individual. Novo colorido se emprestou a esta bela etapa da existência.

A partir dos anos 90, nossa univer-

sidade e nossa sociedade se abriram e acolheram a idéia de valorização da terceira idade com simpatia e esforço, para oportunizar novas e significativas experiências para aqueles que tinham o privilégio de envelhecer. Empreendimento que foi e é um sucesso.

O Movimento de Terceira Idade em Passo Fundo

A terceira idade sempre existiu e esteve presente nas famílias, nas instituições assistenciais e na sociedade em geral, porém como um segmento inexpressivo, propositalmente esquecido ou até desprezado. Até a década de noventa, em alguns lugares e/ou universidades, entidades como o SESC, já dedicavam uma atenção especial ao idoso, mas em Passo Fundo ainda não havia um movimento organizado, porém algumas aspirações esparsas e pouco expressivas já começavam a surgir.

O Movimento de Terceira Idade foi uma iniciativa do Grupo Pró-Memória, proposta para a Universidade de Passo Fundo e acolhida com entusiasmo. A primeira preocupação foi divulgar a

idéia, quebrar preconceitos e construir um espaço de vida e de integração para os mais velhos, bem como envolver outras entidades.

A ação articulada entre essas entidades, interessadas na qualidade de vida da população que envelhece, surtiu efeito positivo. Foi um movimento que veio para ficar, pela sua eficiência e significado para o bem estar de pessoas tão importantes no contexto familiar e social.

Os grupos de terceira idade foram surgindo em diversos níveis e dimensões.

Primeiro surgiu o CREATI – Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade — de onde emergiram várias oportunidades de conhecimento e de atividades ricas em conteúdo, alegria e realização.

O Movimento de Terceira Idade foi a mais bela iniciativa que surgiu na década passada.

Para tornar consistente e significativo o trabalho com a terceira idade, os pioneiros foram ao encontro de experiências já existentes e bem sucedidas em outras universidades, no SESC/SP e no

SESI. Outro evento que ajudou a plantar raízes do movimento, em Passo Fundo, foi o 1º Seminário Regional da Terceira Idade, em 1990, com o objetivo de criar oportunidades de estudos e atividades para a população que envelhece.

Daí surgiram sábias sugestões para a saúde, o trabalho, o lazer, a atividade física, a manutenção e desenvolvimento da memória.

No aspecto de preparação de recursos humanos também foram criados diversos cursos, treinamentos, grupos de estudos e outras iniciativas.

Entre as ofertas oportunizadas, podemos citar o curso “A Arte de Viver a Terceira Idade”; oficinas de hidroginástica, e literatura, ginástica, teatro, coral, turismo, e outras do interesse dessa nova e ávida clientela. Em cursos de Gerontologia, em nível de pós-graduação, monitores, atendentes e outros ajudaram a capacitar pessoas para dar atendimento adequado aos idosos.

O Movimento de Terceira Idade surgiu em Passo Fundo para colorir a vida das pessoas que envelhecem, trazendo mais otimismo, força, prazer e desejo de participação.

A alegria tempera a vida dos grupos de terceira idade

Os grupos que se formaram foram te-

cendo sua teia de relações e descobrindo formas benfazejas para seu corpo, sua mente e seu espírito.

A alegria é a característica principal dos grupos. A revelação de talentos artísticos e as manifestações de cidadania foram os frutos desse Movimento.

A alegria é tanta que muitas pessoas passaram a olhar diferente para a velhice, percebendo que há muita coisa a fazer, a sonhar e a realizar.

Familiares perceberam as mudanças radicais ocorridas em seus pais, avós ou amigos de mais idade. Um militar de alto escalão disse, surpreso, em certa ocasião: “Essa gente de terceira idade parece ter tomado o tônico da juventude, porque contagiam a todos pela sua alegria e vibração”.

Não foram necessários grandes investimentos, mas pequenos atos e gestos de valorização, e eles mesmos descobriram e assumiram sua cidadania e seu papel social com eficiência e prazer.

A vida dos idosos passou a ter outro sabor, fazendo com que as trocas de atenção e amizade desse a eles um novo e significativo colorido.

Hoje se constata uma outra realidade, com mais vida, saúde, integração e alegria, no rosto com rugas, mais experiente e assumido, com a candura própria dos avós.

Atividades prazerosas

Como a vida, na sua maior parte, foi de sacrifícios, lutas e, às vezes, desilusões, agora, nesta etapa, a pessoa precisa se dar o direito de escolher o que gosta e o que pode fazer e viver. Por este motivo é que o CREATI fez uma criteriosa seleção de atividades, que acrescentassem prazer e bem-estar aos seus frequentadores. Atividades variadas, tanto no âmbito do conhecimento, como da arte, da cultura, do esporte e do turismo, para que cada um fizesse sua opção livre e consciente, de forma alegre e prazerosa. Por tudo isso é que atraiu pessoas, não apenas em plena velhice, mas também os de meia idade, querendo prevenir e envelhecer com qualidade de vida e bem estar.

Ser acolhido, receber atenção e respeito na sua condição de pessoa mais experiente, foi considerado um privilégio por muitos idosos que se julgavam segregados e sem nenhum valor pessoal e familiar.

Participar de um grupo de sua idade, com as mesmas necessidades, as mesmas preocupações e as mesmas aspirações, foi a grande descoberta e a maior conquista das pessoas lúcidas e desejosas do bem-viver, até o final dos seus dias, pois o importante não é viver muito, mas viver bem o tempo que Deus lhe der.

As atividades de recreação se destacaram no gosto e na preferência dos idosos, pois era disso que as famílias mais os privavam, achando que seu tempo de diversão já havia se esgotado ou passado de vez. Porém, tudo adaptado às suas condições, muitas atividades benéficas, de zelo pela sua saúde e bem-estar tornaram-se necessárias, assim como alegrar-se e alegrar os outros, o que é um dever de todo ser humano, mais jovem ou mais velho. A partilha da alegria ajuda a todos na sua caminhada.

A dança embala o mundo

Dentre as atividades de recreação da terceira idade, dançar é o divertimento preferido. É tão verdade que há grupos que se reúnem semanalmente, somente para bailar, o que não é aconselhável, já que existem tantas outras boas opções para os encontros, mas também não se condena essa preferência de recreação.

A dança, para a terceira idade, é expressão de vida, de harmonia e de vibração, garante a independência real e a manutenção da força muscu-



(FOTOS: DIVULGAÇÃO)

Grupo de canto para alegrar os ambientes e desenvolver as potencialidades, buscando a harmonia e integração grupal

lar, cuja tendência é diminuir com o passar do tempo.

Dançar é um belo “hobby”, pois aproxima as pessoas, forma espírito de grupo, desenvolve habilidades de movimentos, apara arestas, torna mais polida a relação e harmoniza o corpo com o ritmo e a melodia.

A dança ajuda a sintonizar o corpo com a mente, pois para ser expressiva tem que haver harmonia entre gestos e musicalidade. Gestos que caracterizam a dança e o dançarino, geralmente são interpretativos e criativos, expressando o jeito próprio de bailar de cada um ou de cada par. Dançar e inserir-se num bailado coletivo, e usufruir dali o prazer de estar acima do trivial, é ascender a outra dimensão de prazer e de harmonização rítmica, pois envolve não apenas o movimento perfeito do corpo, mas é fruto da expressão emotiva e afetiva. Quem dança com a alma encanta-se e encanta quem o assiste.

A dança revela a identidade da pessoa, do par ou do grupo que a executa, pois mais do que a técnica é uma arte bastante completa. Ela supõe a participação total: do corpo, dos sentimentos e da manifestação estética, compondo assim beleza e expressão corporal.

A dança folclórica tem um lugar privilegiado nos grupos de terceira idade, pois identifica a arte e a cultura de um povo.

Essa modalidade traz presente a memória coletiva e as raízes culturais tão apreciadas pelos mais velhos. A indumentária intensifica o colorido e a graça das danças de um povo, com suas tradições e seus costumes bem peculia-

res, que retratam a sua alma.

A dança folclórica conta a história e a formação sociológica de uma região com todas as suas influências de clima, de topografia, de estímulos populares, como ritmos, músicas, movimentos e expressão plástica, resultando em revelação estética e harmoniosa.

Dançar é um ato essencialmente humano e promove a saúde, a integração social e o prazer de bem viver.

Felizes daqueles idosos que apreciam e participam da dança como um lenitivo para o entardecer de sua vida.

Concluindo: o Movimento de Terceira Idade em Passo Fundo e região foi uma grande conquista. Hoje, com ação organizada do DAATI – Divisão de Atenção à Terceira Idade – multiplicam-se os grupos também na zona rural e na periferia, perfazendo mais de mil idosos, entre os inseridos nas atividades do CREATI, ligado à Universidade de Passo Fundo, e do DAATI, ligado à prefeitura municipal, numa ação sistemática e construtiva.

Bibliografia

MELO, Orfelina Vieira. **Espiritualidade na Terceira e Melhor Idade**. Passo Fundo: Berthier, 1992.

MELO, Orfelina Vieira. **O Idoso Cidadão**. Passo Fundo: Berthier, 1994.

MELO, Orfelina Vieira. **Aposentadoria: Prêmio ou Castigo?** Passo Fundo: Berthier, 1995.

(Orfelina Vieira Melo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Especialista em Gerontologia Social, pela Universidade de Passo Fundo.)



Grupo de dança em homenagem ao Brasil – irradiando alegria e patriotismo

Poesia

UBIRATAN PORTO



Onírico

Ter o dom de fluir
A forma do Ser

Ser o poeta que tange
A alvorada do Homem

Compor na manhã
A janela onírica do dia

E saber a liberdade
O bem supremo da Vida.

Segundo poema de Pasárgada

Em Pasárgada
Comporei meus salmos
Visitarei as estrelas
E as ninfas nuas do castelo
Irão me visitar

Chico Lagarto
Reinará no verde
Nas sombras da serra além
Tecendo monstros ao luar

Algo do empíreo
Pousará na rede
Anunciando a lagoa
Em alegre andejo
A pastoral da Esperança

Resistente
A eclosão das colméias
Alçarei meus óculos
Acolhendo
O idílio das aranhas
Exilado
Na idade da razão.

Denominava-se “Passo Fundo” o primeiro clube de futebol fundado na cidade

ANTONIO A. MEIRELLES DUARTE

futebol em nosso meio vive momentos quase de um renascer promissor, com a volta dos jogos clássicos, agora não mais entre 14 de Julho e Gaúcho, mas entre Passo Fundo e Gaúcho.

Criado em 1986, com o objetivo de unificar as forças e fazer surgir um futebol forte e competitivo, o Esporte Clube Passo Fundo, com todas as cores dos clubes que aqui existiram, terminou vendo frustrado esse seu nobre objetivo, a partir do momento em que os conselheiros do Gaúcho, em votação secreta, repudiaram a fusão e optaram por continuar como sempre estiveram desde sua fundação. Só restou o Passo Fundo manter-se em seus princípios, com denominação, cores, emblema, estatuto e estádio definidos, o mesmo fenômeno ocorrido muitos anos antes em Caxias do Sul, onde, ao nascer a SER Caxias, o Juventude rompeu um acordo verbal de unificação, que terminou por absorver o Flamengo, então lá existente, como aqui foi absorvido o 14 de junho.

Mas a longa história do nosso futebol não nasceu em 1918, com a criação do Gaúcho. Já em 1913, um grupo de abnegados, a maioria vinda de outros centros, onde haviam freqüentado colégios famosos como em Santa Maria

e Porto Alegre, mas com suas famílias aqui radicadas, resolveu dar continuidade ao futebol que, nas fileiras escolares praticavam, e fundaram o primeiro clube com a denominação também de Passo Fundo, só que com a expressão inglesa de Foot-Ball Club de Passo Fundo.

Membros de família que viriam, em anos futuros, se constituir em influentes passo-fundenses, faziam parte deste primeiro time de futebol. O seu presidente, que está com um vistoso chapéu na cabeça, cigarro na mão, no centro da foto que divulgamos, era o senhor Egídio Silveira. Na extrema direita da foto, também com um chapéu quase idêntico, está o técnico, o tenente João Cúrio de Carvalho, avô do hoje chargista da Zero Hora, Marco Aurélio Cúrio de Carvalho. Do lado direito do presidente, vê-se o senhor Oscar Vasconcellos, que deixou uma numerosa família ente nós. O terceiro em pé, magro e alto, ao lado do presidente, era o senhor Theodoro Homrich, cuja família ainda hoje tem descendentes aqui. De joelhos, o primeiro ao lado do goleiro, de braços cruzados, era o senhor Ivo Ferreira, que foi uma das maiores fortunas da cidade, com centenas de imóveis, especialmente terrenos. Existiu até uma vila inteira de sua propriedade, hoje com o seu nome. O penúltimo, de joelhos ao lado do senhor Ivo, outro

Homrich, é o Senhor Helmuth, que foi representante comercial até princípio da década de 70.

Curiosamente, os uniformes cobriam o corpo inteiro, pois os enormes calções ficavam enfiados nas meias e as camisas eram de mangas compridas. Outra curiosidade, própria da época e que foi copiada dos clubes europeus: todos os jogadores usavam a sua boina, mais parecendo um boné, sobre a cabeça.

Os jogos, muito raros, eram no máximo de 8 a 10 por ano, com clubes de outras cidades, onde também o futebol começava a surgir. O pioneiro, na região, foi o Clube do Arranca, em Cuz Alta, formado por ferroviários.

Como a foto nos mostra, temos aí os dois times do F. C. Passo Fundo, os chamados 1º e 2º, que entre si treinavam até surgir um possível adversário. Inspirado nessa pioneira agremiação é que, cinco anos mais tarde, surgiria o Gaúcho. Oito anos depois da fundação do primeiro clube, viria o 14 de julho, já criado num clima de grande rivalidade com o Gaúcho, praticamente dividindo a cidade em duas partes.

Assim, 73 anos após, em 1986, voltaria o Passo Fundo, com novas cores e objetivos, mas com sua denominação ligada ao primeiro clube de futebol que tivemos.



A 1ª equipe de futebol, o Foot-Ball Club de Passo Fundo, em 1913

Simões Lopes Neto: o regionalista maior

RICARDO JOSÉ STOLFO

ão é fácil encontrar as expressões apropriadas, quando se quer manifestar, de público, o desejo de agradecer às pessoas que nos ajudaram a caminhar, a subir, sabendo que a escalada de uma existência sempre depende mais dos outros do que de nós mesmos. Este é, senhores, no entanto, o momento de agradecer, na simplicidade da minha fala, especialmente, ao presidente deste sodalício e aos ilustres confrades, pela oportunidade de participar da Academia Passo-Fundense de Letras, cenáculo de ação em prol das letras e da cultura pátrias.

Igualmente, sinto-me sumamente honrado em ocupar esta tribuna, nesta noite, para proferir palavras de homenagem a respeito de um tema muito caro à minha sensibilidade e ao meu gosto.

Faz-me recordar os tempos de escola, quando um grupo apaixonado pelas coisas da literatura, no afã de mais e mais descobrir e aprender, reunia-se em folgazã tertúlia motivada pelo coleguismo. Um dos componentes desse grupo, hoje disperso, cresceu, viajou, e jamais teria imaginado que hoje faria sua estréia na Academia Passo-Fundense de Letras.

Sei que é um sério compromisso, mas, certamente, o apoio e a amizade de todos tornarão, de minha parte, suave o compromisso.

Não posso, também, deixar de sublinhar que a escolha do meu patrono, o notável escritor rio-grandense, que foi João Simões Lopes Neto, me identifica ainda mais com o meu trabalho.

Realmente, bons momentos da minha vida se passaram no silêncio grande da campanha, e lá vi de perto a beleza da existência da nossa gente, ouvi contos e causos, aprendi vocábulos e expressões típicas, guardei fundo cenas coloridas, tão singularmente retratadas nas páginas deixadas pela figura magistral e incomparável de Simões Lopes Neto, o maior contista regional do Brasil.

E, para que tudo isso seja melhor com-

preendido, é mister remontar às origens de sua gente e de nosso povo; seguir, depois, pela mesma senda percorrida por ele, senda repleta de lances de coragem, bravura, lealdade, simplicidade, como a própria história gaúcha.

Em verdade, os ascendentes e descendentes de Simões Lopes Neto são elementos componentes de nossa história, enriquecida por suas heróicas virtudes e por suas magníficas obras, marcos de nossa cultura regional.

Nos primórdios do Século XIX, o jovem comendador João Simões Lopes deixou sua Lisboa, onde haviam nascido e morrido todos os seus antepassados, os Simões Lopes, e rumou para a província mais meridional do Brasil. Vinha atraído pela fama que, com justiça, estava gozando o Arraial, ainda sujeito à jurisdição da Vila de Rio Grande de São Pedro do Sul, de ser o mais próspero torrão do Brasil na indústria do charque, ali iniciada desde 1780, pelo cearense José Pinto Martins.

O jovem comendador chegou com foro de fidalgo, ostentando no peito o Tosão de Ouro da Ordem da Cavalaria – que só aos nobres era dado usar – e que lhe fora outorgado por Dom João VI, rei de Portugal.

Moço esbelto, educado e rico, foi logo apresentado a personalidades da terra às quais veio recomendado, não tardando a enamorar-se da não menos rica e bonita Isabel Dorotéia Carneiro de Fontoura, natural de Viamão, filha do ilustre capitão-mor José Carneiro de Fontoura, sobrinha de Mariana Eufrásia, a maior doadora de terras para estabelecimentos pios e escolas de toda a Província do Sul.

E o casamento realizou-se. O novo casal fixou residência numa parte da famosa Estância dos Laranjais, que a madrinha de Isabel Dorotéia emprestou aos noivos, para ali darem início a sua vida de comércio e indústria. Corria o ano da graça de 1815, o mesmo em que o Arraial subiu à categoria de Freguesia de São Francisco de Paula, pelo extraordinário desenvolvimento saladeiril que lhe imprimia o cearense fundador daquela indústria, no Rio Grande do Sul.

Quando o comendador João Simões Lopes visitou diversas charqueadas, já em plena atividade, e constatou que a terra que escolhera era realmente da promessa, ergueu também a sua indústria no local onde morava, servindo-se de competentes profissionais e mais de cem escravos arrematados de um navio, na barra de Rio Grande.

Tudo naquele pedaço de terra parecia cooperar para o perfeito desenvolvimento dos negócios: a confortável casa residencial, as senzalas amplas e arejadas, os galpões do matadouro, sólidos, dominando uma planície em que se estendiam centenas de varais para curar ao sol, à geada, ao sopro livre do pampeiro, milhares de mantas de charque.

Não longe dali, corria sinuoso o importante rio singrado pelas pelotas de couro dos pacíficos índios minuanos e charruas, e pelos flamantes iates do comendador.

Quando, em 1819, faleceu a legítima proprietária daquelas terras, deixou em testamento para sua afilhada, Isabel Dorotéia Carneiro de Fontoura, e seu esposo João Simões Lopes, as muitas léguas de campo que, até então, o casal desfrutara por empréstimo.

O jovem herdeiro, uma vez de posse daquela terra imensurável, desmembrou-a da Estância dos Laranjais e deu-lhe o nome de Graça.

O motivo pelo qual esse ilustre senhor assim denominou sua estância foi o fato de ter recebido seu batismo na Igreja de Nossa Senhora das Graças, em Lisboa.

Daí o nome que até seu filho receberia nos títulos de nobreza.

A Graça, daí por diante, foi tomando gigantesco impulso. Embora distante da zona urbana, seu chefe era dos que mais lutavam pela prosperidade da freguesia, erguendo nela magníficas casas residenciais, dando apoio moral e material à fundação de centros recreativos, culturais e assistenciais.

Procurando também se elevar à altura do progresso agrícola e pastoril, comprava em diversos pontos da província e também no Uruguai, movimentando seus avultados negócios com tanta pru-

dência e tino que, em poucos anos, sua já avultada fortuna triplicaria.

Não se pode passar por alto, nestes apontamentos biográficos de João Simões Lopes Neto, o maravilhoso recanto de evocações e saudades, que é a Graça.

Ali ele nasceu e passou a fase mais bela e feliz de sua existência. Ali sua alma infantil embebeu-se da paisagem daqueles campos “verdes, serenos, infinitos, clareados pela luz macia do sol morrente”, que sua arte inconfundível iria depois imortalizar.

Esse o motivo por que, antes de entrar em detalhes dessa vida extraordinária, devo dizer o que é a Graça, o que ela representa para a família, os dramas que ali se desenrolaram, seus dias de ímpar grandeza, as passagens pitorescas da vida de seu pai, Catão Bonifácio Simões Lopes, fatos que por certo exerceram influência na formação regionalista do futuro estilizador do Negrinho do Pastoreio.

A Graça é uma estância com casa muito grande, erguida provavelmente antes de 1800 e que se não distingue – como nenhuma outra obra colonial – pela beleza arquitetônica. É antes uma vivenda confortável e simples, tranqüila e sóbria.

A amplidão do belo cenário natural que a cerca tornou-se, com o correr dos anos, mais limitada, porém mais grandiosos seus bosques frondescents, com suas clareiras arenosas, cercadas pelo amontoamento emaranhado de majestosos umbus, pinheiros e figueiras, enrodilhados de cipós e cobertos pelas veneráveis barbas-de-pau, com que a natureza engalana os troncos vetustos como um sinal dos séculos.

Este recanto maravilhoso, que está vendo surgir a nova geração, pertence atualmente ao primo-irmão de João Simões Lopes Neto, Luis Simões Lopes que, como fiel guardador de um patrimônio histórico, vem procurando fazer dele um monumento – um templo sagrado – que perpetue o nome do escritor, restaurando o que os tufões que surgem a sua volta, há quase dois séculos, tentam em vão destruir.

Na Graça nasceram e se criaram os cinco filhos do comendador Lopes, entre eles João Simões Lopes Filho, que seria Cavaleiro de Cristo, barão da Graça, e, posteriormente, visconde da Graça, por decreto de Sua Majestade, D. Pedro II. É o avô paterno do nosso escritor. Aos 17 anos interrompeu os estudos para alistar-se nas fileiras de Bento Gonçalves.

Fundou, com um grupo de amigos,



como ele, generosos – o Asilo de Mendigos e a Biblioteca de Pelotas – em prédio de sua propriedade. Auxiliou os governos do estado e do município, nas constantes dificuldades por que passou sua cidade e seu próprio Rio Grande do Sul.

Na Graça, sua residência predileta, criaram-se seus oito filhos, inclusive Catão Bonifácio, pai de Eufrásia, Silvana, Maria Isabel e João Simões Lopes Neto.

Catão Bonifácio era de têmpera forte, aventureiro incorrigível, 1,92 de altura. Dele se contam fatos pitorescos.

Em 1857, estreava, no Teatro 7 de abril, a Companhia Dramática Rio-Grandense, com a peça de Alexandre Dumas, A Torre de Merle, cujo principal artista era Joaquim Ribeiro de Souza, discípulo de João Caetano. A casa estava literalmente lotada.

Catão Bonifácio mal acabava de entrar. Naquele momento o pano de boca subiu, desaparecendo nas bombolinas; e, no justo momento em que os artistas se movimentavam no palco, irrompeu nas galerias uma vaia que os deixou imobilizados.

Catão ficou revoltado, além de não haver motivo para tão grande desacato, a platéia já estava acompanhando a gritaria com batidas de bengala. E, quando ele compreendeu mesmo que os ânimos não se acalmavam, levantou e saiu porta afora, para entrar, no mesmo momento... a cavalo!

Igual fato aconteceu com ele, em dia de eleição, quando, não tendo com quem deixar o cavalo, entrou no

recinto da prefeitura municipal, ante os olhares estupefatos dos votantes e de seu próprio pai.

No dia 14 de outubro de 1861, Catão unia-se para sempre com Tereza Freitas Belchior, meiga, encantadora, que, em poucos, anos, daria àquele marido sonhador, as filhas para as quais faria os mais promissores projetos, e o filho, para quem se voltariam as suas mais vivas esperanças.

Catão foi o último a instalar na Graça, após a boda, o seu mundo e o seu lar. Neste mesmo local, no dia 9 de março de 1865, nasceu João Simões Lopes Neto. Ivete Simões Lopes Barcellos Massot escreveria, muito mais tarde, relatando:

“A natureza satisfaz o desejo do pai e do avô, dando-lhes um menino; e João, único filho e único neto de estancieiros abastados, nascia para ter uma infância toda tecida de encantos e com tudo talhado para uma vida desafogada e feliz”.

Simões Lopes Neto veio ao mundo no ano em que começou a Guerra do Paraguai, remate dos velhos conflitos platinos que tão severos tributos de sangue haviam custado ao Rio Grande do Sul. Invadida a província, a ela caberia suportar o peso do exército inimigo e, ainda, depois de a contra-ofensiva, fornecer os maiores contingentes de soldados para a invasão do Paraguai. As notícias da guerra chegavam na Graça como bombas:

“Foi assinada a Tríplice Aliança! Mi-tre assume o comando dos três exércitos! Rende-se Uruguaiana! Osório é elevado

a Marechal de Campo...”.

Foi sob uma atmosfera de luto e duras apreensões que Simões Lopes Neto passou os primeiros anos de sua infância.

Decorridos três anos da desintegração do lar, com a morte de sua extremosa mãe, Catão resolveu interná-lo no famoso Colégio Abílio, do Rio de Janeiro, na época o primeiro do país, educandário do grande mestre Abílio César Borges, Barão de Macahubas, renovador de métodos pedagógicos, onde se haviam educado Ruy Barbosa, Castro Alves, Raul Pompéia e os grandes vultos daquele tempo.

No referido colégio, João faria amizades duradouras. Coelho Neto, a quem João Simões Lopes Neto dedicaria uma de suas lendas, nunca o esqueceu e parece que tomou o rumo das letras influenciado pelo regionalista.

João, ao despedir-se desse amigo, pediu, abraçando-o:

“Se algum dia te dedicares à literatura, lembra-te de mim ou, pelo menos, da minha terra, onde serás recebido de braços abertos”.

Parece que isso aconteceu, porque no livro que Coelho Neto escreveu em colaboração com Olavo Bilac, o escritor termina o romance na cidade de Pelotas.

Após a cerimônia de recebimento de diploma com notas brilhantes, no Colégio Abílio, João ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Por motivo de grave enfermidade, interrompeu os estudos, depois de três anos e sete meses, retornando à velha querência. Voltava João com sólida bagagem de cultura, diretamente para a Graça, que o viu nascer. O seu amor pelo seu chão não se modificara. Apenas os hábitos estavam mudados.

Com o gosto desenvolvido pelo estudo constante, João passou a viver entre os livros. No seu escritório não havia uma parede sem estantes, e nas estantes não havia um lugar vago. Nos momentos livres, quando não lia, deleitava-se com as histórias que se sucediam à boca do fogão.

Em 1880, juntamente com seu pai, instalou-se definitivamente na melhor propriedade da família, à Rua Paissandu, nº 2, um dos mais pitorescos recantos da cidade de Pelotas.

Era uma casa palaciana, cercada de jardins, com escadarias de mármore, internas e externas, que davam acesso ao escritório e aos dormitórios.

Na frente, ladeando o senhorial portão, ficavam as duas cocheiras das

carruagens, do pai e do filho.

A casa era linda, ampla, e suas salas, revestidas de tapetes e poltronas confortáveis, ostentavam riqueza e conforto.

Naquela casa passou a reunir-se o famoso bloco dos Simões Lopes, que ali resolviam problemas, faziam confidências, discutiam política, literatura.

Naquela casa João fez sua estréia no jornalismo, colaborando com o jornal A Pátria.

Em 1890 e 1891, ele escreveu umas peças ligeiras de teatro: O Major Credor, Jojô e Jajá, Viúva Pitorra, A Mandinga, Mixórdia, Peona e Dona e Jango e Jorge.

Em 5 de maio de 1892, João Simões Lopes Neto casou-se com Paula Meirelles Leite. O casamento, no entanto, não modificou os hábitos da família.

Nesse ano, escreveu Sapatos de Bebê, O Bicho, e Nossos Filhos, pequenas peças teatrais.

Ainda nesse mesmo ano, deu início à revista O Boato, em colaboração com o jovem português, José Gomes Mendes.

Igualmente, a peça teatral O Boato, escrita com bom humor, toda intercalada de ditos de grande espírito, foi encenada em 1894, no Teatro 7 de Abril, com verdadeiro sucesso de gargalhadas.

Em 1895, João Simões escreveu outras peças: Por Causa das Bichas, Fifina e a burleta Mixórdia, encenada em 1896.

Em 1896, também em colaboração com Mendes, João Simões escreveu a sua mais importante peça teatral, Os Bacharéis, apresentada no Teatro 7 de Abril e repetida trinta vezes.

Com a colaboração da professora Idalina Calero de Carvalho, compôs o Hino à Imprensa, além de ligeiras composições musicais.

O talento de João revelava-se, desdobrava-se. Ditava as músicas, não admitindo que o maestro uruguaio Acosta fizesse a mudança de um ponto, de uma nota. Guiava os artistas e desenhava os cenários com extremo esmero.

Se o gênio das letras o bafejava, já não acontecia o mesmo com a fortuna. No Cadastro Municipal de Imóveis da Intendência Municipal de Pelotas, livro de 1892 a 1906, consta que lhe pertenciam: uma grande propriedade, à Rua Paissandu, número 2 (a casa que recebeu de seu pai, quando casou), e outra pequena casa, na mesma rua; uma grande propriedade, à Rua 7 de Abril (hoje, Pedro II), número 22, e outra menor, na mesma rua, número 50; na Rua Independência

(hoje, Uruguai), perto da residência do Visconde, os prédios números: 53, 55, 57, 63, 67, 71 e 73.

João Simões Lopes Neto podia ter vivido até o fim da vida como milionário que era e com o conforto a que fora habituado, mas não quis.

Ele tinha talento bastante para saber que o que saía de suas mãos jamais voltaria. Agiu conscientemente, metendo-se em negócios e indústrias que dariam um novo rumo a seus bens e a sua vida. Apenas para citar os principais empreendimentos que lhe valeram sérios prejuízos, embora as advertências dos familiares: um malogrado projeto de apicultura; a drenagem do arroio Santa Bárbara, de Pelotas; as minas de Santa Catarina; uma fábrica de cigarros; uma indústria de vidro; a exploração da pesca, em grande escala.

Quando foi dado por findo o negócio do peixe, João Simões Lopes Neto tinha assumido um alto cargo na Alfândega, cargo esse que devolveu, porque tinha um compromisso com sua mulher, de levá-la ao Rio de Janeiro, para a grande Exposição Nacional.

Apesar de cada vez mais se afundar nesses infelizes negócios, a tal ponto que sua renda ficou por demais diminuída, Simões Lopes Neto nunca deixou de escrever.

Elaborou uma obra notável a que deu o nome de Reforma Ortográfica, e que o Ministério da Educação rejeitou, sob alegação de que era absurda a idéia de querer escrever *machina* com *qui*, *phytica* apenas com *t* e *phosphoro* com *f*.

“Não é possível!” – disse um membro do Senado a um tio de Simões Lopes Neto, no Rio.

“Tem razão, doutor, o phósphoro com *f* é capaz de nem acender...”

João Simões Lopes Neto, vendo seu livro rejeitado, escreveu ligeira contradição à decisão do Conselho de Instrução Pública e não teve resposta.

Começou, então, com o mesmo interesse e entusiasmo, a sua nova obra, Artinha de Escrever, livro encantador, de estilo fácil, com gravuras coloridas feitas por ele, ortografia simplificada, com contos infantis desenvolvidos singelamente, que faria com que as crianças irem habituando-se a amar as nossas coisas, os nossos costumes, as nossas tradições, por seu poder de prender a atenção da garotada. Parecia advogar, vibrante de entusiasmo, a propaganda do nosso folclore e dos costumes do Rio Grande. Era tão grande seu amor

pelo chão, que fundou em Pelotas o primeiro Centro de Tradições Gaúchas.

Era o ano de 1908. Simões Lopes Neto, arruinado economicamente, estava com apenas 43 anos de idade, portanto, no vigor da sua vida. Sabia que tinha forças e mocidade bastante para enfrentar a adversidade. Para amealhar fundos, desfêz-se de seu palacete de moradia e de todos os bens móveis de valor.

Feito isso, alugou uma modesta casa na Rua 15 de Novembro, onde passou a residir.

E atirou-se, com simplicidade, à peleja da pena.

Um dia, confidenciou:

“Estou feliz, Fadinha! Estou cansado dos fracassos comerciais e enjoado do dinheiro que me causou apenas aborrecimentos. Tenho a impressão de estar entrando num período de paz, para realizar o meu sonho”.

E, a um amigo, disse:

“Fiz como o Blau Nunes, o gaúcho que vai figurar na lenda de que te falei, Mendes: tracei sobre o peito uma cruz larga de defesa e fiquei com o coração aliviado, retinindo, como se dentro dele cantasse o passarinho verde...”

Provavelmente, outro que não fosse João Simões Lopes Neto, ao constatar a derrocada de seus bens, teria ficado arrasado. Com ele deu-se justamente o contrário: os prejuízos lhe serviram de incentivo ao trabalho literário a que se entregou de coração, despidendo-se das galas, para entrar definitivamente no mundo encantado das letras, entregando-se de corpo e alma à ocupação conscienciosa das obras que acabaram glorificando-o.

Naquela casa modesta, o escritor pôde espiritualmente meter-se na pele de Blau, para viver dentro dela setenta páginas, retratando-se no vaqueano que abre mão da moeda maldita, para viver na paz abençoada que o dinheiro não compra. Estava certo, segundo as palavras postas na boca da personagem:

“De que era pobre, porém comeria em paz o seu churrasco, dormiria em paz a sua sesta, viveria em paz a sua vida...”

Tinha entendimento copioso para compreender que acabava de sair de um inferno de lutas infrutíferas, atordoantes, para elevar-se à altura do ideal onde refulgia a luz que, havia 30 anos, procurava.

Em 1910, deu por findo o Cancioneiro



Guasca, fazendo com ele sua estréia, obra de paciência, reunindo quadrinhas populares do Brasil inteiro. Trabalho moroso, porque o escritor nessa ocasião estava fazendo conferências em diversas cidades do estado e perdia muito tempo burilando a palestra, até julgá-la uma obra-prima.

Palestras, fez algumas sobre o nosso folclore, com expressões gauchescas, de uma graça extraordinária, e outras cívicas e literárias, onde usava o clássico e o acadêmico, com grande eloquência.

As últimas, não se sabe como foram feitas, pois, além de estar escrevendo os seus contos, era lente da Escola de Comércio, dava aulas particulares e já estava no jornalismo.

Foi nessa época que exerceu o cargo de diretor-redator do Correio Mercantil, e posteriormente do jornal A Opinião Pública, no ano de sua morte.

Em 1912 e 1913, respectivamente, foram publicados Contos Gauchescos e Lendas do Sul, sua obra fundamental, pedra de toque do engenho do escrito, que não procura idealizar a vida campeira, e por isso não corre o risco de falsificá-la. Certamente as suas experiências de menino, as formas de vida e ação que então o envolveram, lhe deram o conteúdo e a expressão de seus contos, chegando a um grau de autenticidade que se pode qualificar de genial.

Não é possível destacar, num trabalho como este, aspectos singulares da obra de Simões Lopes Neto, mas pode-se afirmar, com segurança, que soube melhor do que ninguém exaltar a honra, a bravura, a lealdade, a elevação de sentimento e o espírito de aventura, enfim, definir o protótipo do gaúcho.

Sua sintaxe é dinâmica e cheia de imprevistos. Os arrojados de construção do escritor rio-grandense, com seus cortes bruscos, a expressão condensada ao máximo, pela nudez de seus ingredientes, são soluções como só vamos encontrar na laboriosa experiência dos poetas modernos. Guiado pela intuição de artista nato, escrevia com uma sobriedade e com rasgos de economia estilística que surpreendem.

As imagens, os diálogos, as breves manchas de paisagem, parece que dispensam as palavras e saltam do texto numa animação de formas vivas.

Sua pequena obra se oferece como um retorno ao paraíso perdido das coisas simples. O que ela nos mostra, sob uma atmosfera saudável e viril, são criaturas inteiriças, fiéis à lei do instinto, para o bem ou para o mal. Nenhuma mistura, pois a mistura leva à dúvida e à confusão. Todos os caminhos são claros e abertos, e nos restituem a um mundo onde o milagre acontece a cada momento:

“Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casca das frutas.”

No dia 12 de junho de 1916, foi tomar café, o da tarde, de que tanto gostava, na casa de um parente.

O termômetro marcava três graus, e o vento, acompanhado de neblina, fustigava como chicotadas.

Tomou café, enrolou o pala no pescoço, e saiu. Foi o último café da tarde.

Dois dias depois estava morto. Mais um morto imortalizado nas letras gaúchas.

João Simões desapareceu no vigor dos anos, em meio à vida, deixando caladas para sempre as riquezas incalculáveis do seu talento.

Morreu como um lutador heróico, combatendo por um ideal e deixando obras que não representam apenas uma glória. Elas são também um exemplo de perseverança, dentro de uma vida que foi modelo de dignidade e desprendimento.

(Ensaio Literário apresentado por Ricardo José Stolfo na Academia Passo-Fundense de Letras, em maio de 1976. Originalmente publicado no Anuário da Academia Passo-Fundense de Letras de 1977, p.59-73.)

Traços Biográficos de Clóvis Beviláqua

EURÍPIDES FACCHINI

eu ilustrado patrono, na Academia Passo-Fundense de Letras, é o grande cearense Clóvis Beviláqua, cujos traços biográficos passarei a expor, com imensa alegria, e em homenagem a um dos maiores vultos da sabedoria jurídica no Brasil e a um dos nomes tutelares deste país continental.

Clóvis Beviláqua nasceu a 4 de outubro de 1859, em Viçosa, na Serra de Ibiabapa, no Nordeste Brasileiro, no Estado do Ceará. Veio a falecer na madrugada de 26 de julho de 1944, na cidade do Rio de Janeiro, aos 84 anos de idade, após uma longa e proveitosa existência, a serviço especialmente das letras jurídicas do Brasil e do próprio continente.

A Nação brasileira não olvidou os relevantes serviços prestados por Clóvis, tanto que, através da Lei federal 3426, de 10 de julho de 1958, o então presidente Juscelino Kubitschek ordenou providências para que o país registrasse condignamente o centenário do nascimento de Clóvis, verificado a 4 de outubro de 1959, “num preito de homenagem ao grande juriconsulto pátrio”. Dentre as comemorações incluídas, por ordem presidencial, na programação centenária, figuraram estas: a) a reedição das obras completas de CLÓVIS, para distribuição às bibliotecas públicas, centros de estudos, e aos magistrados em exercício; b) a instituição de um concurso para escolha do melhor trabalho alusivo à Cida e à obra do grande brasileiro; c) a inauguração, no FÓRUM CLÓVIS BEVILÁQUA, na cidade de Fortaleza, da cripta em que seriam depositados os despojos do ilustre juriconsulto; d) a realização de um congresso nacional de Direito na capital cearense; e) a emissão de um selo postal comemorativo do centenário aludido.

A nossa Passo Fundo não esteve ausente dos festejos comemorativos do primeiro centenário de nascimento do inolvidável Clóvis, pois a então nascente Faculdade de Direito local, por escolha

do colega, diretor da época, prof. Reissoly José dos Santos, designou-me para proferir a oração oficial comemorativa, o que ocorreu na data mesma do centenário, na bonita tarde de domingo, 4 de outubro de 1959, quando também se inaugurou, numa das salas do prédio da nossa Escola de Direito, então sediada na Avenida Brasil, uma fotografia do culto cearense.

Neto de italiano e filho do então deputado provincial brasileiro, José Beviláqua, nasceu o nosso Clóvis no tradicional estado do Ceará, província nordestina que já havia dado à pátria comum personalidades ilustres, como José de Alencar (romancista, político e dramaturgo), Franklim Távora (igualmente romancista e político), Capistrano de Abreu (historiador e professor), Araripe Jr. (crítico literário e romancista), Farias Brito (filósofo) e outros filhos destacados.

Clóvis estudou as primeiras letras em Sobral, no seu estado de origem, realizando os estudos secundários em Fortaleza. Aos 19 anos de idade, em 1878, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, concluindo o curso jurídico em 1882, numa turma de setenta (70) bacharelados (o fenômeno de turmas numerosas não é novo...).

Logo depois de formado, Clóvis foi exercer a Promotoria de Justiça na comarca de Alcântara (Maranhão), mas lá permaneceu apenas dois meses, após os quais retornou ao Recife.

Aos trinta anos de idade, depois de vitorioso concurso, assumiu a cátedra de Filosofia, no curso anexo à Faculdade de Direito da capital pernambucana, e passou a lecionar outras cadeiras na mesma Academia de Ciências Jurídicas.

De 1884 a 1899, nosso homenageado passou a produzir valiosas obras jurídicas e trabalhos sobre Filosofia, Economia, Literatura, além de biografias e traduções. Foi Secretário de Estado no Piauí e membro da Assembléia Constituinte do Ceará. Declinou do seu nome para presidente do seu estado natal.

Em 25 de janeiro de 1999, foi convidado pelo então Ministro da Justiça, Epitácio Pessoa, para apresentar o

projeto do Código Civil Brasileiro – a obra prima de Clóvis, que ele concluiu no curto período de seis meses.

Aos 47 anos de idade, Clóvis Beviláqua foi nomeado Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, então superiormente dirigido pelo inigualável Barão do Rio Branco. Aposentou-se Clóvis nesse cargo executivo, em 1934, quando contava com 75 anos de idade.

Em 1920, o ilustre cearense foi escolhido, pela então Liga das Nações, como membro dos tribunais arbitrais, tendo apresentado um projeto sobre a Corte Permanente da Justiça Internacional. Aos 70 anos de idade, foi escolhido membro da mesma corte, e várias contribuições suas foram transformadas em atos de repercussão internacional.

Clóvis foi professor “honoris causa” das Faculdades de Direito de Buenos Aires, São Paulo, Ceará e Maranhão. Foi presidente honorário do Instituto dos Advogados do Brasil.

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897, ocupando a cadeira nº 14, cujo patrono era Franklin Távora, seu conterrâneo e também homem de grande cultura. Dirigiu as revistas “Direito” e “Crítica Literária”.

Clóvis foi membro dos seguintes sodalícios brasileiros: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Academia Brasileira de Letras, Academia de Letras do Ceará, e institutos históricos dos estados de São Paulo, Ceará e Sergipe.

No aspecto internacional, destacou-se a sua efetiva participação na Corte Permanente de Arbitragem de Haia (Holanda); foi sócio correspondente da Academia de Jurisprudência de Quito (Equador) e de Bogotá (Colômbia), e também do Instituto Histórico de Coimbra (Portugal).

Clóvis foi insistentemente convidado para congressos internacionais, mas nunca se afastou do país. Por duas vezes foi convidado para ser ministro do Supremo Tribunal Federal. Tais convites partiram dos presidentes Hermes da Fonseca e Washington Luiz, mas foram

recusados por Clóvis, sob a alegação de que o cargo de ministro da suprema corte não se harmonizava com seu feitio modesto.

Em 19 de fevereiro de 1943, o governo federal incluiu seu nome no Livro do Mérito Nacional, com justificadas razões.

Aspectos da personalidade de Clóvis

O velho cearense foi sempre um espírito suave, tolerante, de muito boa-fé, de particular modéstia e de grande simplicidade.

Casou-se com Amélia de Freitas, filha do desembargador José Manuel de Freitas, destacada figura abolicionista. No lar de Clóvis, tudo inspirava amizade, harmonia, brandura, amor. Nele nasceram quatro filhas: Florisa, Dóris, Veleda e Vitória, que sempre viveram para os idolatrados pais.

A esposa de Clóvis era dotada de invejável cultura literária e filosófica. Onada por um espírito de rara sensibilidade, escritora de mérito, dona Amélia foi sempre notável companheira e inspiradora permanente do esposo. Por ter a Academia Brasileira de Letras recusado inscrição à esposa, o nosso Clóvis resolveu romper com o alto sodalício, de que fora um dos fundadores. A vaga pretendida por Beviláqua era a de Alfredo Pujol (notável prosador, jornalista, ensaísta e jurista fluminense). A atitude estranha da Academia, ao não aceitar a inscrição de Amélia Beviláqua, fundamentou-se no precedente de que o sodalício já havia recusado as inscrições de Júlia Lopes e de Carolina Michaelis. Isso poderia acontecer no “Ano Internacional da Mulher”?

Clóvis usava, indefectivelmente, o seguinte traje: sobrecasaca fechada a três botões, botinas e calças de cor escura, colarinho alto,

gravata mais ou menos clara, e chapéu preto, peças que, nos dias de hoje, pareceriam estranhas.

Ele trabalhava muito e se distraía pouco, como sói acontecer com as cerebrações privilegiadas. Afirmam que não teve aventuras amorosas. Freqüentava assiduamente as livrarias e bibliotecas.

Clóvis era mais conferencista do que orador. Poucos cargos públicos ocupou e logo se afastou da política (deve ter percebido logo que a arte política é mesmo envolvente). Exerceu atividades multímodas.

A existência fecunda de Clóvis apresenta duas fases peculiares: até 1898, lecionou e escreveu obras diversas e, após 1898, começou a preparar-se para a obra máxima e ciclópica da sua vida – o projeto do Código Civil Brasileiro.

Ao longo de sua carreira literária, procurou sempre observar o sábio conselho de Emílio Castelar: para exercer influência no espírito da juventude, deve-se “Escribir Corto, Claro y Culto”.

Formação cultural de Clóvis

Na geração de Beviláqua, exerceram considerável influência sobre os acadêmicos de Direito da época, os seguintes juristas, em grande evidência: Rudolf Von Ihering (cuja obra “A Luta pelo Direito” representou um novo credo para os universitários de então), Hermann Post (também jurista e filósofo alemão) e, entre nós, Tobias Barreto (sergipano de alta estirpe intelec-

tual), cujo ensaio, intitulado “Sobre uma Nova Conceção do Direito”, marcou indelevelmente a evolução jurídica do Brasil.

Os biógrafos de Clóvis asseveram que, no curso acadêmico, ele não revelou grande entusiasmo pelo estudo do Direito. Foi Tobias Barreto quem comunicou a Clóvis as belezas da ciência jurídica, rasgando-lhe horizontes novos. Afirmava-se que Tobias Barreto foi o criador da chamada Escola do Recife, que deu nova orientação ao ensino jurídico no Brasil, mas o consolidador dessa escola foi na verdade Clóvis Beviláqua.

Nos idos da juventude, durante sua formação cultural, Clóvis empolgou-se com Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, Castro Alves, José de Alencar, Alexandre Herculano, Sílvio Romero, Tobias Barreto (nomes um tanto olvidados, hoje); e, dentre os alienígenas, exerceram influência ponderável no espírito e nas preocupações culturais de Clóvis, os seguintes vultos do pensamento universal: Victor Hugo, Lord Byron, George Sand, Taine, Zola, Von Ihering, Herman Post, Littré, Augusto Comte, Spencer, Haeckel, e outros.

Pensamento jurídico-filosófico de Clóvis

O inesquecível jurista cearense perfiou a seguinte definição de Ihering sobre Direito: “é o conjunto das condições existenciais da sociedade, coativamente



asseguradas pelo poder público”. Fiel à concepção evolucionista do Direito, Clóvis acolheu as idéias de Hermann Post, sobre a grande relevância do momento psíquico na elaboração do Direito. O jurisconsulto patricio assevera, a propósito, que o Direito não é só fenômeno social, mas também psíquico: cada homem é dotado de uma consciência jurídica que o impele à conformação dos seus atos com a Lei. Clóvis entende – com o jurista Koehler – que as leis não devem ser interpretadas de acordo com o pensamento e a vontade do legislador, mas sim sociologicamente, como produções do grupo social de que o legislador se faz órgão. Para o jurista patricio, a lei admite mais de uma interpretação no curso dos tempos, devendo ser aceita a mais racional, a mais salutar, a de efeito mais benéfico para todos.

Clóvis foi igualmente “eticista jurídico”, pois afirmou a permanência ética na esfera do direito, admitindo a interferência crescente da moral nas suas concepções jurídicas.

O “eticismo” de Clóvis se evidencia quando ele caracteriza, como “idéias fundamentais do direito”, a justiça, a moral, a liberdade, a solidariedade e a segurança. Afirma, outrossim, o grande jurista brasileiro: “A finalidade do direito é adaptar o homem à sociedade, sem anular-lhe a personalidade; e da moral é harmonizar os espíritos, convergindo para o bem comum”. Na oração parainfantal aos formandos da Faculdade Nacional de Direito, em 12 de dezembro de 1942, Clóvis exortou-os: “Eis uma bela tarefa para os moços que têm preparo jurídico: desenvolver o elemento ético do direito; com a segurança de quem está cumprindo um dever social – estimular a saturação ética do direito”.

Produção bibliográfica de Clóvis

Por mais de cinquenta anos, exerceu o meu ilustrado patrono uma atividade intelectual fecunda. Entre livros, conferências, opúsculos e traduções, Clóvis escreveu cerca de 70 obras. No período de 1895 a 1942, dedicou-se ele exclusivamente à produção de obras jurídicas, atento especialmente à tarefa gigantesca a ele cometida pelo governo central, a saber, a elaboração do projeto do Código Civil Brasileiro, que efetivamente imortalizou o genial filho do Ceará, no campo do direito nacional e também internacional.

Não pretendo analisar, no presente trabalho, a obra portentosa desenvolvida por Clóvis Beviláqua, na elaboração do célebre projeto do Código Civil, sobre o qual já se tinham feito quatro tentativas anteriores, todas infrutíferas, em que pese o gabarito dos respectivos autores. Entretanto, para colocar em evidência, de ligeiro embora, a obra magistralmente realizada por Clóvis (que executou em tempo realmente exiguo – menos de seis meses!), bastaria registrar aqui que o referido projeto do Código Civil alcançou repercussão nacional, recolhendo aplausos inúmeros. Surgiram também críticas respeitáveis, partidas de vultos eminentes das letras jurídicas do país, tais como Rui Barbosa, Inglês de Souza, Coelho Rodrigues e outros. Dentre os juristas estrangeiros, aplaudiram o projeto de Beviláqua os conceituados Lambert (na França), Posada (na Espanha) e Zeballos (na Argentina).

O chamado “Projeto Clóvis”, remetido em janeiro de 1902, pelo Congresso Nacional, ao ilustre professor da Bahia, Ernesto Carneiro Ribeiro, para revisão de linguagem, enseja uma verdadeira “luta de gigantes” entre dois ínclitos baianos: Rui Barbosa, que escreveu então a conhecida “Réplica”, apontada como “obra-prima de uma nacionalidade”, contestada, também com brilho, pelo prof. Carneiro Ribeiro, através da “Tréplica”.

Finalmente, após costumeiras e relevantes delongas no encaminhamento e aprovação do projeto-lei, pelos órgãos do Congresso Nacional, obteve o Projeto Clóvis a derradeira aprovação, em 26 de dezembro de 1915, possibilitando ao então presidente Wenceslau Braz sancionar o primeiro Código Civil Brasileiro, no dia 1º de janeiro de 1916, através da Lei 3071, que determinou que o dito Código entrasse em execução em 1º de janeiro de 1917.

Tão relevante foi a obra realizada por Clóvis Beviláqua e tal a sua repercussão no exterior, que foi logo traduzida para as línguas inglesa, alemã e francesa.

Vale assinalar, de outro lado, que tão profunda foi a obra de Clóvis que, embora vigente há mais de meio século, a nossa lei civil maior ainda conserva as linhas mestras fundamentais que lhe foram inseridas pelo grande jurista cearense, em que pese às profundas transformações econômicas, sociais, jurídicas, culturais, políticas e ideológicas que eclodiram em nosso planeta,

nos últimos decênios. Tanto assim que, na reforma do mesmo Código Civil Brasileiro, executada por equipe de eméritos juristas nomeados pelo Ministério da Justiça, poucas foram as alterações de porte inseridas nele pela ilustrada comissão, o que atesta o alto valor da obra duradoura oferecida por Clóvis à sua pátria há mais de setenta anos. Honra ao Mérito, pois!

Autêntica consagração

Como a testar verdadeira consagração de seus coevos e da posteridade, Clóvis Beviláqua passou a ser conhecido, segundo seus biógrafos, pelos seguintes cognomes: “O maior mestre do Direito no nosso tempo”, “Grande juiz sem toga”, “Emérito jurisconsulto”, “Primeiro civilista”, “Egrégio codificador”, “Primoroso civilista”, “Jurista universal”, “Príncipe das letras jurídicas sul-americanas”, “Construtor definitivo do Direito brasileiro”, “Apóstolo do Bem e da Justiça”, “O varão da serenidade olímpica”, “O supremo jurisconsulto da pátria”, “O sumo pontífice do Direito”, “O imortal codificador do Direito Civil Brasileiro”, “Professor, jurista e literato”, “Jurista insigne”, “Glória das letras americanas”.

É altamente significativo este conceito, emitido por um de seus ilustres biógrafos: “Se Charles Dickens foi uma necessidade artística da Inglaterra, Clóvis foi uma necessidade jurídica do Brasil.”

Acrescente-se que, no velho edifício, hoje inexistente, do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, foi inaugurada uma placa, como homenagem do povo e dos juristas gaúchos ao insigne lidador do Direito, na data em que comemorava os oitenta anos de sua laboriosa e profícuca existência. Eram estas as inscrições da placa: “A Clóvis Beviláqua, Emérito Jurisconsulto, Construtor Imortal do Direito Civil do Brasil. Porto Alegre, 4 de outubro de 1939”.

É interessante registrar, outrossim, que os estudantes da Universidade de Córdoba (Argentina) ofereceram ao grande jurista brasileiro um cartão de ouro, com a seguinte homenagem: “A Clóvis Beviláqua, Codificador, Insigne Jurista, Glória das Letras Americanas”.

Derradeiras homenagens

E foi após uma existência sempre voltada às coisas do espírito, deixando uma bagagem cultural invejável que, na

madrugada de 26 de junho de 1944 (dia em que, por mera coincidência, eu me encontrava na antiga capital federal), veio a falecer, na cidade do Rio de Janeiro, vítima de colapso cardíaco, o grande compatriota. Foi ele encontrado morto em sua mesa de trabalho, tendo ao lado um parecer que começara a elaborar, mas não pudera concluir, por imposição fatídica da Parca implacável. Clóvis morreu, portanto, trabalhando, e aos 84 anos de idade!

O governo federal, ciente do falecimento do inolvidável mestre, ordenou que os funerais fossem realizados a expensas do Poder Executivo, considerando os relevantes serviços prestados à Nação pelo insigne brasileiro. Foi decretado luto oficial e também “Dia de Luto Nacional”, pois havia desaparecido, lamentavelmente, um dos numes tutelares desta pátria continental.

Vale registrar outra homenagem prestada a Clóvis, nestas plagas rio-grandenses, precisamente uma semana após a morte do ínclito jurista (a saber, a 2 de agosto de 1944), quando um brilhante magistrado gaúcho proferiu, na Faculdade de Direito de Porto Alegre, com a verbosidade e exuberância que lhe eram peculiares, uma conferência memorável. Ao referir-se ao grande

Clóvis, falecido poucos dias antes, afirmou o notável conferencista: “O túmulo onde se encerram os seus despojos mortais, transformar-se-á, no amanhã próximo, graças à luminosidade de suas obras ciclópicas e geniais, na castália perene de inspirações cívico-patrióticas do Brasil.” O inteligente conferencista era o desembargador Sólon Macedônia Soares, que jurisdicionou esta nossa comarca de Passo Fundo, deixando aqui os traços luminosos de sua agitada personalidade.

Lição perene do mestre imortal

Eu gostaria de encerrar esta despreziosa, mas sincera e reiterada homenagem ao insigne varão cearense, reproduzindo o Credo Jurídico-Político de autoria do imortal civilista patricio, credo lançado ao país a 3 de abril de 1932. Pelos conceitos profundos que contém, esse Credo deveria ser lido freqüentemente, meditado e seguido, não só pela mocidade universitária brasileira, mas também por todas as lideranças deste país que confiam no direito, na liberdade, na moral, na justiça, na democracia e no patriotismo.

Eis o que, mais uma vez, ensina o mestre aos pósteros, à guisa de testamento espiritual à Nação e ao mundo:

Meu credo jurídico-político

“Creio no Direito, porque é a organização da vida social, a garantia das atividades individuais, a necessidade da coexistência. Fora das suas normas não se compreende a vida em sociedade. IN ÉO VINCIMUS ET SUMUS.

Creio na Liberdade, porque a marcha da civilização, do ponto de vista jurídico-político, se exprime por sucessivas emancipações do indivíduo, das classes, dos povos, da inteligência, o que demonstra ser ela altíssimo ideal, a que somos impelidos por uma força imanente nos agrupamentos humanos: a aspiração do melhor que a coletividade obtém, estimulando as energias psíquicas do indivíduo. Mas a Liberdade há de ser disciplinada pelo Direito, para não perturbar a paz social que, por sua vez, assegura a expansão da Liberdade.

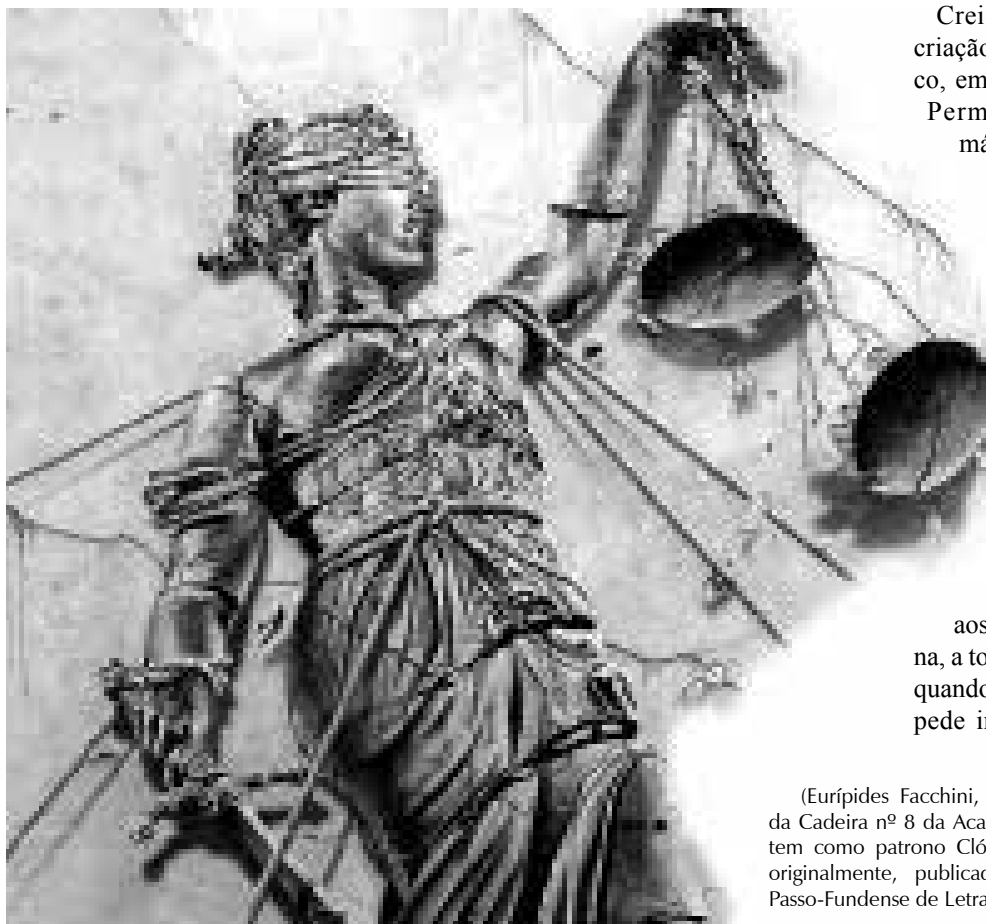
Creio na Moral, porque é a utilidade de cada um e de todos transformada em Justiça e Caridade; expunge a alma das inclinações inferiores, promove a perfeição dos espíritos, a resistência do caráter, a bondade dos corações.

Creio na Justiça, porque é o Direito iluminado pela Moral, protegendo os bons e úteis contra os maus e nocivos, para facilitar o multifário desenvolvimento da vida social.

Creio na Democracia, porque é a criação mais perfeita do direito político, em matéria de forma de governo.

Permite à Liberdade a dilatação máxima, dentro do justo e do honesto, e corresponde ao ideal da sociedade politicamente organizada, como extrair, das aspirações mais generalizadas de um povo determinado, o sistema de normas que o dirija.

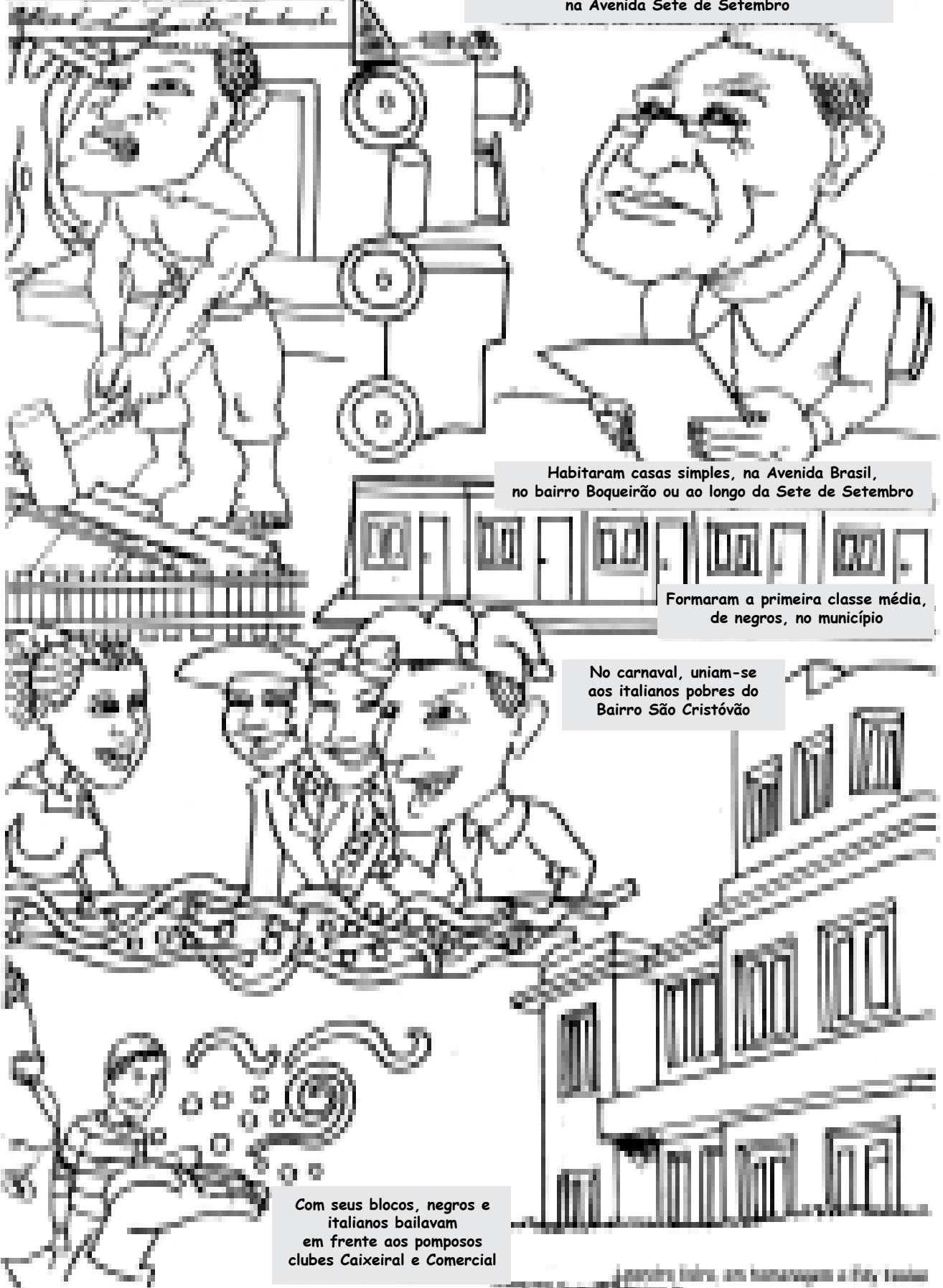
Creio, mais, nos milagres do Patriotismo, porque o Patriotismo é forma social do amor e, como tal, é força irresistível e incomensurável. Aos fracos dá alento, aos dúbios decisão, aos descrentes fê. Aos fortes ilumina, a todos une num feixe indestrutível, quando é preciso agir ou resistir. Não pede inspiração ao ódio e não mede



(Eurípides Facchini, juiz de direito aposentado, é titular da Cadeira nº 8 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono Clóvis Beviláqua. O trabalho acima foi, originalmente, publicado no Primeiro Anuário da Academia Passo-Fundense de Letras, páginas 203 a 214, 1975.)

Negros construíram a estrada de ferro que passava por Passo Fundo.

Terminadas as obras, alguns foram contratados para serviços administrativos na Gare da Viação Férrea, na Avenida Sete de Setembro



Habitaram casas simples, na Avenida Brasil, no bairro Boqueirão ou ao longo da Sete de Setembro

Formaram a primeira classe média, de negros, no município

No carnaval, uniam-se aos italianos pobres do Bairro São Cristóvão

Com seus blocos, negros e italianos bailavam em frente aos pomposos clubes Caixeiral e Comercial

E assim surgiu a UPF

“Se a vida te põe responsabilidade, e apresentas desculpas, a responsabilidade te volta dobrada.”

Murilo Coutinho Annes, nascido em Passo Fundo, em pleno inverno de 1925, é descendente de uma das mais tradicionais famílias da cidade, neto do coronel Gervásio Lucas Annes e filho de Herculano Araújo Annes, advogado e jornalista, fundador do jornal O Nacional.

Desportista (dizem que era um excelente jogador de futebol, em sua juventude), advogado militante, professor, interventor (durante o regime militar) e reitor da Universidade de Passo Fundo, da qual foi um dos fundadores, Murilo Coutinho Annes, na manhã do dia 8 de fevereiro de 2004, conversou com membros da Academia Passo-Fundense de Letras, sobre a história da universidade e sobre sua atuação profissional.

Durante duas horas, os acadêmicos Paulo Monteiro, Santo Verzeleti, Veríssimo da Fonseca, Santina Rodrigues Dal Paz, Jurema Carpes do Valle, Helena Rotta de Camargo, Craci Teresinha Dinarte, Ana Carolina Martins da Silva e Gilberto Cunha questionaram o veterano educador.

Murilo Coutinho Annes falou com liberdade e foi solicitado a opinar sobre os mais diferentes assuntos. Com a franqueza que lhe é peculiar, contou detalhes dos primórdios da UPF e do processo de intervenção, durante a ditadura militar,



em que acabou desempenhando um papel importante.

APL – O Senhor nasceu aqui mesmo, em Passo Fundo?

Murilo Annes – Nasci em Passo Fundo, no dia 12 de julho de 1925, filho do advogado Herculano Araújo Annes e de Cecy Coutinho Annes. Fiz o primário e o ginásio no Instituto Educacional (IE) e o colégio (que seria equivalente ao ensino médio de hoje – nota da APL), no Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Cursei Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, concluindo em 1949.

APL – E o ensino em Passo Fundo, na sua época, era bom?

Murilo Annes – Era muito bom.

Tanto era bom que não tive dificuldade para prosseguir meus estudos em Porto Alegre. No estado, naquela época, eram oferecidas apenas 120 vagas no direito, metade em Porto Alegre, metade em Pelotas. E, no ano em que prestei exames para ingressar na faculdade, só foram aprovados 36 alunos para ingresso no curso. Entre eles estavam Flávio Alcaraz Gomes e Athos Gusmão Carneiro, que foram meus colegas de aula. Depois de formado, vim para Passo Fundo, onde meu pai tinha escritório de advocacia, junto com o Dr. Frederico Daudt.

APL – Quando o Senhor começou a advogar era mais fácil ou mais difícil do que hoje?

Murilo Annes – Era bem mais fácil ser advogado, pois os advogados eram

contados nos dedos das mãos. Em Passo Fundo éramos muito poucos, mais uns três ou quatro rúbulas (pessoas que advogavam sem terem cursado Faculdade de Direito, o que era possível antes da regulamentação da profissão de advogado – nota da APL). Há pouco tempo fiz um levantamento e concluí que, num raio de 150 quilômetros ao redor de Passo Fundo, são formados mil advogados todos os anos.

APL – Seu pai foi o fundador do jornal O Nacional...

Murilo Annes – De fato, meu pai fundou O Nacional, dirigiu e redigiu o jornal até a instauração do Estado Novo. Como essa ditadura exigiu que os jornais somente publicassem as matérias enviadas pela agência oficial do governo, ele vendeu o jornal para outras pessoas. Eram elas: Aladi Berlese de Lima, Elpidio Barbosa, Antonino Xavier e Oliveira, Carlos de Danilo Quadros e Múcio de Castro. Múcio foi comprando a parte dos outros e acabou único dono do jornal.

APL – O senhor se dedicou a um ramo específico do direito ou a diversos?

Murilo Annes – Atuávamos no civil e no comercial. Não atuávamos no crime. E administrávamos a Fazenda Sarandi, que pertencia a uruguaios. Eram três famílias. De duas delas, os Maillou e os Caviglias, me lembro bem. Foi ali que, mais tarde, aconteceu a primeira invasão de sem-terras. Essa fazenda foi comprada em 1909 pelos uruguaios, de uns paranaenses, não sendo permitida a entrada de estranhos. Era mata virgem, com 120 mil pinheiros de corte, sendo, depois, plantadas 360 mil mudas de araucária. Os rendimentos vinham do arrendamento para a criação de gado.

APL – Já que o senhor trabalhou na administração da Fazenda Sarandi, é verdade que, em certa época, naquela região, foi feita uma limpeza de posseiros e que os jagunços recebiam por orelha de posseiro morto?

Murilo Annes – Isso é tudo lenda. Naquela região não havia posseiros. Como já disse, as terras eram arrendadas para criadores de gado.

APL – É verdade que, durante a II Guerra Mundial, muita gente enriqueceu, em Passo Fundo, fazendo contrabando de pneus?

Murilo Annes – O contrabando de pneus era um fato. E enriqueceu muita gente. Mas isso era crime, e nós só atuávamos no Direito Comercial.

APL – Como é que começou a Universidade de Passo Fundo?

Murilo Annes – A Universidade de Passo Fundo começou numa reunião de advogados, para a criação da Faculdade de Direito, sob a liderança do Dr. João Junqueira Rocha, em janeiro de 1950. Na segunda reunião, já compareceu praticamente a elite de Passo Fundo e, em vez da Faculdade de Direito, foi criada a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo (SPU). Sob indicação do Dr. Celso da Cunha Fiori, foi eleito presidente da Sociedade o Dr. César Santos, que era deputado federal, e tinha trânsito “lá em cima” e, como auditor, uma espécie de gerente, o Dr. Reissoli Santos, que era juiz de direito. A secretaria ficou com o Dr. Mário Braga Júnior, e como tesoureiro o Dr. Osvaldo Langoni. A Faculdade de Direito começou logo depois, irregularmente, sendo reconhecida em 1956. Quando a SPU se formou, era prefeito meu tio, Armando Araújo Annes, que deu uma verba de Cr\$ 330.000,00 para comprar a residência da família Barbieux, no centro, onde fica a livraria da UPF. O Dr. César Santos era deputado federal pelo PTB e o Dr. Reissoli concorreu, tendo ficado como suplente. Foram escolhidos 21 conselheiros, dentro do movimento. A SPU era formada por um núcleo muito amplo e representativo, sendo, aos poucos, aparelhada pelo Partido Trabalhista Brasileiro.

Depois de 1964, quando era prefeito Mário Menegaz, unido aos deputados Romeu Martinelli e Augusto Trein, e ao governador Ildo Meneghetti, solicitaram e conseguiram a intervenção do Ministério da Educação na SPU. O ministro da Educação, logo depois da Revolução de Março, a pedido de Ildo Meneghetti, interveio na universidade, e eu fiquei sabendo pelo rádio que tinha sido nomeado interventor. Mais tarde, soube que foi uma indicação do Meneghetti e do Martinelli. Eu era professor de Direito Civil e não tinha vinculação partidária, não tinha ligação com a prefeitura, estava de gaiato. Minha primeira idéia foi dizer não ao Meneghetti. Mas meu pai me deu um conselho, que nunca mais esqueci: “Se a vida te põe responsável, e apresentas desculpas, a responsabilidade te volta dobrada.”

Aceitei o conselho. Fui a Porto Alegre falar com o Meneghetti. Ele solicitou uma auditoria e a eleição de uma nova diretoria. Fiquei dez dias como interventor. Como o Conselho era controlado por militantes do PTB, acabei com o Conselho Consultivo e nomeei eleitores todos os professores em exercício. Fui eleito auditor, que seria o vice-reitor administrativo de hoje. Hoje tem vice-reitor aos montes. Ai começou realmente a briga. Só existia a Faculdade de Direito como curso reconhecido. Conseguimos o reconhecimento das faculdades de Agronomia, Economia, Belas Artes e Odontologia.

“O ministro da Educação, logo depois da Revolução de Março, a pedido de Ildo Meneghetti, interveio na universidade, e eu fiquei sabendo pelo rádio que tinha sido nomeado interventor.”

APL – E a união da SPU e do Consórcio Universitário Católico?

Murilo Annes – O Consórcio Universitário Católico foi criado em 1956, oferecendo cursos na área da Educação, enquanto a SPU era mais na parte técnica. Não havia rivalidade, nem duplicação de funções. Não tínhamos um projeto específico, apenas queríamos uma universidade para Passo Fundo. Universidades só existiam em Porto Alegre e Pelotas. Havia uma disputa entre Santa Maria e Passo Fundo, pela criação de uma universidade federal. Criamos a SPU para consolidar o projeto de uma universidade.

APL – Por que Santa Maria “levou” a universidade federal?

Murilo Annes – Porque alguém conseguiu incluir uma emenda no projeto que criava a Universidade Federal do Mato Grosso... Na minha opinião, não sei se foi vantagem para Santa Maria ter ficado com a universidade federal. No tempo do ministro Tarso Dutra, fizemos campanha para federalizar a UPF, e o Conselho Federal de Educação disse que o Rio Grande do Sul já tinha

Universidade Federal demais.

APL – Por que o senhor entende que Passo Fundo ganhou em não ter uma universidade federal?

Murilo Annes – Porque a administração privada é sempre superior à administração pública. Hoje as universidades federais estão grandemente deficientes, enquanto as universidades particulares conseguem manter-se.

APL – Voltemos ao caso SPU X Consórcio Universitário Católico...

Murilo Annes – Na realidade, a aproximação entre a SPU e o Consórcio Católico começou a se consolidar quando o padre Alcides Guareschi foi colocado na direção. Aí, tem um nome extraordinário no ensino de Passo Fundo, pois conseguiu unir o Consórcio e a SPU, abrindo o Hospital São Vicente de Paulo para a Faculdade de Medicina. Esse nome é Dom Cláudio Colling. Depois podemos lembrar o nome de Mário Menegaz, que virou a SPU de pernas para cima, dirigindo a intervenção, junto com Romeu Martinelli e Augusto Trein.

Quando assumimos a intervenção, esperávamos uma reação muito grande. Ninguém mexeu com professores e funcionários ligados ao grupo anterior, nem mesmo com os antigos presidiários que construíram o prédio da Odonto (na Av. Brasil, centro), sem base suficiente.

APL – Que história é essa de “presidiários” trabalhando na construção da universidade?

Murilo Annes – Aconteceu o seguinte: o Dr. Reissoli, como juiz de direito, “liberou” presidiários para trabalharem na construção de um prédio para a universidade, os quais depois acabaram sendo empregados em serviços de manutenção da SPU.

APL – Mais alguma pessoa que o Senhor considere importante para a consolidação da UPF?

Murilo Annes – O Dr. Sabino Arias, médico residente no Rio de Janeiro. Ele acompanhava, diariamente, nossos processos junto ao Conselho Federal de Educação, especialmente o reconhecimento da Faculdade de Medicina, que foi muito fácil, pois já estava dentro de um hospital. O hospital municipal chegou a ser doado para a Universidade, mas foi retomado por questões políticas. A então direção do Hospital de Caridade (hoje Hospital da Cidade), não quis aceitar nossos alunos. O São Vicente acabou ganhando essa mão-de-obra extraordinária.

A Faculdade de Medicina é um resultado do empenho de Dom Cláudio Colling, ao permitir sua instalação dentro do Hospital São Vicente. Ele não pedia, mandava. E “forçou” a união entre os

dois grupos.

APL – E os recursos para a instalação da Faculdade de Medicina?

Murilo Annes – Em 1965, Tarso Dutra promoveu uma reunião com reitores de 13 universidades, para uma viagem à Alemanha Oriental e à Hungria, solicitando que as faculdades de Belas Artes, Medicina e Engenharia Eletrônica fizessem relação de bens que precisassem. Passamos 35 dias naqueles países. E nossos pedidos foram atendidos. O equipamento veio da Alemanha Oriental e foi instalado no Hospital São Vicente. Era o que tinha de mais moderno naquele tempo, como é o caso dos equipamentos de radiologia e de hemodiálise. Isso fez com que o São Vicente explodisse...

APL – Qual a verdadeira importância do Dr. César Santos para a universidade?

Murilo Annes – O Dr. César Santos era uma espécie de patrono da UPF. Quem realmente trabalhava era o Dr. Reissoly, que montou um esquema de cidade universitária. A SPU ganhou 40 hectares do Dr. Antônio Bitencourt Azambuja, onde hoje é o campus, e comprou outros 120 hectares, com 120 mil brizoletas (espécie de títulos do Tesouro do Estado), quando Leonel Brizola era governador. Foi montada



Murilo Annes (C), primeiro reitor da UPF

uma espécie de complexo agroindustrial, com marcenaria, olaria, pedreira e granja de soja e trigo, onde seria a cidade universitária. Quando assumi, vendi todos esses equipamentos, destinando a área para a educação.

Com o padre Alcides, visitei várias cidades dos Estados Unidos e trouxemos a idéia de um complexo com prédios simples. O Dr. Paulo Fragomeni iniciou a arborização. Começamos instalando o curso de Agronomia, no barracão da marcenaria, que acabou ruindo com a nevasca de agosto de 1965. Construímos o prédio atual, com dinheiro fornecido pelo Ministério da Educação. Começamos a vender cheques-matrícula, com as pessoas pagando antecipadamente as mensalidades de cursos que desejassem cursar mais tarde, e conseguimos recursos para construir os prédios do Direito, da Economia, das Belas-Artes e o Restaurante Universitário.

APL – O Senhor exercia alguma atividade literária?

Murilo Annes - Não. Minha preocupação sempre foi com o direito e com a parte técnica.

APL – E a pavimentação do acesso ao campus?

Murilo Annes – O calçamento ia até a ponte do rio Passo Fundo. Nos dias de chuva era preciso pôr correntes nos pneus dos carros.

Quando o presidente Médici veio inaugurar o asfalto da BR-285, numa sessão solene no Cine Teatro Pampa, com medo de que chovesse, o Batalhão Ferroviário, que estava em Lagoa Vermelha, asfaltou da ponte até o trevo do Bairro São José, em apenas 7 dias, com

uma equipe comandada pelo sargento Garcia. Nunca me esqueci desse nome. Empedrei as ruas do campus e, depois, quando o Dr. Bruno Markus assumiu a reitoria, conseguiu com o presidente Geisel o asfaltamento e a construção de quadras esportivas.

APL – O curso de Belas Artes, como surgiu?

Murilo Annes - O curso de Belas Artes surgiu onde hoje está o Supermercado Zaffari, na esquina das avenidas 7 de Setembro e Brasil. Era mantido pela prefeitura e, mais tarde, passou para a Universidade de Passo Fundo. De início, foi para o prédio onde hoje está o Creati.

APL – E a proliferação de cursos e universidades? A própria Ordem dos Advogados do Brasil está preocupada com a qualidade dos profissionais que estão sendo formados....

Murilo Annes – No meu tempo de moço existiam poucos cursos. Hoje tem profissão para tudo. Para quê? Para ganhar dinheiro. Só falta formarem apartador de briga de urubu em matadouro municipal... Essa proliferação de cursos é muito ruim. A pós-graduação é corriqueira. Tem mestres que não sabem entrar numa sala de aula, que não sabem dar uma aula. O Dr. Celso da Cunha Fiori costumava repetir para seus alunos: “Vou ensinar vocês a advogarem”. E isso é que é importante. Quem não conhece uma profissão, não vai saber ensiná-la.

APL – Voltando à questão da superioridade das universidades privadas sobre as públicas, lembremos o caso da UPF, que já nasceu ganhando um prédio da prefeitura, 120 hectares de terras compradas com dinheiro do

estado, equipamento para a Faculdade de Medicina, calçamento, prédio, quadras de esportes, com dinheiro da União, e continua recebendo verbas públicas, para a instalação do Pólo Tecnológico de Alimentos e realização de eventos... o Senhor não acha que, se o governo investisse nas universidades federais os recursos que destina para as universidades particulares, a história seria diferente?

Murilo Annes – Não sei responder...

APL – Como o Senhor vê a chamada reserva de vagas?

Murilo Annes – Na minha opinião, acho ridícula a reserva de vagas.

APL – A proliferação de cursos, além de vulgarizar as profissões, não está aumentando a concorrência entre os profissionais?

Murilo Annes – É claro. Uma ação, em que um profissional capaz cobra R\$ 1.000,00 para dar entrada dos papéis no Fórum, vem um outro e cobra R\$ 10,00. Depois acaba custando R\$ 2.000,00 para corrigir o que foi mal encaminhado.

APL – Definitivamente, o senhor não advoga e nem leciona mais?

Murilo Annes – Parei de advogar há dois anos. Deixei a UPF em 1986 e não voltei mais lá. Nós, os velhos professores da universidade, lecionamos dois anos inteiros de graça, e depois recebíamos “120 pilas” por mês. Hoje, um mestre, com pós-graduação, ganha em torno de R\$ 4.000,00 por mês, chova ou faça sol.

APL – E a corrupção na Justiça? É coisa recente?

Murilo Annes – Hoje até a Justiça é diferente. Depois do almoço, íamos tomar cafezinho com os juizes. Atualmente, eles se fecham numa sala. A corrupção existe desde que existe o Estado. Antigamente, já existia corrupção. Nos estados da Região Sul, porém, ela é menos visível.

APL – O controle do Judiciário vai funcionar?

Murilo Annes – Na minha opinião, controle do Judiciário é bobagem, pois, dos 11 membros da comissão de controle, 8 serão juizes.



Construção do prédio da Faculdade de Filosofia



Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria - CEP 99010-001 Passo Fundo, RS